



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



EDUARDO RANGEL INGRASSIA

**REDES E NARRATIVAS:
UMA ANÁLISE DAS INTERAÇÕES EM ESPAÇOS DIGITAIS VIRTUAIS**

CANOAS, 2015

EDUARDO RANGEL INGRASSIA

**REDES E NARRATIVAS:
UMA ANÁLISE DAS INTERAÇÕES EM ESPAÇOS DIGITAIS VIRTUAIS**

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado do PPGE do Centro Universitário La Salle como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria Filippozzi Martini

CANOAS, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I24r Ingrassia, Eduardo Rangel.

Redes e narrativas: uma análise das interações digitais virtuais [manuscrito] / Eduardo Rangel Ingrassia. – 2015.

107f. ;30 cm.

Dissertação (mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2015.

“Orientação: Prof^a. Dra. Rosa Maria Filippozzi Martini”.

1. Educação. 2. Educação a distância. 3. Redes. 4. Espaço virtual. .I. Martini, Rosa Maria Filippozzi. II. Título.

Bibliotecário responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

A word cloud of Portuguese terms related to digital education and technology. The words are arranged in a roughly triangular shape, with the largest words being 'Ciberespaço', 'Tecnologia', 'Comunicação', 'Digital', 'Interação', 'Convergência', 'Subjetividade', 'Aproximação', 'Trabalho', and 'Recursos'. Other words include 'Participação', 'Educação', 'Informalidade', 'Rotina', 'Coletivo', 'Real', 'Viver', 'Sujeitos', 'Grupo', 'Diálogo', 'Estudo', 'convivência', 'Coexistência', 'Coexistência', 'Possibilidades', 'Ubiquidade', 'Comunidade', 'Distância', 'Sentimento', 'Sociedade', 'Expressão', 'Presença', 'Narrativa', 'Síncrono', 'Rede', 'Tempo', 'Assíncrono', 'Hibridismo', 'Espaço', and 'Virtualização'.

Ciberespaço
Participação
Educação
Informalidade
Rotina
Coletivo
Real
Viver
Sujeitos
Grupo
Diálogo
Estudo
convivência
Coexistência
Coexistência
Interação
Convergência
Subjetividade
Expressão
Presença
Narrativa
Síncrono
Rede
Tempo
Assíncrono
Hibridismo
Espaço
Virtualização
Possibilidades
Trabalho
Aproximação
Recursos
Digital
Tecnologia
Comunicação
Ubiquidade
Comunidade
Distância
Sentimento
Sociedade

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me acompanhar sempre em todos os momentos dessa caminhada e da minha vida, sem deixar de reconhecer meu esforço para alcançar mais esse objetivo.

Aos meus pais Fátima e Édison, por serem exemplos em minha vida, por não medirem esforços para que me tornasse o homem que sou hoje, pelo carinho, amor e dedicação incondicionais e por todo incentivo nessa caminhada.

Aos meus irmãos Édison, Talita e Marco Antônio, pela confiança, apoio, valorização, ajuda e por serem pessoas maravilhosas que estão sempre ao meu lado.

À minha admirável orientadora professora Rosa Martini, pela paciência, apoio, confiança e companheirismo nessa caminhada, por cada conversa com sentimento e valorização, por me ensinar coisas da vida e de nossos estudos.

À professora Luciana Backes, que acompanhou essa trajetória e não mediu esforços para me mostrar novos caminhos e possibilidades a serem explorados, por incentivar a coragem e a ousadia que me movimentaram até aqui.

Á amiga Paula por todas as ajudas, conversas, trocas e incentivos.

Ao corpo docente do PPGEdu do UNILASALLE, que com excelência proporcionaram minha formação, em especial aos professores Leonidas, Elaine, Cleber, Maria Ângela, Vera Lúcia e Balduíno, bem como a Silvia pelas relações de auxílio sempre que necessário.

Aos meus colegas e alunos da Faculdade Cenecista de Osório, da Universidade Aberta do Brasil Balneário Pinhal e da EMEF Ildo Meneghetti, por entenderem minhas ausências.

Aos estudantes que possibilitaram a realização desse estudo.

“Eu pesquiso saber o que eles sabem, o que eles querem, e como eles vivem. Suas falas e textos são um acesso privilegiado a suas consciências. Examino as palavras e os temas que são mais importantes para eles, pois assim terei materiais da realidade.”

FREIRE e SHOR

RESUMO

A presente dissertação de mestrado está vinculada à linha de pesquisa de Cultura, Linguagens e Tecnologias na Educação, onde se revela um estudo frente às possibilidades nos cenários contemporâneos para a Educação a distância (EAD), ampliando essas através da compreensão do habitar novos espaços para efetivar ações de acompanhamento, vivência, relação e aprendizagem. Apresenta-se a trajetória da EAD pontuando evoluções, conquistas, desafios e entraves, através de suas gerações, contextualizando seus movimentos iniciais até o surgimento das Tecnologias Digitais na perspectiva de Moore e Kearsley (2010), Moran (2011) e Kenski (2013). Nesse caminho são explorados os espaços digitais virtuais, como possibilidades para as ações educativas e sociais, revelando assim princípios da coexistência a partir da presença efetivada de forma geograficamente localizada e virtual, trazendo para o estudo as contribuições de Santos (2012), Lévy (2010), Santaella (2007, 2010, 2013) e Backes (2013). Agregando aos assuntos abordados foca-se, com base no estudo de caso em um cenário de estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia a distância, da Universidade Federal de Pelotas, na busca por compreender as participações dos mesmos em diferentes espaços digitais virtuais, como relevantes para as ações educativas. Nesse processo a proposta do hibridismo tecnológico digital, Backes (2013), ganha expressão ao compreender a formação de redes sociais e de comunicação, Recuero (2010), nos espaços do Ambiente Virtual de Aprendizagem – Moodle e na mídia Facebook. O presente estudo visa contribuir para as pesquisas e ações frente à oferta da EAD, na perspectiva das possibilidades que surgem através das Tecnologias Digitais e consequentemente do ciberespaço. Através das análises das narrativas dos estudantes e de seus movimentos híbridos, apresentam-se meios para pensarmos a educação partindo da valorização da participação, presença e existência, sem barreiras geográficas, que oportunizam novos meios para viver e conviver em sociedade e fazer educação.

Palavras-chave: Educação a distância. Redes. Narrativas. Coexistência. Espaço Digital Virtual.

ABSTRACT

This master thesis is linked to line Culture, Languages and Technologies in Education research, through which reveals a study on the possibilities available in contemporary settings for Distance Learning (ODL), expanding these possibilities by understanding the housing of new spaces to actualize actions of accompaniment, experience, relationship and learning. Presenting the trajectory of the ODL are listed their evolutions, achievements, challenges and barriers, through their generations, Contextualize their initial moves until the appearance of Digital Technologies in perspective of Moore and Kearsley (2010), Moran (2011) and Kenshi (2013). In this way the virtual digital spaces are explored as possibilities for educational and social actions, thus revealing principles of coexistence from the effective presence of geographically located and virtual form, bringing to study the contributions of Santos (2012), Levy (2010), Santaella (2007, 2010, 2013) and Backes (2013). Adding to the subjects covered, focuses, based on case study in a scenario of students of the Course Graduation of Pedagogy from a distance, the Federal University of Pelotas, in seeking to understand the participation of these students in different virtual digital spaces, as relevant for educational activities. In this process the proposal of digital technology hybridity, Backes (2013), finds expression to understand the formation of social and communication networks, Recuero (2010), in the spaces of the Virtual Learning Environment - Moodle and Facebook. This study aims to contribute to the research and action on the supply of ODL, in view of the possibilities that arise through the Digital Technologies and consequently cyberspace. Through the analysis of the narratives of students and their hybrids movements, we present means to think of education starting from the appreciation of participation, presence and existence, without geographical barriers which nurture new ways to live and be in society and education.

Keywords: Distance Learning. Networking. Narratives. Coexistence. Virtual digital space

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de EAD.....	24
Figura 2 – Folder de cursos por correspondência (1980).....	26
Figura 3 – Estrutura do ensino por correspondência.....	27
Figura 4 – Gerações da EAD	31
Figura 6 – Ciberespaço e os EDVs	46
Figura 7 – Tela de acesso AVA – Moodle	51
Figura 8 – Tela inicial AVA – Moodle	52
Figura 9 – Acesso ao Eixo AVA – Moodle.....	53
Figura 10 – Estrutura dos recursos no Eixo AVA – Moodle	53
Figura 11 – Estrutura do recurso de Fórum AVA – Moodle.....	54
Figura 12 – Chat AVA – Moodle.....	55
Figura 13 – Redes sociais na internet	59
Figura 14 – Tela inicial Facebook.....	62
Figura 15 – Ferramentas para participação no Facebook.....	63
Figura 16 – Espaço de mensagem no Facebook	63
Figura 17 – Mensagem aos usuários do Facebook.....	64
Figura 18 – Esquema de Hibridismo Tecnológico Digital	67
Figura 19 – Estrutura dos passos da pesquisa	81
Figura 20 – Formação das redes	95
Figura 21 – Conexões dos atores	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Eixos do CLPD	36
Tabela 2 – Percentual de estudantes	40
Tabela 3 – Faixa etária dos estudantes	42
Tabela 4 – Síntese das categorias de análise	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ferramenta de interação no Facebook	76
Gráfico 2 – Ferramenta de interação no AVA – Moodle	77
Gráfico 3 – Acesso no Facebook e AVA – Moodle	78
Gráfico 4 – Acesso no Moodle	78

LISTA DE ABREVIATURAS

AVAs	- Ambientes Virtuais de Aprendizagem
CEAD	- Centro de Educação a Distância
CLPD	- Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância
EAD	- Educação a Distância
EDVs	- Espaços Digitais Virtuais
HTD	- Hibridismo Tecnológico Digital
MSD	- Mídia Social Digital
SRS	- Site de Rede Social
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDs	- Tecnologias Digitais
UAB	- Universidade Aberta do Brasil
UABBP	- UAB de Balneário Pinhal
UFPEL	- Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNILASALLE	- Centro Universitário La Salle

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR	16
3	CAMINHOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: TRAJETÓRIA HISTÓRICA E OS CENÁRIOS CONTEMPORÂNEOS	21
3.1	Gerações da educação a distância: perspectivas e cenários	25
3.2	Universidade Aberta do Brasil (UAB)	32
<i>3.2.1</i>	<i>Universidade Aberta do Brasil no Polo Balneário Pinhal</i>	34
3.3	Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância (CLPD)	35
<i>3.3.1</i>	<i>O entorno e seus sujeitos: cenário da pesquisa</i>	39
4	ESPAÇOS DIGITAIS VIRTUAIS: ESCOLHAS E PONTOS EM CONVERGÊNCIA	45
4.1	Os espaços digitais virtuais e o real	48
4.2	AVA – Moodle	50
4.3	Facebook: um EDV de Rede Social	56
4.4	Moodle e Facebook: pontos em convergência e as possibilidades para educação	65
<i>4.4.1.</i>	<i>A escolha dos EDVs para ações na EAD: análise das falas dos sujeitos do CLPD</i>	67
5	NARRATIVAS NOS ESPAÇOS DIGITAIS VIRTUAIS: ANÁLISE DAS INTERAÇÕES E DAS REDES	80
5.1	Caminho metodológico	81
5.2	Narrativas dos sujeitos nos espaços digitais virtuais	83
<i>5.2.1</i>	<i>Estilo da narrativa</i>	84
<i>5.2.2</i>	<i>Contribuições pedagógicas</i>	89
<i>5.2.3</i>	<i>Relação de cooperação</i>	91
5.3	Redes e narrativas: interação em EDVs	94
6	CONSIDERAÇÕES E PROSPECÇÕES: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESPAÇOS NA EAD	98
	REFERÊNCIAS	102
	APÊNDICE A	106

1 INTRODUÇÃO

Construir é sempre um ato que envolve trabalho, coragem e dedicação, ainda mais se diz respeito a algo no campo da educação. Quando construímos vamos desvendando etapas e descobrindo sempre algo novo, que, aos poucos, vai ganhando forma e significado. Construir também demanda planejamento, paciência e estudo.

A presente dissertação está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle, no curso de mestrado acadêmico em Educação. Os estudos abordados na mesma visam contribuir para a linha de pesquisa de Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação que “investiga as tecnologias digitais e virtuais, suas linguagens e seus impactos na educação” (UNILASSALE, 2014).

A pesquisa revela um estudo de caso que pontua as ações de estudantes inseridos na proposta de educação a distância oferecida pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil, voltando o olhar para os movimentos que realizam em espaços digitais virtuais.

Este estudo está organizado de maneira diversificada, a qual integra ao longo de seus capítulos, de forma contextualizada, referencial teórico, metodologia de pesquisa, apresentação do campo e dos sujeitos participantes e análise dos dados, pretendendo assim tornar a leitura dinâmica.

Optamos pela construção através da narrativa por acreditar que ela apresenta de forma contextualizada as descobertas oriundas da pesquisa, podendo assim proporcionar maiores contribuições para a área que esta se vincula, e por ter clareza que em uma pesquisa precisamos encontrar caminhos que não apontem o fim, e sim novos começos.

As contribuições estão voltadas ao campo de ações na educação a distância frente às possibilidades que são encontradas atualmente em nossa sociedade, onde é possível estar presente de diferentes formas habitando espaços digitais virtuais.

Sendo assim, iniciamos este estudo apresentando a trajetória do pesquisador, revelando os motivos e objetivos que impulsionaram a escolha do tema explorado. No viés acadêmico resgatamos os movimentos desde os cursos de formação inicial até o ingresso no Curso de Mestrado. No que tange a jornada profissional trazemos

para a escrita a caminhada na área da educação, dando ênfase para o ingresso no Magistério do Ensino Superior.

Ao apresentar a justificativa deste estudo relacionamos a necessidade desta pesquisa como fator que surge no exercício da profissão do pesquisador e nas vivências e experiências iniciadas no curso de graduação em Pedagogia.

Em sequência apresentamos no capítulo 1, *Caminhos da Educação a distância: trajetória histórica e os cenários contemporâneos*, um caminho que percebe as ações desta modalidade de ensino como fundamentais para nossa sociedade contemporânea. Sendo assim revelamos aspectos frente ao seu surgimento destacando os objetivos iniciais de implementação, os quais buscam proporcionar maior acesso à educação para diferentes segmentos de nossa sociedade, principalmente para as classes menos favorecidas, sejam estas por questões sociais, de localização geográfica, financeiras ou culturais. Apresentamos seu aparecimento no cenário internacional até a chegada em nosso país.

Ao falar em trajetória histórica, elencamos as gerações que caracterizam cada fase da EAD, até as propostas que hoje vivenciamos, sendo caracterizadas em quatro gerações pelos autores Moore e Kearsley (2010), acompanhados de estudiosos dessa área que contribuem para a construção da escrita.

Ao apresentar as trajetórias da EAD em quatro gerações estabelecemos a relação com cenários que caracterizam cada uma delas, destacando suas dinâmicas de oferta e estabelecendo reflexões frente às possibilidades e avanços conquistados com o surgimento das tecnologias digitais e do ciberespaço.

Ainda no primeiro capítulo abordamos o histórico da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a proposta pedagógica do Curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da Universidade Federal de Pelotas (CLPD), os quais dizem respeito ao campo de pesquisa. Ao apresentar o campo de pesquisa trazemos também informações que caracterizam os sujeitos inseridos no campo, através de dados quantitativos, precedidos de análise qualitativa em uma relação dialógica, baseados nas expressões das pesquisas e na experiência do pesquisador como docente que acompanhou o grupo de estudantes participantes deste estudo durante todo o período de sua formação.

Por fim neste capítulo revelamos o real *corpus* deste estudo apresentando a expressão de nove estudantes, que após efetivarem seu vínculo com esta pesquisa

procedendo à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, participaram e disponibilizaram materiais que subsidiaram essa construção.

No capítulo 2, *Ciberespaço e os Espaços digitais virtuais: escolhas e pontos em convergência*, damos sequência aos estudos frente às possibilidades do ciberespaço na EAD, revelando dentro dessa proposta os espaços digitais virtuais (EDVs), caracterizados como espaços que possibilitam convivência e processos de comunicação e interação.

Nessa perspectiva destacamos alguns conceitos: espaço, tempo, digital e virtual, afim de expandir os conhecimentos nessa área e conseqüentemente suas possibilidades na educação.

Através da apresentação dos espaços digitais virtuais selecionados para a pesquisa, sendo eles o AVA – Moodle e o Facebook destacamos suas estruturas, revelando seus recursos e quais possibilidades eles apresentam.

Nesse sentido apresentamos os princípios de coexistência através do conceito de Hibridismo Tecnológico Digital, Backes (2013), que revela a possibilidade de participar e conviver em espaços diferentes em tempos cronologicamente iguais.

Ao trabalhar com o Facebook, estabelecemos uma relação conceitual que permite pensá-lo com um espaço digital virtual que viabiliza a construção de redes sociais, como suporte nos estudos de Recuero (2010), que revela esse movimento a partir de relações estabelecidas entre atores e suas conexões, advindas dos processos de interação. Ainda contextualizamos com as contribuições de outros estudiosos da área, dos quais destacamos Santaella (2010, 2013) por dar maior visibilidade para as possibilidades que são apresentadas pelo universo da comunicação nos dias atuais.

Ao falar em convergência e escolha de espaços, apresentamos o questionário disponibilizado para os estudantes, bem como suas respostas na íntegra, por tratar-se de um instrumento conciso e de um grupo pequeno. As análises dos mesmos subsidiam aspectos que levam a perceber os motivos que vão dando forma e significado para pensar em contribuições para EAD ao explorar a participação em diferentes espaços em suas ações educacionais.

No capítulo 3, *Narrativas nos espaços digitais virtuais: análise das interações e das redes*, revelamos como ocorrem os processos de interação a partir da experiência dos estudantes do CLPD. Iniciamos apresentando o caminho metodológico da pesquisa, destacando os motivos que levaram a escolha pelo

estudo de caso, bem como salientando a importância do estudo de caso e do caráter qualitativo nas análises.

Em sequência são apresentados recortes de narrativas expressas pelos sujeitos nos EDVs: Moodle e Facebook, onde são analisados por três categorias: 1 - Estilo de narrativa; 2 - Contribuições pedagógicas; 3 - Relação de cooperação. As categorias construídas buscam dar visibilidade ao caminho apresentado nos capítulos anteriores, para a concepção de novos olhares para as ações de convivência e participação em nossa sociedade e na educação.

Por fim, o estudo destaca as *Considerações e Prospecções: contribuições para os estudos da EAD*, onde é apresentada uma análise geral do estudo produzido, trazendo as considerações que ficam e principalmente as prospecções que a pesquisa motiva a seguir explorando, tendo em vista que nessa área não podemos realizar ações que findam e sim que abrem sempre novas possibilidades.

Sendo assim, a presente dissertação busca de maneira contextualizada e pontual revelar aspectos dos estudos da EAD, algumas contribuições frente ao ciberespaço e suas possibilidades de participação e convivência nos espaços digitais virtuais, mostrando novos meios de estar presente na sociedade e nos espaços de formação educacional.

O propósito deste estudo é motivar novos olhares e possibilidades frente ao universo disponível que temos ao alcance de nossas mãos.

2 TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR

Busca **Formação**
Justificativa
Possibilidades
Anseios **Motivos**

Refletir e registrar os motivos que me impulsionaram a produzir este estudo me faz rememorar minha trajetória acadêmica e profissional, uma vez que a mesma está intimamente ligada a esses dois aspectos. A educação vem fazendo parte de minhas ações desde as formações iniciais básicas até os movimentos que me levaram ao exercício da profissão. Ingressando no curso Normal de Nível Médio há pouco mais de uma década, a jornada e as inquietações dos saberes profissionais ganharam espaço à medida que incorporava vivências práticas e ampliava meus conhecimentos teóricos.

A realidade do meio no qual estava inserido não possibilitava o acesso aos estudos no nível superior próximo de casa. Apesar desta dificuldade, busquei informações das instituições de ensino superior nas quais poderia pleitear o acesso. A instituição mais próxima de minha residência ficava a 210km de distância. Sendo assim, o foco voltou-se para essa instituição, uma vez que os horários e possibilidade de moradia em uma cidade que oferecesse ensino federal não eram viáveis.

Na época de meu ingresso no curso de graduação (2006), no meio que estava inserido, pouco se falava em cursos de graduação na modalidade de Educação a distância (EAD), algumas universidades já investiam nessa modalidade, porém a divulgação, diferentemente do que vemos nos cenários atuais, não era tão expressiva, sendo inclusive taxado como ensino de qualidade inferior. Sendo assim, mesmo diante de muitos desafios iniciei a graduação em Pedagogia, fato de grande conquista pessoal e profissional.

Questões de tempo e financeiras foram tornando-se problemáticas, uma vez que trabalhava como professor em dois municípios, distantes um do outro, onde o do turno da tarde que antecedia o turno das aulas da graduação, ficava 35km distante do ponto de saída do transporte que iria percorrer mais 210km. A importância de prosseguir o curso de Pedagogia tornou-se meu maior objetivo, pois

não era simplesmente o fato de cursar uma graduação que me motivava a continuar, mas sim perceber o quanto meu exercício profissional necessitava dessa formação, qualificando meus saberes e me fazendo refletir frente às ações de minha prática.

Muitos foram os momentos que me fizeram repensar a escolha em priorizar essa graduação, porém jamais foram suficientes para torná-la uma segunda opção. Algumas aulas tornaram-se distantes, onde em meio a uma explicação e outra o cansaço era mais forte. Muitos cursos de formação extraclasse deixaram de fazer parte de meu currículo formal, neste período, uma vez que os fatores de tempo e custos não permitiam estar envolvido.

No último ano de curso, a euforia tomou conta da rotina, em que vislumbrar o término dessa jornada, era a concretização de momentos que até então faziam parte somente de conversas e sonhos trocados com colegas e familiares. Não diferente de toda a jornada, mais um fator surgia, ao efetivar a que seria a última matrícula, um novo obstáculo foi apresentado: a atualização do currículo do curso de Pedagogia, onde algumas disciplinas já cursadas não fariam parte da nova grade curricular, ocasionando a necessidade de cursar disciplinas que fariam a devida substituição, o que conseqüentemente aumentaria um semestre para a conclusão do curso. Esse fator não esperado causou a necessidade de procurar novas alternativas, uma vez que o término do curso não podia ser adiado.

Como de costume, na instituição, verifiquei meu aconselhamento de matrícula que indicava a possibilidade de conclusão do curso no semestre esperado, uma vez que duas disciplinas a serem cursadas, não mais disponíveis presencialmente, seriam ofertadas na modalidade EAD, onde sem dúvida a decisão, por estar inserido nessa modalidade, foi efetivada. No instante de optar pela matrícula que integrava as disciplinas presenciais e a distância, meu primeiro pensamento foi o de que seria mais fácil cursar as disciplinas em EAD do que as presenciais, pois os cursos em EAD eram popularmente tidos como uma educação menos rigorosa, onde uma dedicação razoável bastava.

A conclusão de minha graduação no ano de 2009 foi o disparador para as futuras investidas em minha profissão, nas quais os saberes teóricos e práticos me deram a certeza de estar no caminho certo durante todo o período de curso. O final da graduação abriu um novo começo, pois experimentando na prática o que é ser um aluno de EAD motivou-me a seguir incentivando o ingresso dos estudantes nessa modalidade, que pode ser sim de qualidade, na qual o compromisso,

interesse e dedicação dos sujeitos envolvidos são fatores determinantes, assim como no ensino presencial.

As primeiras contribuições frente à necessidade de informar colegas e alunos sobre essa modalidade foram através de falas em espaços da sala de aula e sala dos professores. Oportunidades profissionais foram sendo cada vez mais ampliadas, abrindo portas não somente para trabalhar com alunos, mas também diretamente com os professores. As vivências em cargos de gestão e supervisão educacional me levaram a buscar essa formação em nível de especialização na área.

O curso de especialização em Supervisão Pedagógica e Gestão Escolar, também cursado presencialmente, trazem para o cenário, desafios e inquietações sobre a formação de professores. Nesse momento dois elementos eram unificados em minhas buscas no campo educacional: cursos de graduação na modalidade EAD e a importância da formação docente.

A atuação direta com professores no exercício da supervisão pedagógica me possibilitou perceber alguns aspectos mais necessários a serem trabalhados. Um curso de Mestrado para aprofundar os conhecimentos nessa área ainda não era possível, porém os experimentos práticos e leituras na área foram alimentando minha curiosidade e motivação.

Com muitos planos em mente e o tempo bastante ocupado com as atividades profissionais, a dedicação estava voltada ao exercício de minha profissão, que de uma forma inesperada, partindo de uma atividade vivenciada na escola em que atuava, desacomodou a rotina na qual aos poucos me inseria. Um grupo de profissionais da Secretaria de Educação do município vizinho no qual trabalhava foi até a escola para divulgar a abertura de cursos de graduação, licenciaturas ofertados na modalidade EAD por instituições federais de ensino, que tinham encontros pedagógicos e suporte administrativo presenciais, através da parceria instituída pelo programa Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Os professores da escola, em quantidade expressiva, não possuíam graduação e mesmo interessados duvidavam da legitimidade dessa oferta, foi quando procurei auxiliar com minha experiência na construção de uma visão positiva para a mesma.

A curiosidade me levou a conhecer as instalações da UAB Polo de Balneário Pinhal (UABBP), localizada no município no qual residia, o que me deixou encantado pela proposta e iniciativa. Foi então que na conversa com a coordenadora da instituição fui informado do processo seletivo de docentes do curso de Licenciatura

em Pedagogia a distância (CLPD) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Prontamente, comecei a reunir a documentação e munido do edital me inscrevi para vaga de tutor presencial. A seleção previa três etapas:

- a) prova de conhecimentos pedagógicos;
- b) análise de memorial e currículo Lattes;
- c) entrevista e avaliação de desempenho pedagógico.

Cada aprovação nas etapas da seleção me fazia perceber o quão próximo estava de vivenciar experiências voltadas ao interesse despertado na graduação e potencializado na especialização.

Após dois meses do início da seleção, fui informado de minha classificação final como aprovado. Formações na instituição-sede do curso começaram a fazer parte de minha rotina, em busca da preparação para o exercício efetivo que batia à porta.

A nova atuação que iria me colocar frente ao acompanhamento de estudantes de nível superior previa ações em dois cenários: presenciais e virtuais, onde aos poucos fomos aprendendo a habitá-lo coletivamente (docentes e estudantes).

Conforme foram avançando os semestres no curso, as atividades no AVA se potencializavam, tornando os encontros presenciais voltados para relações de auxílio foi então que a necessidade de qualificar os processos de comunicação e interação por meio de espaços digitais virtuais tomou conta de novas explorações.

No ano de 2013, com a oportunidade de ingressar no curso de Mestrado em Educação, abriram-se novas possibilidades para ampliar as ações em minha atuação no nível superior, trazendo não só novas intervenções para a rotina, mas sim o aprofundamento de saberes teóricos que viriam a integrar ações de pesquisa e investigação no meio social e acadêmico. Neste mesmo ano novas oportunidades surgem com o convite para trabalhar como tutor a distância em uma Faculdade privada.

Trabalhando em três instituições diferentes, distantes uma das outras, e fazendo o curso de Mestrado, novos impedimentos foram surgindo. No segundo semestre de 2013 recebi a proposta de promoção do cargo de tutor a distância para professor do curso de Licenciatura em Pedagogia, ofertado nas modalidades a distância e presencial, muito contente aceitei, porém essa decisão acarretou a impossibilidade de cursar as disciplinas do curso de Mestrado naquele semestre.

Sabendo da possibilidade de trancamento do curso por um semestre o fiz, sem perder de vista o retorno, o qual efetivei em 2014. Novos desafios e atividades me afastaram por um período de uma das instituições na qual trabalho para que pudesse me dedicar às atividades do curso de Mestrado, essa decisão rendeu um diálogo que marcou minha vida, pois o medo que senti me fez ousar e vencer os novos desafios.

Assim ousei em construir um estudo que revela vivências que me fazem perceber o quanto a educação pode avançar a partir das possibilidades que dispomos em nossos atuais cenários.

3 CAMINHOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: TRAJETÓRIA HISTÓRICA E OS CENÁRIOS CONTEMPORÂNEOS



Quando falamos em Educação a Distância (EAD) muitas vezes pensamos em uma modalidade de ensino que há pouco tempo faz parte de nossa sociedade, porém ao estudarmos seus movimentos nas ações da educação percebemos que ela faz parte deste cenário a um considerável tempo. Atualmente encontramos, nos estudos sobre essa modalidade de ensino, diversos discursos e formas para apresentar as origens e concepções de suas propostas educativas e conseqüentemente metodológicas, que proporcionam reflexões frente as suas possibilidades¹ e entraves.²

Ao iniciar este diálogo, é importante ressaltar que a EAD tem sido uma alternativa de ensino/aprendizagem, principalmente em um cenário marcado pelas dificuldades de acesso de nossa população ao ensino formal e pelas altas taxas de defasagem de escolarização e de analfabetismo (CORRÊA, 2007, p. 9).

Pontuando inicialmente algumas considerações frente à EAD, parto do que Corrêa (2007) nos revela apresentando alguns objetivos que deram vida a essa modalidade em nosso país, onde a EAD surge inicialmente afim de proporcionar acesso à educação para sujeitos de classes sociais marcadas pelo impedimento de estar inserido e prosseguir nos estudos, seja por razões sociais, econômicas e/ou culturais. Na perspectiva de conhecer e explorar o surgimento da EAD, a autora contribui ainda salientando a importância de “lembrar que a EAD se instituiu no

¹Referente à dinâmica de oferta que possibilita o acesso à educação sem exigir a presencialidade física, oportunizando acesso para mais pessoas e quebrando barreiras do ensino tradicional formal.

²Apesar da diversificação das dinâmicas da EAD para as ações educativas, são presentes ainda nos dias atuais entraves como “currículo fragmentado, carga horária, formação deficiente de professores para o uso pedagógico das novas tecnologias” (KENSKI, 2013, p. 94), e demais impedimentos de esfera administrativa e pedagógica peculiares das ações cotidianas.

cenário internacional com base no princípio da democratização da educação, surgindo para responder uma série de necessidades educacionais” (CORRÊA, 2007, p. 10). Esse princípio nascido nos cenários internacionais foi recebido e vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil, uma vez que se têm ampliado as discussões frente a aspectos que caracterizam essa modalidade, sendo a mesma vista como possibilidade de deflagrar a educação em diversos espaços e para diferentes níveis de formação, visando desconstruir a ideia de que para estar inserido em atividades educacionais é preciso participar de ações realizadas em espaços³ e tempos⁴ determinados.

Nesse sentido, pensar a educação a distância como movimento que gera mudanças nas configurações e nas concepções do fazer educação, é uma discussão necessária. Moore e Kearsley (2010) revelam que a EAD está relacionada à mudança, uma vez que:

[...] a educação a distância é, ao mesmo tempo, uma causa e um resultado de mudanças significativas em nossa compreensão do próprio significado da educação, bem como de mudanças mais óbvias na compreensão de como ela deveria ser organizada. No nível mais óbvio, a educação a distância significa que mais pessoas estão obtendo acesso mais facilmente a mais e melhores recursos de aprendizado do que podiam no passado, quando tinham de aceitar somente o que era oferecido localmente. [...] alunos de áreas rurais ou de regiões no interior das cidades, poderão fazer cursos nas mesmas instituições e com o mesmo corpo docente que anteriormente estavam disponíveis apenas para alunos em áreas privilegiadas e residenciais de bom nível (MOORE e KEARSLEY, 2010, p. 20-21).

Assim podemos dizer que a EAD proporciona uma mudança que aproxima o que por vez era distante, que antes limitava o acesso de muitos sujeitos à educação. As distâncias nessa modalidade não são vistas como impedimento de estudos e sim como algo que precisa um olhar diferenciado para ser possível concretizar ações pedagógicas.

³ Segundo Santos (2012) podemos definir o espaço em diferentes concepções. Neste momento destaco o entendimento de espaço como o de “uma nação – sinônimo de território, de Estado” (SANTOS, 2012, p. 150). Assim é importante trazer o significado de território que diz respeito a “grande extensão de terra. Área de um país, de um Estado, de uma cidade etc.” (<http://www.dicio.com.br/territorio/>). Sendo assim o espaço aqui é percebido como a localidade física (casas, prédios, etc.).

⁴ O tempo atrelado ao espaço refere-se ao estar presente em momento definido, que é mensurado por dias e horas. É possível definir para essa compreensão que o tempo é o “período sem interrupções no qual os acontecimentos ocorrem; continuidade que corresponde à duração das coisas.” (<http://www.dicio.com.br/tempo/>).

Moore e Kearsley (2010) salientam que através das atuais Tecnologias Digitais (TDs) é possível acompanhar e estabelecer ações de comunicação e interação entre sujeitos espalhados por diferentes espaços geograficamente localizados, tendo esses acessos a instituições de ensino e materiais que proporcionam os estudos. Essa possibilidade surge a partir de propostas que contemplam dinâmicas metodológicas previamente organizadas e planejadas que atendem demandas específicas dessa modalidade.

Partindo dessa compreensão pode-se dizer que as (TDs) atuais proporcionam novos olhares para os rumos na EAD, porém ao estudarmos as concepções e história dessa modalidade, é preciso resgatar seus primeiros passos, apresentando um cenário em que as atuais tecnologias digitais não faziam parte dos recursos e espaços a serem explorados. Sendo assim outros meios e recursos utilizados inauguram a oferta da EAD, os quais foram propulsores para subsidiar as propostas que encontramos atualmente.

A busca constante por ampliar as possibilidades de ensino através da EAD está “centrada no estudante” (BELLONI, 2003, p. 4), bem como percebe que os movimentos educacionais precisam estar relacionados com as vidas dos sujeitos, agregando esses fatores às ações de ensino e aprendizagem, uma vez que “a educação não pode se restringir a preparar as pessoas para o mercado de trabalho. O ensino não pode ser reduzido a um simples processo de treinamento, um aprendizado que se exaure precocemente” (GUARESCHI e BIZ, 2005, p. 33).

Normalmente, quando falamos em tecnologias nos remetemos a computadores, celulares e outros dispositivos que possibilitam acesso à internet, nos esquecendo dos livros, cartas e aparelhos audiovisuais mais antigos. A utilização dos livros, materiais impressos e correspondências foram as primeiras tecnologias que possibilitaram a oferta de cursos em EAD, demonstrando assim que para efetivar sua proposta não se faz necessário restringir o suporte a uma única ferramenta, recurso ou espaço. Moore e Kearsley (2010, p. 1) revelam que:

A ideia básica da educação a distância é muito simples: alunos e professores estão em locais diferentes durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem e ensinam. Estando em locais distintos, eles dependem de algum tipo de tecnologia para transmitir informações e lhes proporcionar um meio para interagir.

Conhecendo os fatores necessários para estabelecer as ações na EAD, destacamos os aspectos: **tecnologia** e **comunicação**, pois eles irão possibilitar o

acesso aos materiais e as trocas necessárias para enriquecer as bagagens e ampliar as aprendizagens dos sujeitos envolvidos. A EAD caracteriza-se pelo “aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local do ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias [...]” (MOORE e KEARSLEY, 2010, p. 2). Assim podemos afirmar que é uma oferta que compreende um processo de reflexão e organização, prevendo as demandas que irão surgir durante as efetivas práticas com os sujeitos envolvidos, tanto no viés pedagógico como no administrativo, pensando em uma educação que deve estar disponível “em todo lugar e a qualquer tempo” (MOORE e KEARSLEY, 2010, p. 3).

Atualmente a EAD que compõe nossos cenários sociais apresenta, na grande maioria dos casos, propostas pedagógicas que visam o apoio nas tecnologias digitais e espaços digitais virtuais (EDVs), onde é possível investir em ações de comunicação e acompanhamento dos envolvidos, apresentando novos meios de deflagrar a educação com qualidade através de diferentes espaços.

Para sistematizar como a estrutura básica da EAD acontece nos dias atuais, baseado nos estudos realizados, vejamos o esquema que segue:

Figura 1 – Esquema de EAD



Fonte: Autoria própria, 2015.

Podemos perceber na Figura 1 uma configuração de como estão sendo organizadas algumas propostas pedagógicas de EAD nos cenários atuais, uma vez que com o surgimento das TDs, inaugurando os espaços digitais virtuais, as ações

na EAD tornam-se mais diversificadas e potencializam os aspectos da comunicação e interação entre os sujeitos envolvidos.

Buscando maior visibilidade para as conquistas nesse cenário, é importante conhecermos a trajetória da EAD, suas evoluções, possibilidades e novas dinâmicas até estar configurada como no esquema apresentado na Figura 1.

3.1 Gerações da educação à distância: perspectivas e cenários

Para delinear a trajetória histórica da EAD, selecionaram-se para este estudo as concepções teóricas frente as suas gerações, voltando o olhar para as conquistas das ações nessa modalidade, em busca de ampliar e deflagrar sua oferta. A esse respeito ilustram Moore e Kearsley (2010, p. 25):

[...] a educação a distância evoluiu ao longo de diversas gerações, na história. A primeira geração ocorreu quando o meio de comunicação era o texto, e a instrução, por correspondência. A segunda geração foi o ensino por meio da difusão pelo rádio e pela televisão. A terceira geração não foi muito caracterizada pela tecnologia da comunicação, mas, preferencialmente, pela invenção de uma nova modalidade de organização da educação, de modo mais notável nas *universidades abertas*. Em seguida, na década de 1980, tivemos nossa primeira experiência de interação de um grupo em tempo real a distância, em cursos por áudio e videoconferência transmitidos por telefone, satélite, cabos e redes de computadores. Por fim, a geração mais recente da educação a distância envolve o ensino e aprendizado on-line, em classes e universidades virtuais, baseadas em tecnologias da internet.

Ao falarmos nos primeiros passos das propostas de EAD, podemos trazer o exemplo dos cursos por correspondência, que movimentaram o interesse dos sujeitos, apresentando uma possibilidade de formação profissional, considerando as dificuldades enfrentadas pelas classes sociais economicamente menos favorecidas. Nessa perspectiva histórica Moore e Kearsley (2010, p. 25) revelam que: “o histórico da educação a distância começa com os cursos de instrução que eram entregues pelo correio. Denominado usualmente estudo por correspondência [...]”.

Um grande pioneiro desse ramo no Brasil foi o Instituto Universal Brasileiro,⁵ que trouxe para a sociedade a oferta de diversos cursos profissionalizantes sem exigir a necessidade do deslocamento para presença em espaço geograficamente

⁵ O Instituto Universal Brasileiro é um dos pioneiros do Ensino a Distância (EAD) no Brasil. Desde 1941, desempenha um papel importante na aplicação deste método de ensino, colaborando decisivamente para a formação de profissionais através dos cursos profissionalizantes, supletivos e técnicos. Fonte: <http://www.institutouniversal.com.br/institucional/quem-somos>.

estabelecido. Sua proposta consiste em proporcionar maior profissionalização aos cidadãos, preparando-os e qualificando-os para o mercado de trabalho, passando a imagem de que através do estudo é possível alcançar novas e melhores oportunidades. Os cursos por correspondência, muito semelhantes aos estudos em casa,⁶ apresentam menos possibilidades de interação entre os sujeitos inseridos, caracterizados conforme Moore e Kearsley (2010, p. 50) conceituam:

[...] geralmente envolvem um grau reduzido de interação do aluno com o instrutor e nenhuma interação com outros alunos. As tarefas são entregues e corrigidas a intervalos regulares [...]. Esses cursos geralmente estão relacionados com uma forma de estudo individual e autodirigido.

Buscando instigar os sujeitos a repensarem suas atividades no mercado de trabalho, ou até mesmo uma iniciação a ele, podemos ver, como ilustra o folder apresentado a seguir, uma série de elementos a serem analisados, onde alguns deles são claramente acentuados: o convite aos estudos, à garantia de ser um grupo com experiência, a curta duração para conclusão do curso e valores acessíveis que atendem diversas classes sociais.

Figura 2 – Folder de cursos por correspondência (1980)

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
RUA CAPITÃO FRANCISCO TEIXEIRA RODRIGUES, 252 - CAIXA POSTAL 5056
SÃO PAULO - CAPITAL - CEP 01000

O estudo por correspondência é a solução prática e objetiva para aqueles que não podem perder tempo! É nós de quem se trata. E nós do Instituto Brasileiro nos orgulhamos de oferecer o curso de mais moderno nessa modalidade de ensino.

Afinal são 40 anos de experiência!

MATRICULE-SE COM URGENCIA E RECEBA AS LÍCIDAS DO CURSO SECO-LINDO DESEU CURSO TODOS OS MATERIAIS RECEBIDOS GRATUITAMENTE

MADE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

CURSOS RÁPIDOS!

CURSO DE RADIOTÉCNICO	CURSO DE CORTE E COSTURA	CURSO DE AUXÍLIA DE ENFERMAGEM	CURSO DE ARQUITETURA
CURSO DE DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO	CURSO DE BORDADO TRICÔ E CROCHÊ	CURSO DE DESENHO DE MECÂNICA	CURSO DE ELETRICIDADE
CURSO SUPLETIVO DE 1º GRAU	CURSO DE ELETRICIDADE DE AUTOMÓVEIS	CURSO DE MECÂNICA GERAL	CURSO DE MATEMÁTICA
CURSO SUPLETIVO DE 2º GRAU	CURSO DE MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS	CURSO DE TORNEIRO MECÂNICO	CURSO DE PORTUGUÊS
CURSO DE REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO	CURSO DE SECRETARIADO MODERNO	CURSO DE CONTABILIDADE PRÁTICA	CURSO DE AUXÍLIA DE ESCRITÓRIO
CURSO DE RÁDIO, TRANSISTORES, TELEVISÃO	CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS	CURSO DE INGLÊS	CURSO DE TELEVISÃO

Mensalidades ao alcance de todos.

MADE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO ESTE CUPOM É SEU

0751 RUA CAPITÃO FRANCISCO TEIXEIRA RODRIGUES, 252 CAIXA POSTAL 5056 - SÃO PAULO - CEP 01000
SR. DIRETOR: Pelo envio-me GRATIS o folheto completo sobre o curso de: _____ por correspondência.

(INDICAR O CURSO DESEJADO.)

Nome _____
Rua _____ nº _____
Cidade _____ CEP _____
Estado _____

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/-ubXBXGPW0w/ToZbD0O3bDI/AAAAAAAAAAds/MSaoZf2XN3o/s1600/iub3im7.jpg>.

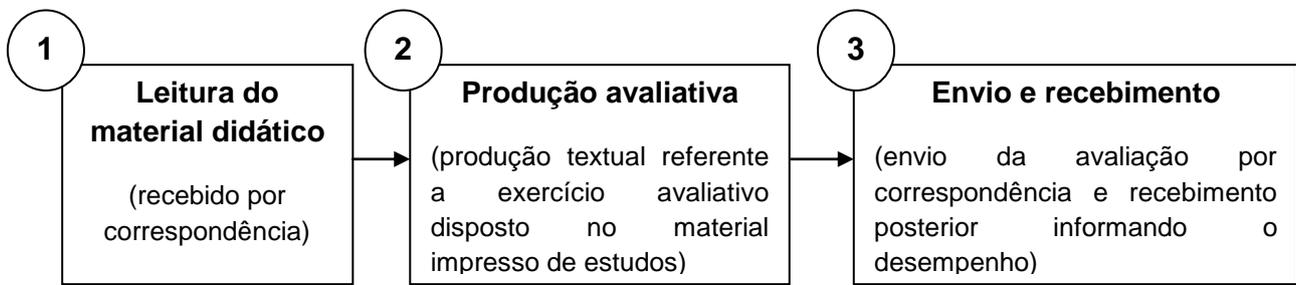
Os cursos por correspondência abrem a procura dos sujeitos pelo estudo que não exige a presença física em tempo e lugar determinados, assim incentivando os organizadores e estudiosos da EAD a buscarem ampliar a oferta desta modalidade

⁶ Segundo Moore e Kearsley (2010) a expressão “estudos em casa” surge do posicionamento de escolas com fins lucrativos para descrever a proposta da EAD, sendo assim essa expressão pode ser entendida como sinônimo para EAD.

de ensino, revendo e construindo suas dinâmicas pedagógicas com viés voltado ao investimento nas ações de interação⁷ entre todos os envolvidos.

Percebe-se que os cursos por correspondência, apresentado através da experiência do Instituto Universal Brasileiro, ilustram a primeira geração da EAD, que efetiva suas ações por meio da leitura de materiais, produções escritas e comunicação através da correspondência, utilizando uma dinâmica bastante sequencial e sistemática, não prevendo momentos de aproximação e acompanhamento mais efetivo dos sujeitos envolvidos na proposta. Vejamos a sistematização a seguir que ilustra esse fluxo.

Figura 3 – Estrutura do ensino por correspondência



Fonte: Autoria própria, 2015.

Esse processo, caracterizado através de três etapas significativas, convidou a sociedade a investir, mesmo que de forma pouco expressiva, na construção da compreensão de que é possível estudar sem sair de casa.⁸

Com a difusão do rádio e da televisão os recursos tecnológicos vão sendo ampliados, e as vídeo aulas⁹ começam a fazer parte dos materiais didáticos, dinamizando os conteúdos selecionados para a formação, com explicações e demonstrações de professores e instrutores. Essa difusão caracteriza a segunda

⁷ Segundo Primo (2005, 2012) o conceito de interação humana, a qual é abordada nesse estudo, está diretamente ligado as relações interpessoais, de comunicação entre os sujeitos, dos processos de recepção e transmissão constante de mensagens e informações. O autor define que “a interação é uma “ação entre” os participantes do encontro” (Primo 1997, 1998).

⁸ A expressão “sem sair de casa” refere-se à possibilidade de estar inserido aos estudos fora dos espaços físicos das instituições de ensino.

⁹ As vídeo aulas consistem em gravações nas quais o professor ou instrutor de determinada disciplina ou conteúdo apresenta atividades, recursos para estudos, explicações frente aos conteúdos, que são disponibilizadas com áudio e vídeo. Tem por objetivo dinamizar e enriquecer as ações pedagógicas. Segundo Moore e Kearsley (2010, p. 82) “o vídeo é uma boa mídia para o ensino de aptidões interpessoais e para o ensino de qualquer tipo de procedimento, pois consegue mostrar a sequência de ações envolvidas.”

geração da EAD, na qual trago como cenário para exemplo as ações do Telecurso 2000, que tem sua estrutura organizada partindo da seguinte concepção:

O Telecurso é uma tecnologia educacional, reconhecida pelo MEC, que oferece escolaridade básica de qualidade a quem precisa. No Brasil, ele é utilizado para a diminuição da defasagem idade-ano, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e como alternativa ao ensino regular em municípios e comunidades distantes. Desde 1995, a Fundação Roberto Marinho, por meio de parcerias com prefeituras, governos e instituições públicas e particulares, já implementou, em todo Brasil, 32 mil salas de aula com a Metodologia Telessala. Com essa metodologia, o professor atua como mediador de aprendizagem, utilizando, em suas aulas, os livros do Telecurso, as teleaulas e material didático complementar – cadernos de cultura, livros de literatura, dicionários, mapas. A metodologia prevê o ensino das disciplinas por módulos, e não séries, como o ensino regular no país (Telecurso, 2014).

O Telecurso prevê a utilização de recursos tecnológicos em congruência com momentos presenciais que investem na interação entre os sujeitos, visto que esse é um fator necessário quando falamos em formação. As ações do Telecurso ocorrem através de uma metodologia desenvolvida pelo programa, denominada Telessala, inspiradas em práticas de estudiosos como dom Helder Câmara, Paulo Freire, Célestin Freinet e Jean Piaget. A metodologia consiste basicamente na disponibilização das teleaulas¹⁰ aos alunos, que são acompanhados por um professor conhecedor da proposta metodológica.

As experiências através das ações do Telecurso 2000, vistas ainda em nossos atuais cenários, nos convidam a seguir para a terceira geração da EAD, que provocada por movimentos mais dinâmicos e pessoais busca novos rumos nesse contexto.

A terceira geração da EAD apresenta novos avanços, sendo sua maior contribuição a reestruturação das propostas pedagógicas, buscando deflagrar o ensino através dessa modalidade, não somente na educação profissional e nas etapas da Educação Básica,¹¹ mas sim na Educação Superior. A Universidade Aberta do Brasil (UAB) é um grande marco desse momento histórico da EAD, no qual veremos com maior detalhamento sua proposta a seguir.

A terceira geração da EAD influenciou diretamente para a concepção de mais uma geração, concebida recentemente, na qual se apresenta uma nova roupagem

¹⁰ As teleaulas utilizadas na metodologia do Telecurso seguem o mesmo princípio e formato das vídeo aulas apresentadas anteriormente.

¹¹ A Educação Básica é composta, segundo a LDB (Lei nº 9394/96), por educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

baseada nas possibilidades de interação e participação através do ciberespaço, em seus espaços digitais virtuais.

Os EDVs, grande conquista para ações da EAD, possibilitam a comunicação síncrona e assíncrona entre todos os envolvidos, que conforme Primo (2007) caracteriza, nas atividades assíncronas “existem significativos espaços de tempo separando a emissão e recepção de mensagens. Nesses casos, o usuário escolhe quando quer ler e responder as mensagens” (PRIMO, 1997, p. 6). Já nas síncronas ocorre o oposto, sendo uma comunicação instantânea, em tempo real, pela qual “dezenas de pessoas podem se comunicar ao mesmo tempo”(PRIMO, 1997, p. 7).

Através dos movimentos da comunicação síncrona e assíncrona torna-se possível interagir através dos EDVs.

A geração mais recente da EAD oportuniza um conjunto de ações que são vivenciadas em espaços digitais virtuais,¹² os quais fazem parte do ciberespaço.¹³ Nesse contexto percebemos um olhar voltado às oportunidades que as máquinas, com seus softwares desenvolvidos em redes de informações, oferecem para estabelecer espaços de interação e vivências, nos quais é possível movimentar, expressar e emocionar. Podemos exemplificar tal período com a criação dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA)¹⁴ que, através de seus recursos, abrem portas para dinamizar, diversificar e intensificar os movimentos das ações pedagógicas.

Podemos dizer que o grande ponto dessa evolução apresenta a viabilidade para comunicação ubíqua,¹⁵ ampliando significativamente os espaços que favorecem essas ações.

¹² Os espaços digitais virtuais são compreendidos como espaços que possibilitam ações de comunicação e interação entre sujeitos, mediadas pelo computador. Caracterizado pelos seus potenciais digitais e virtuais proporcionam vivências e experiências através da participação de quem os habita. Segundo Lévy (2010b) o digital proporciona a informação no ciberespaço, e o virtual a existência sem estar presente.

¹³ O ciberespaço contempla o universo onde estão disponíveis os espaços digitais virtuais. Segundo Lévy (2010b, p. 17): “é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.”

¹⁴ Segundo Mattar (2012) os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) ganham essa nomenclatura através da tradução do termo de origem *Learning Management Systems (LMS)*, em sua tradução para português Sistemas de Gerenciamento de Aprendizagem. Consistem em espaços com diversas apresentações que possibilitam a realização de atividades dos cursos ofertados em EAD, disponíveis através do acesso à internet.

¹⁵ O termo ubíquo revela a possibilidade de comunicação a todo tempo e em todos os lugares. Segundo Souza e Silva (2006, p. 179), citado por Santaella (2013a, p. 15) “[...] a ubiquidade pode ser

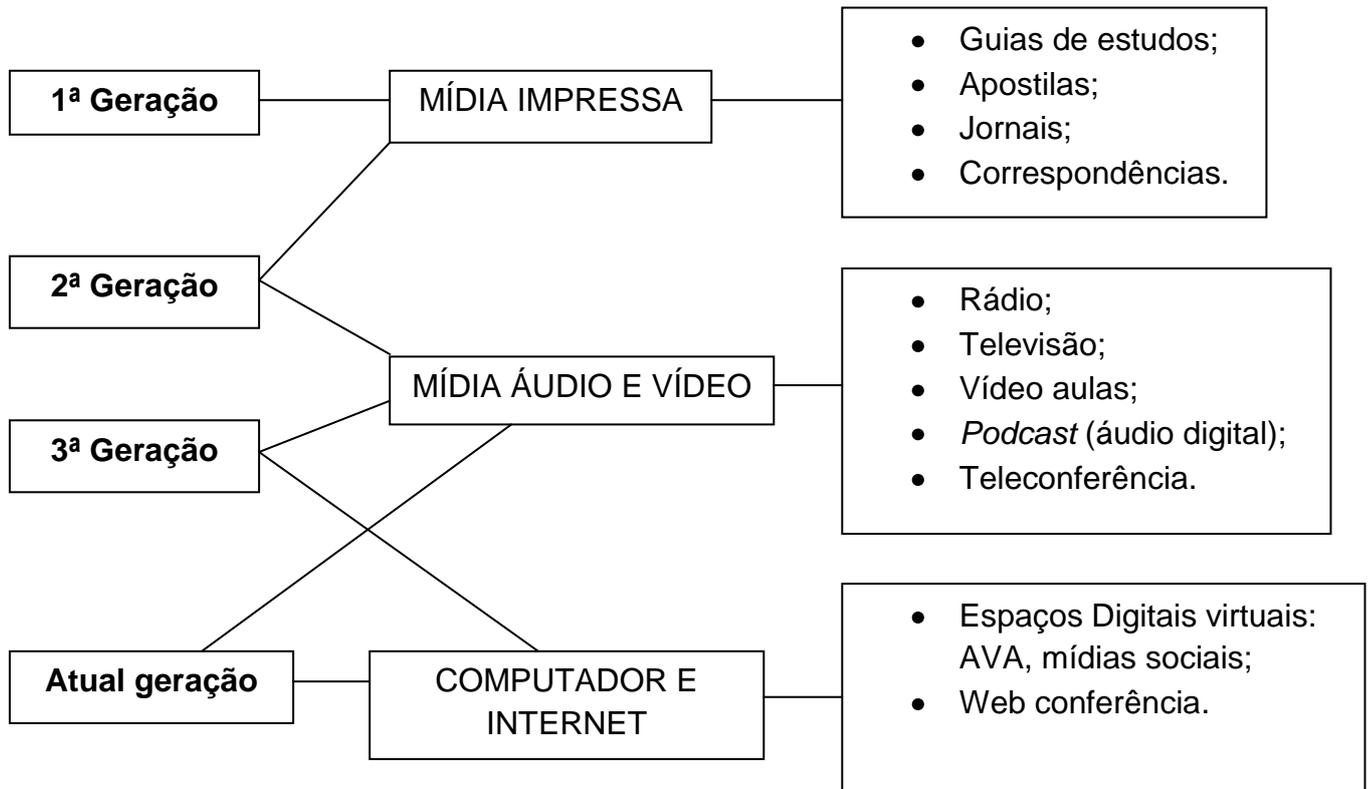
Atualmente temos diferentes configurações de AVAs que, em sua riqueza de recursos e programas, ainda podem ser atreladas a espaços digitais virtuais externos a eles, diversificando os ambientes que os sujeitos habitam, assim oportunizando a autonomia da escolha de onde e quando participar. Essas mudanças são descritas como radicais na visão de Kenski (2013) nos revelando que “por meio das tecnologias digitais é possível representar e processar qualquer tipo de informação” (KENSKI, 2013, p. 33).

Kenski salienta nesse sentido que através das TD da internet é possível:

[...] a comunicação entre pessoas para os mais diferenciados fins: fazer negócios, trocar informações e experiências, aprender juntas, desenvolver pesquisas e projetos, namorar, jogar, conversar, enfim, viver nossas vidas, que podem ser partilhadas em pequenos grupos ou comunidades, virtuais (KENSKI, 2013, p. 33).

Buscando contextualizar os recursos e espaços utilizados na EAD, desde sua primeira geração, com seu percurso histórico, a tabela a seguir revela uma sistematização dos recursos tecnológicos e dos espaços digitais virtuais que caracterizam cada uma das gerações da EAD, chegando até os dias atuais quando os aspectos da comunicação e interação são fortalecidos, é importante perceber que as gerações vão agregando recursos e dinâmicas.

Figura 4 – Gerações da EAD



Fonte: Autoria própria, 2015.

A evolução da EAD na perspectiva de suas gerações revela conquistas que fortalecem a ideia de ampliar as possibilidades de estar inserido em atividades educacionais, sendo esse o pilar estrutural de suas ações. Ao longo deste estudo pode-se dizer que o grande desafio da EAD é consolidar cada vez mais a compreensão de que a educação não se faz somente em espaços geograficamente localizados.

A EAD tende doravante a se tornar cada vez mais um elemento regular dos sistemas educativos, necessário não apenas para atender a demandas e/ou a grupos específicos, mas assumindo funções de crescente importância, especialmente no ensino pós-secundário, ou seja, na educação da população adulta, o que inclui o ensino superior regular e toda a grande e variada demanda de formação contínua gerada pela obsolescência acelerada da tecnologia e do conhecimento (BELLONI, 2003, p. 5).

Considerando esse elemento como estrutural, bem como a expansão dessa modalidade na perspectiva de Belloni (2003), pode-se dizer que todas as conquistas nesse campo buscam ampliar a aproximação dos sujeitos geograficamente distantes.

Nessa caminhada percebemos que a EAD, dentre suas características e estruturas, apresenta, como toda proposta metodológica, limites e possibilidades, onde atualmente muitos dos limites foram vencidos. Entender por completo ou suficiente os ganhos que se encontram nesse caminho, não é a intenção deste estudo, uma vez que novos desafios e limitações irão surgir.

É preciso ainda investir muito nos estudos dessa área, percebendo a EAD como uma modalidade que apresenta novas estruturas não somente para a educação, mas também para nossa sociedade como um todo, uma vez que aprendemos de forma interligada a partir de nossas ações diárias e dos momentos de estudo.

Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido (MORAN, 2011, p. 23).

3.2 Universidade Aberta do Brasil (UAB)

A Universidade Aberta do Brasil (UAB) ganha espaço neste estudo por ser o cenário onde ocorrem as práticas e análises do mesmo, este caracteriza a terceira geração da EAD, na qual surgem as propostas pedagógicas da Universidade Aberta do Brasil. Através de programas do governo federal, voltado ao incentivo de iniciativas de ampliação do ensino superior gratuito e de qualidade, surge a Universidade Aberta do Brasil.

O Sistema UAB foi criado pelo Ministério da Educação no ano de 2005, em parceria com a ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) e Empresas Estatais, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação com foco nas Políticas e a Gestão da Educação Superior. Trata-se de uma política pública de articulação entre a Secretaria de Educação a Distância - SEED/MEC e a Diretoria de Educação a Distância - DED/CAPES com vistas à expansão da educação superior, no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação (CAPES, 2014).

O sistema visa ações voltadas à expansão e democratização do ensino, que através de parcerias inicialmente efetivadas com Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) legitimam sua oferta a partir das propostas de educação a distância.

Os objetivos de criação desse programa são bem destacados em cinco eixos fundamentais, sendo eles, segundo a Capes (2014):

- ✓ Expansão pública da educação superior, considerando os processos de democratização e acesso;
- ✓ Aperfeiçoamento dos processos de gestão das instituições de ensino superior, possibilitando sua expansão em consonância com as propostas educacionais dos estados e municípios;
- ✓ Avaliação da educação superior a distância tendo por base os processos de flexibilização e regulação implantados pelo MEC;
- ✓ Estímulo à investigação em educação superior a distância no país;
- ✓ Financiamento dos processos de implantação, execução e formação de recursos humanos em educação superior a distância.

Percebendo a base que norteia esse sistema é possível dizer que a UAB visa oportunizar o acesso ao ensino superior que favorece os sujeitos que não possuem condições de agregar uma disponibilidade de tempo presencial com os custos de uma formação superior privada.

A Universidade Aberta do Brasil é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação a distância. O público em geral é atendido, mas os professores que atuam na educação básica têm prioridade de formação, seguidos dos dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos estados, municípios e do Distrito Federal. O Sistema UAB foi instituído pelo Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006, para “o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no país”. Fomenta a modalidade de educação a distância nas instituições públicas de ensino superior, bem como apóia pesquisas em metodologias inovadoras de ensino superior respaldadas em tecnologias de informação e comunicação. Além disso, incentiva a colaboração entre a União e os entes federativos e estimula a criação de centros de formação permanentes por meio dos polos de apoio presencial em localidades estratégicas (CAPES, 2014).

A estrutura desse sistema conta com polos de apoio presencial que proporcionam o suporte necessário aos estudantes inseridos em cursos de graduação e especialização de uma das universidades parceiras, atendendo demandas administrativas e pedagógicas.

As atividades pedagógicas contam com equipes docentes das instituições de ensino parceiras e por docentes presenciais,¹⁶ que exercem suas atividades no polo de apoio presencial.

¹⁶ Também chamados tutores presenciais, são responsáveis por estabelecer o elo entre a instituição de ensino e os estudantes.

Cada curso, vinculado à sua instituição de ensino, apresenta propostas pedagógicas que norteiam as ações dos sujeitos envolvidos no mesmo, assim delineando na prática suas ações.

Esse sistema integra nossa sociedade desde o ano de 2005 e, a partir da publicação de seu primeiro edital, concretiza o sistema por meio da “seleção para integração e articulação das propostas de cursos, apresentadas exclusivamente por instituições federais de ensino superior” (CAPES, 2014), também abre o chamado para “as propostas de polos de apoio presencial, apresentadas por estados e municípios” (CAPES, 2014). Em outubro de 2006, com a publicação do segundo edital, amplia a participação de instituições parceiras no programa, não restringindo mais a oferta de parceria para instituições federais, expandindo a oferta para todas as instituições públicas. Em 2007 iniciam-se os processos de escolha de materiais didáticos, acervos bibliográficos e seleção dos primeiros docentes.

Assim, os polos de apoio presencial ganham corpo pelas diversas regiões do Brasil, proporcionando através da proposta da EAD ensino superior a muitos que viram nesse sistema sua oportunidade de prosperar na vida pessoal e profissional.

3.2.1 Universidade Aberta do Brasil no Polo Balneário Pinhal

O polo de apoio presencial da UAB de Balneário Pinhal (UABBP) surge nesse movimento através da dedicação de uma equipe de professores da rede municipal que articulou informações para que a Secretaria Municipal de Educação pudesse participar e demonstrar seu interesse na adesão ao sistema. O polo inaugurado no ano de 2007 iniciou suas atividades com dois cursos de graduação em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul). Dois anos depois já contava com mais duas instituições parceiras, expandindo sua oferta para seis cursos de graduação e três de especialização, abrindo a oportunidade de estudos para a comunidade. Ações de incentivo à extensão movimentavam as atividades do polo, bem como sua visibilidade, trazendo para o entorno da cidade maior público.

A UABBP em sua expressão de cursos ofertados, com base na referência dos anos de 2013 e 2014, oferecia em sua maioria cursos de licenciatura.

Entre os cursos ofertados pelas instituições parceiras do sistema UAB, chamamos a atenção para o Curso de Licenciatura em Pedagogia a distância

(CLPD) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O CLPD propõe uma organização curricular inovadora e diferenciada. A oferta de disciplinas é pensada por eixos temáticos, todos eles com nomenclaturas que remetem a estudos investigativos de pesquisa e vivências práticas.

Voltando os olhares para o CLPD é importante situarmos as concepções pedagógicas e organização das atividades para compreender os movimentos que nos levam a pensar nas contribuições para os estudos da EAD, através das ações de estudantes inseridos nele.

3.3 Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância (CLPD)

A proposta curricular do CLPD percebe a necessidade de oportunizar um curso de graduação de formação de professores que tem suas ações realizadas na oferta em EAD, voltada a vencer desafios, que conforme o Projeto Político Pedagógico do Curso (UFPEL, 2012, p. 6-7) são:

- A fragmentação disciplinar do ensino de nível superior, que repercute na educação escolar, ao que se respondeu com a estruturação curricular a partir de Eixos Temáticos, que concentram as conquistas científicas em torno de temas centrais para a vida escolar, e não por si só;
- O isolamento do docente na condução dos trabalhos de ensino, ao que se constituíram equipes docentes cooperativas e colaborativas para desenvolvimento das ações pedagógicas e acompanhamento dos estudantes;
- A avaliação do estudante feita isoladamente por um professor em sua disciplina, baseada em produtos parciais e finais que se somam para indicar o *quantum* de conhecimento foi adquirido no período letivo, ao que se tem constituído uma forma permanente de avaliação do processo de desenvolvimento dos estudantes. Esta é viabilizada por uma equipe docente composta por um professor pesquisador e quatro tutores, que captam as ações e hipóteses dos estudantes ao longo do conjunto de movimentos pedagógicos que operacionalizam um eixo temático; e
- O vínculo radical que o estudante precisa estabelecer com uma escola pública da sua cidade desde o início do curso, o que potencializa a construção conceitual sobre os temas que compreendem a escola em sua relação com a sociedade, os processos educativos e os desafios teóricos da Pedagogia.

Percebe-se, nos desafios apontados, a preocupação de oferecer um curso de formação de professores que busca aproximar o estudante dos espaços escolares desde o início do curso, contextualizando os estudos teóricos com as práticas dos cenários escolares.

A proposta pedagógica do curso apresenta que a:

[...] organização curricular se dá partindo da construção de redes que se alongam por princípios de conexão entre os campos de saber que o compõem, e temas geradores, na acepção freireana, que colocam no cerne destas articulações conceituais a realidade histórica vivida pelos sujeitos, a partir da diversidade própria que a constitui (UFPEL, 2012).

Em busca de oportunizar uma proposta de trabalho que possa romper o modelo 3 + 1 (três anos de ensino teórico e mais um de prática), o CLPD apresenta ao aluno, desde o início do curso atividades práticas nos cenários escolares, estabelecendo um acordo de parceria¹⁷ com uma instituição de ensino, na qual irá realizar atividades com o acompanhamento e orientação dos docentes.

Dentro daquilo que propomos ser a entrada do aluno no Curso de Pedagogia a Distância, o termo que mais se aproxima, devido ao que se subentende a partir dele, é o de parceria. Parceria para nós não pode ser vista como os programas de voluntariado que se disseminam pelas mídias (Amigos da escola...). Para nós, a parceria abre a possibilidade de que a aproximação com a escola qualifique o processo de formação do aluno, bem como das práticas da escola e do entorno dela, sem que o respeito aos sujeitos fique em segundo plano. Em síntese, a parceria potencializa o processo de formação do aluno e da construção/reconstrução da escola. (SILVA, 2010, p. 149).

Sendo percebida essa ação como fundamental para a formação do estudante, a proposta curricular dá ênfase a essa ação, atreladas as disciplinas que compõem a mesma, sendo estas ofertadas através de eixos temáticos que têm por base a contextualização entre os conhecimentos teóricos e práticos, estando divididos e estruturados em quatro etapas:

Tabela 1 – Eixos do CLPD

ETAPA I	EIXO TEMÁTICO
1º semestre	Abordagens de Pesquisa em Educação I
	EAD – Noções Básicas
	Cultura, Escola e Sociedade: Estudos Básicos I (EB)
	Cultura, Escola e Sociedade: Aprofundamento e Diversificação de Estudos I (ADE)
	Cultura, Escola e Sociedade: Estudos Integradores I (EI)
2º semestre	Abordagens de Pesquisa em Educação II
	Cultura, Escola e Sociedade: Estudos Básicos II (EB)
	Cultura, Escola e Sociedade: Aprofundamento e Diversificação de Estudos II (ADE)
	Cultura, Escola e Sociedade: Estudos Integradores II (EI)
	Estudos Colaborativos Orientados I

¹⁷ Aproximação em uma instituição de ensino regular (pública ou privada), que permita o acesso do estudante aos seus espaços físicos, bem como ao acompanhamento das rotinas escolares.

ETAPA II	
3º semestre	Abordagens de Pesquisa em Educação III
	Cultura, Organização da Escola e Gestão Democrática (EB)
	Cultura, Organização da Escola e Gestão Democrática (ADE)
	Cultura, Organização da Escola e Gestão Democrática (EI)
	Estudos Colaborativos Orientados II
4º semestre	Abordagens de Pesquisa em Educação IV
	Cultura, Escola e Currículo Escolar (EB)
	Cultura, Escola e Currículo Escolar (ADE)
	Cultura, Escola e Currículo Escolar (EI)
	Estudos Colaborativos Orientados III
	Estudos Colaborativos Orientados IV
5º semestre	Abordagens de Pesquisa em Educação V
	Cultura e Processos de Escolarização (EB)
	Cultura e Processos de Escolarização (ADE)
	Cultura e Processos de Escolarização (EI)
	Cultura, Processos de Ensino e Gestão Educacional
ETAPA III	
6º semestre	Abordagens de Pesquisa em Educação VI
	Cultura, Processos de Ensino e Prática Docente I (EB)
	Cultura, Processos de Ensino e Prática Docente I (ADE)
	Cultura, Processos de Ensino e Prática Docente I (EI)
	Estudos Colaborativos Orientados V
7º semestre	Abordagens de Pesquisa em Educação VII
	Cultura, Processos de Ensino e Prática Docente II (EB)
	Cultura, Processos de Ensino e Prática Docente II (ADE)
	Cultura, Processos de Ensino e Prática Docente II (EI)
	Estudos Colaborativos Orientados VI
ETAPA IV	
8º semestre	Abordagens de Pesquisa em Educação VIII
	Cultura, Educação e Experiências Docentes (EB)
	Cultura, Educação e Experiências Docentes (ADE)
	Cultura, Educação e Experiências Docentes (EI)
	Conceituação da Trajetória do Curso

Fonte: PPP do Curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da UFPEL (UFPEL, 2012).

Os eixos em sua nomenclatura apresentam a proposta na qual o curso dá ênfase, sendo essa a pesquisa, apresentando uma nova forma de se pensar e efetivar a formação de professores.

Em busca de dinamizar a oferta do curso e desconstruir o movimento (3 + 1),¹⁸ partindo das experiências vividas nas instituições parceiras e nos eixos, ao realizar

¹⁸ Concepção que prevê a realização de três anos de disciplinas teóricas do curso e a realização de estágios no último ano para conclusão dos cursos de licenciatura. Segundo Fávero (1992) ao pensar os cursos de formação de professores é necessário propor “a concepção dialética na qual teoria e prática são o núcleo articulador da formação do profissional. Teoria e prática são indissociáveis” (FÁVERO, 1992 *apud* PIMENTA, 2011, p. 69).

os estágios curriculares nos últimos três semestres de curso, o aluno já possui intimidade com o meio escolar. Logo, a intenção é que o estudante, ao realizar os estágios curriculares, disponibilize de maior conhecimento da rotina, organização e dinâmica dos espaços escolares, partindo da trajetória de suas pesquisas e ações efetivadas desde o início do curso. Sendo assim, todos os estudantes deverão instituir suas parcerias com escolas locais desde o início das atividades do curso, ou em determinado momento das atividades que anteceda os estágios curriculares.

Segundo o PPP do CLPD, a prática da parceria é o princípio educativo do curso. Nele, a realidade local dos sujeitos está situada como ponto de partida para a construção do conhecimento e das práticas pedagógicas, onde serão contextualizados os saberes teóricos. A proposta e as práticas do CLPD estão voltadas para o aluno pesquisador, uma vez que se entende que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2010, p. 29).

A concepção de Freire percebendo a necessidade de que ensinar exige pesquisa é bastante clara na proposta do curso, propondo ao longo de sua duração momentos que desafiam os estudantes, fazendo-os buscar além do que lhes é proposto. A prática vivenciada através da parceria é elemento-chave para compreender as atividades e os estudos teóricos selecionados, estimulando o exercício reflexivo de seu papel na docência, uma vez que na “[...] formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2010, p. 39).

Por se tratar de um curso na modalidade de EAD, esta prática deve compreender, segundo o PPP do CLPD (UFPEL, 2012, p. 42):

- a necessidade de orientação e acompanhamento presencial por profissionais competentes;
- a possibilidade do/a estudante desenvolver o estágio em todas as áreas de sua competência profissional;
- a possibilidade, caso o aluno seja professor em exercício, de trazer para o curso suas experiências, questionamentos e contribuições e as revitalize através de olhares mais abrangentes sobre as mesmas.

O curso tem sua organização partindo de atividades disponíveis no AVA e em encontros presenciais no polo, que são acompanhadas por docentes presenciais e a distância. Essa equipe orienta e interage visando a problematização e esclarecimento de temáticas que surgem através das vivências práticas e estudos teóricos. As atividades no AVA prevêm o uso de ferramentas como: diários, fóruns, chats e questionários. Já as atividades presenciais propõem encontros semanais para esclarecimento de dúvidas, participação em dinâmicas e atividades pedagógicas.

O estudante ao longo da trajetória que integraliza o tempo para conclusão do curso (quatro anos) estará em contato com temas, teorias e práticas da futura profissão, buscando prepará-lo para o exercício da mesma.

3.3.1 O entorno e seus sujeitos: cenário da pesquisa

A UABBP, desde o estabelecimento do convênio com a Universidade Federal de Pelotas, ofertou, até o ano de 2014, duas edições do CLPD, sendo estas referentes à 3ª e 4ª turma. No ano de 2012 formou a 3ª turma e em 2014 a 4ª turma.

O cenário que subsidiou o presente estudo parte de meu acompanhamento como docente e pesquisador frente às ações de nove estudantes do CLPD, que através de suas interações e autonomia para escolha dos espaços para participar das atividades de sua formação, abrem possibilidades para contribuir nos estudos da EAD.

O campo da pesquisa localiza-se no litoral do estado do Rio Grande do Sul, município de Balneário Pinhal, que tem sua economia movimentada ativamente no período de verão. Durante as outras épocas do ano a sustentabilidade das famílias advém do serviço público, artesanato e pesca. A maior potencialidade cultural e social do município, que o destaca entre seus vizinhos, é a oferta de ensino superior gratuito em nível de graduação e especialização, oportunizado pelo sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB).

A turma quatro do Curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da UFPEL, na qual os nove estudantes participantes dessa pesquisa fazem parte, iniciou suas atividades em março de 2011, na qual atuei como docente durante toda sua trajetória no curso, onde após a seleção por meio de vestibular, inseriu novos

cinquenta sujeitos com diferentes aspirações e expectativas em busca da formação superior.

Dos cinquenta ingressantes no curso, logo no primeiro semestre a turma passa a ser composta por quarenta e três alunos, sendo desistentes no primeiro eixo ofertado sete alunos. Esse público, ao longo do curso foi modificando, tendo como índice final trinta e sete estudantes, que colarão grau no ano de 2015.

Neste universo de trinta e sete estudantes é importante apresentar algumas características para delinear o grupo, revelando que:

- a) 24% do grupo são mulheres que retomaram seus estudos após o período de dez anos e atualmente não exercem atividade profissional;
- b) 30% do grupo são professoras da rede municipal de ensino onde o polo de apoio presencial está inserido e de municípios vizinhos;
- c) 46% do grupo são trabalhadores e trabalhadoras de áreas da educação e externas a ela, procurando a oportunidade de cursar o ensino superior, sendo 32% mulheres e 14% homens.

Vejamos a expressão na tabela que segue:

Tabela 2– Percentual de estudantes

Público	Quantidade	Percentual
Mulheres que retomaram os estudos após o período de dez anos, sem atividade profissional.	9	24%
Professoras da rede municipal	11	30%
Trabalhadores – Mulheres	12	32%
Trabalhadores –Homens	5	14%

Fonte: Autoria própria, 2015.

Ao perceber através dos índices quantitativos as peculiaridades dos sujeitos que apresentam caminhadas bastante variadas, surge o desafio de apresentar um novo meio de estar inserido em curso de graduação, uma vez que a proposta do curso apresentava dinâmicas diferenciadas do que normalmente entedia-se por um curso de graduação ofertado em EAD.

O grupo correspondente aos 24% do total de sujeitos apresentam conhecimentos voltados às atividades educativas mais formais, onde a partir de um movimento de desacomodação, proporciona o acesso de senhoras, afastadas em média a uma década dos bancos escolares, novas possibilidades para ensinar e

aprender. As estranhezas nos olhos dessas pessoas, com larga experiência de vida, surgem na memória quando recordamos do primeiro encontro presencial. Munidas do tão famoso “material escolar” viram seu mundo se desconstruir ao ouvirem falar em um estranho espaço chamado Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Fatores como o medo e as expressões que levavam ao pensamento de desistir, foram muito escutadas, afinal para a expressiva maioria nesse grupo, o computador era um “objeto” utilizado somente pelos filhos, não fazendo parte de suas rotinas.

Dentro desse cenário destacamos o que Lima e De Grande (2013, p. 37) revelam:

As mudanças sociais e tecnológicas das últimas décadas, decorrentes de um processo histórico complexo, principalmente provenientes do advento do computador pessoal e da *Web 2.0*, apontam para transformações do que é aprender, saber e fazer coisas na contemporaneidade.

Desafiadas a seguir em frente, em busca de vencer os desafios da proposta da EAD, buscaram apropriar-se de recursos básicos, através da utilização de ferramentas de participação e comunicação (fórum, chats e envio de tarefas). Os encontros presenciais¹⁹ eram vistos como espaço para conversa e trocas, pois no AVA ainda essa participação era pouco utilizada.

Em contraponto a dedicação do público anterior, o grupo de professoras já inseridas no universo da docência apresentava conhecer melhor a proposta da EAD, parecendo em um primeiro olhar terem clareza de sua opção. Apropriadas do uso dos recursos do Moodle, muitas vezes a maioria das estudantes deste grupo não conseguia participar e interagir, nem no Moodle como nos momentos presenciais, alegando a falta de tempo e excessiva carga horária de trabalho.

O último grupo indicado nesse quadro contempla o maior número de sujeitos inseridos no curso, onde estes se integravam em uma mistura entre os dois grupos anteriores, uns que nunca haviam tido contato com as TDs e outros com maior facilidade.

Para entendermos e aprofundarmos esse passeio em busca de criar um cenário visual dos sujeitos participantes dessa pesquisa, cabe destacar que o grupo de estudantes caracteriza-se por sujeitos com uma maior experiência de vida, sendo

¹⁹ Que conforme prevê a PPP do CLPD ocorriam semanalmente para esclarecimento de dúvidas e acompanhamentos pedagógicos dos alunos.

a faixa etária mais expressiva a que contempla mais de 40 anos de idade, como podemos ver a seguir:

Tabela 3– Faixa etária dos estudantes

Idade do público:	Nº de resp.	Percentual
Menos de 20 anos	2	5,5%
20 a 25 anos	1	3%
26 a 30 anos	2	5,5%
31 a 35 anos	6	16%
36 a 39 anos	9	24%
Mais de 40 anos	17	46%

Fonte: Autoria própria, 2015.

A maioria dos sujeitos agora estudantes na proposta de EAD, caracterizados anteriormente, não utilizavam recursos tecnológicos em sua rotina, o que lhes fez enfrentar o desafio de integrar às suas rotinas a utilização efetiva destes recursos, administrando tempos e organizações diferenciadas, pois é preciso garantir que nesse movimento

[...] os alunos ganhem autonomia em relação a suas próprias aprendizagens, que consigam administrar seus tempos de estudo, que saibam selecionar os conteúdos que mais lhe interessam, que participem das atividades, independentemente do horário ou local que estejam (KENSKI, 2013, p. 88).

Com o passar do tempo, no decorrer do curso, foi notória a evolução e constante interesse dos estudantes em apropriar-se dos recursos tecnológicos, ampliando suas ações não somente para atender as demandas do CLPD, mas também para pesquisas livres, comunicação, estudos extras e entretenimento.

O cenário físico durante o primeiro ano de curso é muito presente, onde os estudantes contavam com o auxílio dos tutores presenciais e de profissionais especializados na área de tecnologia. Conhecedores do funcionamento básico do Moodle os estudantes estabeleciam poucas comunicações nele, utilizando-o com maior frequência para realização de tarefas e leituras, deixando os momentos de interação para os encontros presenciais.

Afim de tornar esse espaço mais atrativo para comunicação, os estudantes foram provocados a utilizar o recurso de fórum, onde tinham a tarefa de socializar as conversas e atividades realizadas nos encontros presenciais.

Ao acompanhar os estudantes, como docente do CLPD, desde o momento que desafiavam-se a utilizar e explorar os recursos do Moodle, percebo a riqueza das possibilidades que surgem nessas ações para pensarmos a EAD. Ao passarem os semestres, mais precisamente após a metade do curso, os encontros presenciais tornavam-se mais breves e voltados a atividades extras, o que aos poucos foi sendo percebido como insuficiente para debates e maiores discussões.

Esse fator da falta de espaço para socialização e interação entre estudantes e docentes torna-se uma situação-problema nas atividades do curso, o qual é potencializado com a oferta do eixo de Libras (Língua Brasileira de Sinais), no qual nenhum dos docentes presenciais tinha intimidade e conhecimento aprofundado para conduzir as tarefas.

Dependentes basicamente do apoio virtual, os estudantes recebiam somente orientações para a realização das tarefas, deixando o espaço de problematização entre o grupo quase inexistente, práticas que exerciam nos momentos presenciais.

Surge nesse cenário a necessidade de ampliar os espaços não presenciais para busca de orientações que auxiliassem na aprendizagem, no qual todos participassem e que pudesse resolver a situação-problema enfrentada.

O grupo de estudantes, dentre sua organização, a partir desse momento cria novos espaços para comunicação, utilizando ligações telefônicas e conversas nas redes sociais, trazendo ainda poucas dúvidas para os espaços do Moodle, uma vez que a comunicação mais utilizada nele era de caráter assíncrono.

Durante o eixo de Libras um grupo de alunos, em encontro presencial, inaugura um novo espaço a ser habitado, um grupo de estudos através do Facebook,²⁰ onde os mesmos se comunicavam em congruência às participações no Moodle. Essa ação serviu de disparador para pensar as possibilidades que esse recurso poderia ofertar nas ações do curso, trabalhando com a hipótese do que nos revela o Hibridismo Tecnológico Digital²¹ (HTD), onde a participação em ambos os espaços poderia favorecer suas aprendizagens.

A adesão praticamente total dos estudantes em habitarem esse novo espaço (Facebook), vivenciada presencialmente pelo pesquisador, é um fator que leva a resgatar as peculiaridades do grupo, uma vez que no cenário atual não

²⁰ Disponível em <<https://www.facebook.com/>>.

²¹ O Hibridismo Tecnológico Digital consiste “no cruzamento, integração e articulação de diferentes TDs, na perspectiva da coexistência” (BACKES, 2013b, p. 5), norteia o entendimento de que o AVA e a MSD podem coexistir nas metodologias da EAD.

encontrávamos mais a insegurança, nem a falta de tempo dos estudantes em buscarem alternativas para qualificar os estudos.

A necessidade de buscar indicadores que demonstrassem quais intenções os levaram à criação desse espaço, suas motivações e objetivos com o mesmo, são os elementos que veremos a seguir nesse estudo, uma vez que se trata de uma ação vinda da espontaneidade dos estudantes.

Perceber as possibilidades do ciberespaço e o que ele nos oferece nos dias atuais compreende uma nova maneira de se pensar a EAD, com um viés inovador,²² uma vez que:

Educação a distância não é um *fastfood* onde o aluno vai e se serve de algo pronto. Educação a distância é ajudar os participantes a equilibrar as necessidades e habilidades pessoais com a participação em grupos – presenciais e virtuais – por meio da qual avançamos rapidamente, trocamos experiências, dúvidas e resultados (MORAN, 2011, p. 60).

O *corpus* deste estudo é composto por nove estudantes, que após aderirem a participação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,²³ tem sua caracterização conforme a descrição anterior dos grupos que compõem a turma do CLPD.

Delineando de forma quantitativa nosso grupo é composto por quatro estudantes do grupo de mulheres afastadas dos estudos a mais de dez anos e sem atividade profissional, três estudantes professoras da rede municipal e dois estudantes do grupo de profissionais de outras áreas, sendo dois homens e uma mulher. Cabe ressaltar que dentre os nove estudantes participantes da pesquisa, um deles foi responsável pela organização do espaço onde se efetivaram as ações no Facebook.

A partir das análises desta pesquisa busca-se contribuir para os estudos na área de Cultura, Linguagens e Tecnologias, inspirado nas propostas da Educação a Distância.

²² Que diferem das propostas metodológicas tradicionais pensadas para o modelo de ensino presencial.

²³ Ver o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido nos Anexos.

4 ESPAÇOS DIGITAIS VIRTUAIS: ESCOLHAS E PONTOS EM CONVERGÊNCIA



Após percorrer as questões históricas da EAD, na perspectiva de compreender suas evoluções e como está organizada nos cenários atuais, é importante pensarmos o que são de fato os Espaços Digitais Virtuais (EDVs), como eles se organizam e possibilitam meios de se construir e mediar ações educativas. Já tendo conhecimento do conceito de EDV,²⁴ é importante explorar suas possibilidades.

Os movimentos dos sujeitos inseridos no ciberespaço, com apoio dos programas criados nele, estabelecem os espaços digitais virtuais que surgem como cenário da participação, registro e comunicação entre os mesmos, possibilitando vivências através do virtual, onde diferentemente dos ambientes físicos, geograficamente localizados, não existem barreiras para a comunicação. Nesse sentido as tecnologias proporcionam uma revolução ao pensarmos no amplo conceito de espaço.

Normalmente, ao falarmos desses dois conceitos (ciberespaço e EDV), é costumeiro dizer que ambos têm o mesmo significado, porém ao estudarmos mais a fundo percebemos que existem diferenças, as quais os integram para possibilitar comunicação e interação. Falar em ciberespaço não é somente listar uma grande quantidade de recursos digitais, pois o mesmo “não compreende apenas materiais, informações e seres humanos, é também constituído e povoado por seres estranhos, meio textos meio máquinas, meio atores, meio cenários: os programas” (LÉVY, 2010b, p. 41).

Estes programas, como nos apresenta Lévy (2010b), são entendidos como os espaços que são criados, disponíveis em diferentes máquinas, que possibilitam o exercício estranho dos sujeitos que os habitam, os quais não podem ser previstos. Sendo assim o ciberespaço, em sua rica oferta de EDVs “encoraja um estilo de

²⁴ Conceituado anteriormente.

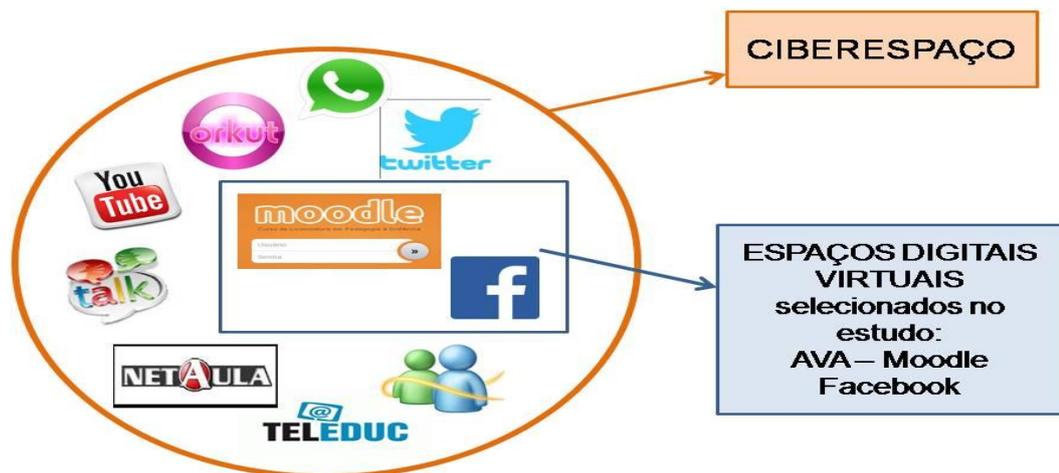
relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona) (LÉVY, 2010b, p. 51).

Podemos então dizer que o ciberespaço apresenta um cenário que está articulado com os espaços digitais virtuais, os quais permitem “acesso a lugares, informações e pessoas distantes” criando assim “a ideia de um mundo virtual, paralelo ao mundo físico” (SANTAELLA, 2010, p.264).

Ao detalharmos os estudos dos espaços digitais virtuais é preciso relacionar os mesmos, também, com as Tecnologias Digitais uma vez que junto ao ciberespaço formam uma teia que, ao se integrarem, possibilitam a existência um do outro, percebendo que as “tecnologias digitais surgem, como a infraestrutura do ciberespaço, nova espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento”(LÉVY, 2010b, p.32).

Tendo em vista ilustrar como está organizado o ciberespaço, a Figura 6, a seguir, mostra esse “mundo digital virtual”, destacando os EDVs deste estudo:

Figura 6 – Ciberespaço e os EDVs



Fonte: Autoria própria, 2015.

Entender ou buscar definir o espaço, nessa nova ótica vem ao encontro do que Santos (2012) revela, apresentando as dificuldades para se conceber um **conceito**

único, uma vez que o espaço muda constantemente e está ligado a questões de nossa sociedade e dos movimentos que ocorrem nela historicamente.

Tendo em mente essa compreensão o mais próximo que podemos chegar de uma definição para espaço na proposta da organização digital virtual percebe que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante de nossos olhos [...] (SANTOS, 2012, p. 153).

Se o espaço se constitui, também, do conjunto de ações que exercemos, não podemos compreendê-lo somente como obras edificadas e porções de terra, mas sim como lugares que são construídos quando os habitamos.

Nesse caminho, a fim de compreender novos espaços para as ações pedagógicas estão muito presentes os termos **digital** e **virtual**. Quando nos remetemos ao digital consideramos que é o movimento de transcrever informações, utilizar códigos e elementos da informática para disponibilizar a informação ou conteúdo. Lévy (2010b, p. 48) apresenta o conceito de digitalização como “fundamento técnico da virtualidade”, que nos instiga a buscar entender o que é o virtual. Buscando o melhor conceito para virtual na compreensão da pesquisa volto o olhar ao campo filosófico, descrito por Lévy (2010b, p. 49):

Na acepção filosófica, é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está virtualmente presente no grão).

O virtual nesse sentido apresenta a possibilidade para interação, comunicação e vivência. Ele surge como potência, revelando diferentes maneiras de explorar e utilizar os elementos disponíveis no ciberespaço, sendo compreendida como “entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LÉVY, 2010b, p. 49).

Atualmente o investimento na criação de EDVs vem apresentando crescimento exponencial, ampliando a oferta destes com objetivos diversos, sendo eles para comunicação, aprendizagem, informações, redes sociais e consumo. Os sites

tornam-se cada vez mais interativos, na medida em que vão sendo povoados através da participação de seus visitantes, assim diversificando e ampliando as possibilidades das ações.

Voltado ao aspecto que nos interessa nesse estudo, explorando os EDVs para situações de convivência e aprendizagem, salientamos que os mesmos devem proporcionar:

- Contextos ricos em fontes e materiais de aprendizagem.
- Cenários que favoreçam a interação social.
- Propostas que favoreçam a transferência de aprendizagem em novos contextos.
- Fórmulas que permitam reconceitualizar a avaliação educativa.
- Problemas a resolver que exijam estudantes mais ativos e responsáveis (PABLOS, 2006, p. 75).

Sendo assim temos de expandir nossa visão para as possibilidades de habitação dos EDVs, entendendo que as ações vivenciadas nele são reais e fundamentais para se pensar a educação, principalmente na modalidade EAD.

4.1 Os espaços digitais virtuais e o real

Muito discutido em nossa sociedade atual, bem como nos estudos da área das Tecnologias na Educação, existe a preocupação frente à questão: **O que ocorre no mundo virtual é real?**

Buscar a resposta para tal pergunta parece ser uma ação fácil, que basta ser respondida com um simples sim ou não, porém essa questão está muito além de ser respondida como um questionário de múltipla escolha.

A cultura que concebe as práticas vivenciadas no mundo virtual como algo irreal, que impossibilita pensar que nele existimos, participamos e nos fazemos representar, tem por base a justificativa de que as ações nesse novo mundo não ocorrerem em espaços físicos geograficamente localizados.

No sentido de pensar o real nesse meio, digital virtual, resgatamos o conceito de Santos (2012) que nos revela a possibilidade de não pensar o espaço somente como aquele referente a localidade física e sim de participação que se constitui a partir das ações e construções que exercemos nele. Uma vez que nos espaços digitais virtuais colocamos nossas impressões e deixamos marcas nele, trocamos com os sujeitos e vivemos novas experiências, assim como nas ações de encontro físico, onde os espaços são os mesmos.

Não se pretende com isso estabelecer um comparativo se existe maior ou menor qualidade nas vivências estabelecidas face a face ou através do ciberespaço, muito menos pensar que um espaço substitui o outro, mas sim mostrar que tanto em espaços físicos geograficamente localizados como em espaços digitais virtuais as ações são reais, porém diferentes.

Em geral acredita-se que uma coisa deva ser ou real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia o virtual não se opõe ao real mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes de realidade. Se a produção da árvore está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real (sem que seja, ainda, atual) (LÉVY, 2010b, p. 49).

Essa compreensão iniciou desde que surge o ciberespaço e em seu universo de programas subsidiados pelas TDs, oferece espaços para relações efetivamente significativas e reais, uma vez que “[...] ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real. Uma palavra existe de fato. O virtual existe sem estar presente” (LÉVY, 2010b, p. 50). Sendo assim, partindo do que nos diz o autor, com o exemplo da *palavra*, percebemos que as ações que são efetivadas com a mediação dos computadores, celulares e outros tantos dispositivos eletrônicos são reais, a partir da presença que legitimamos através da participação.

Na perspectiva de pensar as possibilidades de comunicação e interação através dos EDV dispostos no ciberespaço, tencionamos o olhar para a relevância dessas ações no ensino. Como vimos anteriormente, as ações da EAD não exigem espaços geograficamente determinados para estudantes e docentes se fazerem presentes. Partindo desse entendimento podemos disparar nossas reflexões sobre os espaços para se fazer educação, baseados na ideia de que:

[...] é importante conectar sempre o ensino com a vida do aluno. Chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia, pela interação online e offline (MORAN, 2011, p. 61).

Assim consideramos que independentemente do espaço em que estão localizados os sujeitos, o importante é oportunizar a participação ativa nas ações que compõem a qualificação e construção de conhecimentos. Nesse sentido, com o surgimento das TDs iniciam-se efeitos não só para a educação, seja ela presencial ou a distância, mas sim para os movimentos sociais que estão atrelados. Assim,

Lemos e Lévy (2010) nos revelam que “as ações de produzir, distribuir, compartilhar são os princípios fundamentais do ciberespaço”.

Os espaços digitais virtuais possibilitam a abertura de um leque com diversos cenários a serem explorados, porém voltaremos nossos olhares para dois espaços essenciais neste estudo: AVA - Moodle e o Facebook.

4.2 AVA – Moodle

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem, que surgem como elemento inovador caracterizado conforme Moore e Kearsley na 4ª geração da EAD, apresentam novas possibilidades para ações na área da educação.

Muito utilizados nas atuais metodologias da EAD, os AVAs proporcionam espaço para realização das atividades e também para comunicação entre professores e estudantes, através de diferentes aparelhos com acesso à internet. Os AVAs dispostos no ciberespaço criam cenários com objetivo voltado para atividades educativas, nas quais se potencializa as ações de acompanhamento e comunicação entre os sujeitos (professores e estudantes) inseridos nos mesmos.

Atualmente dispomos de uma série de AVAs para utilização na EAD, os quais podem ter sua origem a partir de criações existentes no mercado comercializado,²⁵ ou pelas próprias instituições, garantindo um espaço mais personalizado.

São exemplos de AVAs: comercial a *Blackboard*,²⁶ que segundo Mattar (2012) é uma referência no meio educacional, e de criação própria o Portal Educação.²⁷

Ainda surgem nesse cenários os AVAs gratuitos, dos quais destacamos o Moodle, espaço que foi selecionado para esse estudo. O Moodle é um dos AVAs mais utilizados no Brasil, o qual oferece uma série de recursos e possibilidades bastante dinâmicas para se pensar a organização das ações educacionais. A esse respeito Mattar (2012, p. 77) destaca que “dentre os LMSs gratuitos, o Moodle,

²⁵Que podem ser adquiridos por diferentes instituições para utilização, nas quais adaptam suas propostas metodológicas aos recursos e possibilidades oferecidos pelos mesmos.

²⁶ Segundo o site institucional da Blackboard (<http://blackboard.grupoa.com.br/>): “A Blackboard trabalha em conjunto com os clientes no desenvolvimento e implementação de tecnologias para aperfeiçoar cada aspecto do processo educacional. Atualmente oferece cinco tipos de AVA denominados plataformas”.

²⁷Desde 2001 o Portal Educação trabalha para mudar a vida das pessoas, com base na eficiência, confiabilidade e agilidade de seus serviços. Para isso, constituiu ao longo da sua trajetória uma empresa sólida, que forma cidadãos em diversas áreas do conhecimento, incluindo cursos online, pós-graduação a distância, idiomas online e preparatório para concurso público, com o melhor e mais premiado ensino a distância do mundo. Fonte: Portal Educação.

criado em 2011, tornou-se uma escolha bastante comum nos últimos anos. No Brasil, seu uso tem sido reforçado pelo fato de ser adotado pela Universidade Aberta do Brasil (UAB).”

O Moodle por ser o AVA utilizado nas ações do CLPD, torna-se um dos cenários deste estudo. Sendo assim buscou-se identificar sua organização e possibilidades baseado nos aspectos:

- a) Comunicação;
- b) Apresentação de materiais;
- c) Organização de turmas;
- d) Realização de atividades.

Explorando o *layout* utilizado no Moodle pelo CEAD da UFPel, que coordena as ações do CLPD, vejamos nas telas a seguir como esses aspectos são contemplados dentro desse espaço de aprendizagem digital virtual.

Figura 7 – Tela de acesso AVA - Moodle

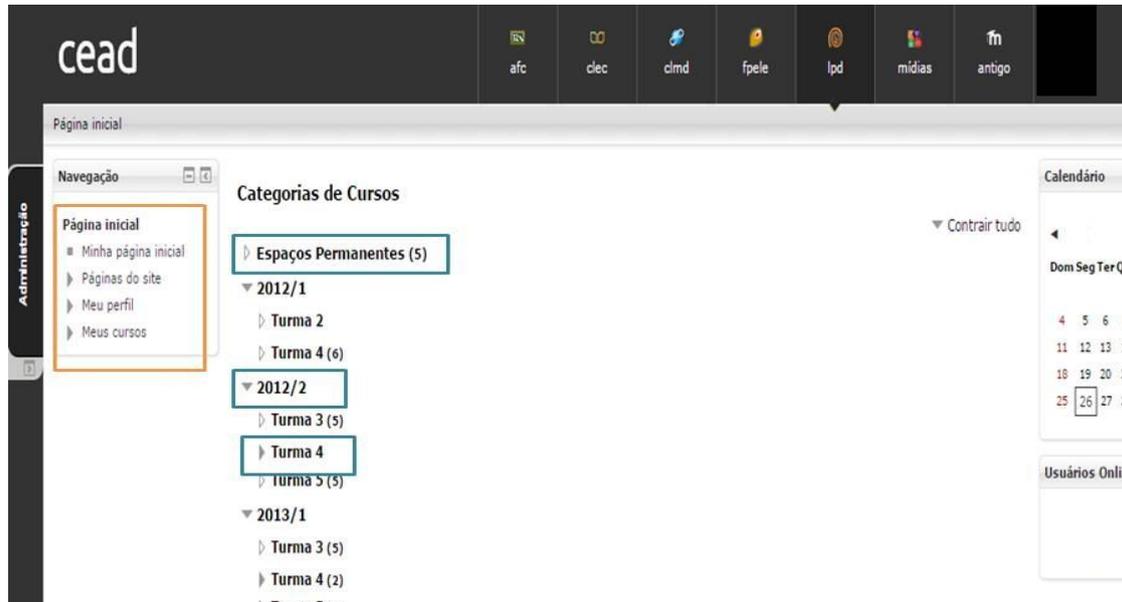


Fonte: CEAD.

Na tela inicial podemos ver que o Moodle somente pode ser acessado por estudantes e docentes vinculados a algum curso que o utilize. É importante salientar que o seu caráter gratuito se estende às instituições e aos sujeitos vinculados a elas, não podendo ser acessado por pessoas que não façam parte desse público.

Estando vinculado, o estudante recebe um login²⁸ e senha e acessa a página onde estarão contidas as informações necessárias para seus estudos, conforme nos é apresentado na imagem a seguir.

Figura 8 – Tela inicial AVA – Moodle



Fonte: CEAD.

Após realizar os procedimentos para acesso, o usuário (estudante ou professor) tem a possibilidade de personalizar sua página, como destacado no tópico **Página inicial**, acessando-o é possível inserir foto, descrição pessoal e acadêmica, bem como visualizar os cursos que participa e concluiu.

No viés de organização, no Moodle os estudantes são vinculados a turmas que os direcionam para o acesso específico aos materiais, espaços de realização de tarefas e comunicação.

Em **Espaços Permanentes** o estudante tem disponível todos os materiais, tarefas e diálogos registrados, desde o início de suas atividades no curso. Para selecionar basta escolher o período que deseja consultar e acessar a turma.

Destaco aqui que o estudante pode ter acesso em qualquer tempo aos conteúdos, tarefas e diálogos anteriormente realizados e expressados, não perdendo o acesso quando ingressa em uma nova etapa, possibilitando assim que possa revisitar suas produções e materiais estudados.

²⁸ É o termo utilizado para identificar o usuário. No CLPD o login dos estudantes e docentes é feito através do número do CPF.

Feita a seleção do período e turma, o estudante acessa a **Sala de Aula**, que neste caso é denominada de **Eixo**, o equivalente a disciplina. Vejamos como são apresentados:

Figura 9 – Acesso ao Eixo AVA - Moodle



Fonte: CEAD.

Acessando o Eixo o estudante irá entrar no espaço determinado para as atividades relativas às temáticas do mesmo, onde estão contidos materiais e recursos planejados para atender os objetivos previstos na área de conhecimento que o Eixo aborda.

Ao acessar a página do Eixo o estudante encontra os recursos que possibilitarão suas ações em busca de movimentos que proporcionem aprendizagem.

Figura 10 – Estrutura dos recursos no Eixo AVA - Moodle

Fonte: CEAD.

Com base na imagem anterior, destaco cada um dos recursos disponíveis no AVA, de acordo com as cores dos destaques realizados.

Na caixa destacada pela **cor azul** são apresentados os recursos de comunicação assíncrona através da ferramenta de **Fórum**, onde os estudantes podem se comunicar com professores e colegas em qualquer tempo. É preciso fazer uma postagem com o conteúdo que se queira debater ou informar, e esperar os comentários. Vejamos essa organização:

Figura 11 – Estrutura do recurso de Fórum AVA - Moodle

The figure displays three forum posts in a Moodle interface. Each post is contained within a light blue box and includes the following elements:

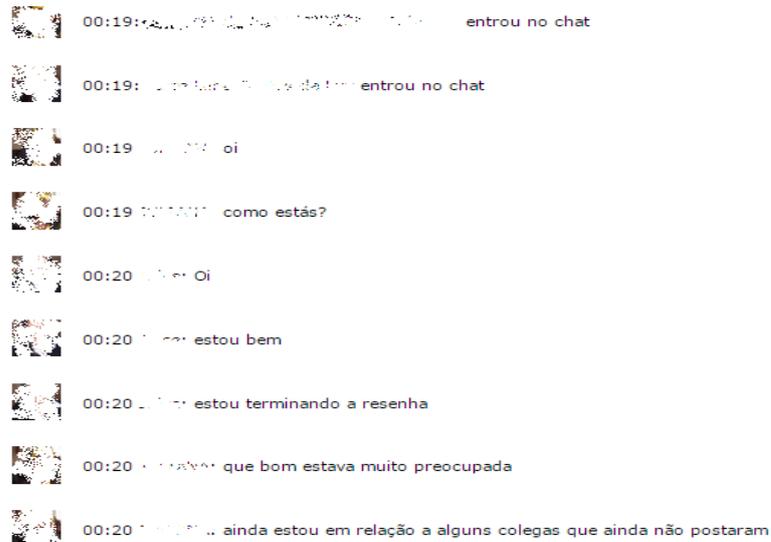
- Post 1:**
 - Title: **Re: Aula presencial**
 - Author: por [nome] [avatar]
 - Date: domingo, 26 janeiro 2014, 11:40
 - Content: **Sei que ja se passou bastante tempo da nossa ultima aula, mas queria muito expor o quanto ela foi produtiva e agradável!!!Por vezes me pego fazendo sozinha alguns sinais para não esquecer(rsrs)...Mto legal mesmo. Parabens a todos envolvidos!!!**
 - Links: [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)
- Post 2:**
 - Title: **Re: Aula presencial**
 - Author: por [nome] [avatar]
 - Date: segunda, 20 janeiro 2014, 11:33
 - Content: Oi!
Fico feliz em perceber que a interação em Libras através da web foi significativa no processo de aprendizagem que este eixo está propondo.
Parabéns a vocês por terem estudado e se dedicado para que pudéssemos nos comunicar através da web.
abraço,
 - Links: [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)
- Post 3:**
 - Title: **Re: Aula presencial**
 - Author: por [nome] [avatar]
 - Date: sábado, 18 janeiro 2014, 01:08
 - Content: Nossa aula de quarta foi muito diferente e empolgante. Conversar e responder na lingua de sinais foi uma experiência nova e gratificante.
Agora é só curtir as férias! Bjuss para todos!
 - Links: [Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Fonte: CEAD.

Na Figura 11 vemos que depois de feita a primeira postagem os demais participantes foram comentando e alimentando o fórum ao longo das semanas, salientando que não existe tempo determinado para participar dos processos de comunicação em atividades assíncronas.

No destaque na **cor laranja** podemos visualizar os recursos de comunicação síncronos, através da ferramenta de **Chat**, que acontecem em horário determinado, onde a comunicação ocorre em tempos iguais. Vejamos:

Figura 12 – Chat AVA - Moodle



Fonte: CEAD.

Podemos ver, que diferente do fórum, no chat a comunicação é instantânea,²⁹ a qual é necessário uma organização para se fazer presente em tempo determinado.

Com esses dois exemplos contemplamos o aspecto comunicação e seguimos para os destaques feitos nas cores vermelha e verde para conhecer os recursos de disponibilização de materiais e realização de tarefas.

O destaque na **cor vermelha** apresenta a postagem de um texto para leitura que tem por objetivo subsidiar a realização das tarefas, e discussões nos espaços de comunicação. Esses materiais podem ser capítulos de livros, artigos, reportagens, vídeos, entre outros.

O destaque na **cor verde** refere-se a realização das atividades, que podem ser apresentadas como envio de tarefa, como visto no exemplo da Figura 10. Essa atividade consiste em um movimento simples no qual o estudante produz seu material em um editor de texto de sua preferência e posteriormente faz o envio pelo AVA para apreciação e avaliação do professor.

Partindo dos exemplos acima podemos identificar a organização dos quatro aspectos que se buscou pontuar para conhecer a apresentação do AVA – Moodle contemplando a **comunicação** nos recursos de Fórum e Chat, a **apresentação de materiais** através da disponibilidade do texto anexado, a **organização de turmas**

²⁹ Que sucede num instante; rápido, súbito. Que ocorre ou está presente em um determinado instante; momentâneo. Fonte: Michaelis.

nos espaços estruturados no AVA, o qual direcionam o estudante a partir de sua escolha, e a **realização das atividades** pelo espaço de envio de tarefas.

Podemos então dizer que o AVA – Moodle é um espaço completo que atende todas as necessidades para proporcionar um ensino de qualidade?

Considerando que ele apresenta os aspectos relevantes para atividades educativas poderíamos afirmar que sim, porém salientamos que esse espaço não é o único a ser explorado quando pensamos em ações pedagógicas e consequentemente sociais.

Questionar que não basta somente um espaço para proporcionar momentos na educação não deve ser exclusividade das metodologias da EAD, mas também das que têm sua organização em espaços físicos determinados, uma vez que, como na perspectiva de Moran:

Tanto nos cursos convencionais como nos cursos a distância teremos que aprender a lidar com a informação e o conhecimento de formas novas, pesquisando muito e comunicando-nos constantemente. Isso nos fará avançar mais rapidamente na compreensão integral dos assuntos específicos, integrando-os num contexto pessoal, emocional e intelectual mais rico e transformador (MORAN, 2011, p. 61).

Por entender que os AVAs são cenários novos na EAD, ainda temos muito a caminhar para considerar o trabalho com diferentes EDVs nas ações pedagógicas, uma vez que é muito presente o pensamento que o estudante da EAD tem menos disponibilidade e tempo para dedicar-se aos estudos. Sendo assim para efetivar esse movimento é preciso investir na “autonomia dos estudantes para gerenciar sua educação, para que possam aprender perguntando e respondendo os desafios educativos e formativos da sociedade atual” (SANCHO, 2006, p. 31), estimulando assim o acesso a diferentes espaços.

4.3 Facebook: um EDV de Rede Social

Um dos espaços que apresentam grande potencial para exploração de informação e novos meios de comunicação e interação são aqueles criados com a intenção de proporcionar redes sociais, na qual convida os participantes inseridos nos mesmos a interagirem, os quais são utilizados de forma cada vez mais deflagrada em nossa sociedade. Diferente do Moodle, esses EDVs possibilitam o

acesso de todos os sujeitos interessados em participar dele, exigindo somente a construção de um perfil que identifique o usuário.

É importante apresentar a perspectiva na qual este estudo entende o conceito de EDV atrelado ao de rede social, uma vez que o Facebook é apresentado como um EDV antes de ser uma rede social. Parto dessa premissa por identificar o Facebook como parte do ciberespaço, apresentando características de participação e vivências.

Nos estudos que referenciam esse EDV vemos, atrelado a sua nomenclatura, o conceito de **rede social**, o que de fato está correto, porém é preciso concebê-lo primeiramente como espaço, pois é nele que são exercidos os movimentos necessários para essa compreensão.

Recuero (2010) aborda um estudo sobre redes sociais na internet que colaboram para tal entendimento, uma vez que caracteriza a rede social através dos atores³⁰ e suas conexões,³¹ que consiste no movimento dos sujeitos ao estabelecerem processos de interação.³²

Na compreensão de uma rede que é formada por atores e conexões é preciso compreender o que são os laços,³³ apresentados como fundamento básico nas ações dos atores ao estabelecer suas conexões.

Partindo do que se entende por laço, trazemos o conceito de laço social, o qual é formado a partir das interações e das relações dos atores. Os laços sociais podem ser apresentados em diferentes compreensões que os estabelecem, e neste estudo destacamos os laços relacionais que são “aqueles constituídos através de relações sociais, apenas podem acontecer através da interação entre os vários atores de uma rede social” (RECUERO, 2010, p. 39).

Ainda na busca de deixar clara a relação de EDV e rede social, Recuero (2010) revela a diferenciação de dois termos utilizados, sendo os sites de redes sociais

³⁰ Segundo Recuero (2010, p. 25), “os atores são o primeiro elemento da rede social. Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. [...] os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”.

³¹ As conexões consistem no movimento exercido pelos atores na rede social. “[...] são constituídas de laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (RECUERO, 2010, p. 30).

³² Indo ao encontro do conceito de interação apresentando anteriormente na perspectiva de Primo (1997, 1998), Recuero (2010) contribui ainda conceituando como “ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares” (RECUERO, 2010, p. 31).

³³ “O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social” (RECUERO, 2010, p. 38).

(SRS) e as redes sociais, percebendo um como espaço e outro como o movimento que possibilita a constituição das redes. A autora define os SRS como “espaços utilizados para as expressões das redes sociais na internet” (RECUERO, 2010, p.102) e as redes sociais atreladas ao “tipo de uso que os atores sociais fazem de suas ferramentas” (RECUERO, 2010, p.94).

Recuero (2010) citando Boyd e Ellison (2007) delinea o que constitui um site de rede social, sendo:

I) A construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; II) a interação através de comentários; e III) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam uma categoria de *softwares sociais*, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador (BOYD e ELLISON, 2007 *apud* RECUERO, 2010, p. 102).

Percebendo os SRS como espaços que possibilitam a criação das redes sociais na internet, podemos dizer que as mesmas se constituem basicamente pela comunicação mediada por computador³⁴. Portanto o que se entende por rede na perspectiva da comunicação mediada por computador, conforme Santaella (2013b, p. 43) nos revela, é que:

[...] as redes se constituem em ambientes em que cada um tem visibilidade no seu entorno, dependendo do uso que decide fazer dele, é uma constante a intenção de dar-se a conhecer, e gerar tráfego comunicativo por meio de conteúdos profissionais ou amadores. A transparência é forçada pelo simples fato de cada cibercidadão poder expressar suas ideias, necessidades, sugestões, críticas ou qualquer tipo de sentimento.

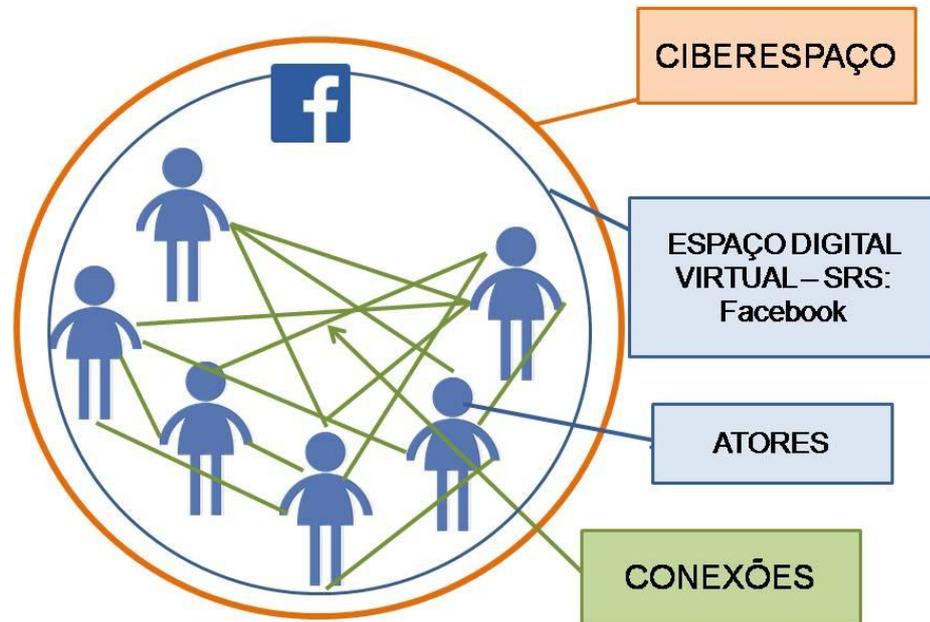
Recuero (2010, p. 51-52) salienta ainda que:

Hoje, os sites de rede social são uma realidade cotidiana, assim como a presença, quase ubíqua, das redes sociais online. Basta logar [...] e temos acesso quase instantâneo ao que os amigos, conhecidos (e desconhecidos) estão fazendo, o que pensam sobre os lugares onde estamos, quais suas recomendações, que vídeos viram, que imagens curtiram e onde podemos, inclusive, interagir.

Assim podemos dizer que as redes são estabelecidas através dos processos de comunicação e interação, nos quais os atores efetivam suas conexões, seja através de diálogos síncronos ou assíncronos. Podemos ilustrar esse movimento conforme a figura a seguir:

³⁴ Refere-se à possibilidade de comunicação e interação através das TDs.

Figura 13 – Redes sociais na internet



Fonte: Autoria própria, 2015.

Para exemplo da importância e presença que os movimentos dos sujeitos geram nos espaços digitais virtuais, através das redes sociais vamos retomar as manifestações populares ocorridas no ano de 2013, onde os sujeitos partindo de compartilhamentos de informações e interações saíram da rede social, disponível no ciberespaço, e foram para as ruas para continuar os movimentos iniciados nela. A reportagem selecionada no meio digital ilustra com clareza como a presença no virtual e no geograficamente localizado vem sendo concebida na perspectiva da coexistência, o que Santaella (2013a, p. 137) aborda dizendo:

Constatada a existência de dois espaços igualmente físicos, mais fisicamente diferenciados, o espaço ciber, ou seja, a nuvem informacional que nos envolve, e o espaço de circulação de nossos corpos, constatado também o fato de que, dotados de dispositivos móveis, podemos nos mover no mundo físico e, ao mesmo tempo, acessar o espaço da nuvem informacional que nos rodeia, pode-se afirmar que está aberto para nós o horizonte da ubiquidade. De fato, nessas condições, estamos em dois espaços ao mesmo tempo. Independente dos ritmos estabelecidos de trabalho e descanso, de estudo e lazer, a vida escoia não mais na mera sequencialidade temporal em locais físicos determinados, mas isso se sobrepõe o escoamento da vida na intermitência do tempo em espaços reticulares.

Ainda reforça a ideia que esse movimento “Trata-se de uma condição que as redes sociais, especialmente o Facebook, levam às últimas consequências a ponto de permitir que nossa vida transcorra tanto aqui quanto lá, no mesmo correr do tempo” (SANTAELLA, 2013a, p. 137).

Movimento Passe Livre e a política na Era Informacional

Por **Renato Rovai** - Junho, 2013

O que está acontecendo nesses últimos dias no Brasil não é novo. E não pode ser pensado a partir das mesmas lógicas e padrões da sociedade industrial. É preciso buscar entender o tempo que estamos vivendo, como as dinâmicas de relação e poder se estabelecem e quais as novas demandas e padrões de luta. Não são questões fáceis e nem ensejam respostas precipitadas. O jogo é muito mais complexo no modelo atual. Há alguns anos venho conversando sobre redes com diferentes grupos. E, entre outras coisas, tenho afirmado que estamos vivendo numa mudança de era. Estamos passando da Era Industrial para a Era Informacional. Isso tem levado a grandes transformações na economia, na cultura e também na política. Quando migramos da sociedade agrícola para a industrial, isso já ocorreu. Foram grandes as transformações e enormes as resistências. Houve quem preferisse destruir as máquinas do que tentar entender suas possibilidades e potencialidades. Hoje a mesma coisa está ocorrendo. A sociedade em redes não permite respostas analógicas. E os partidos e movimentos tradicionais de esquerda ainda resistem em entender esse novo processo. Não entenderam que na sociedade em redes uma das grandes crises se dá em relação às organizações intermediárias. A indústria cultural foi uma das primeiras a ser afetadas por esse fenômeno. As gravadoras de música, por exemplo, tentaram resistir a ele com a criminalização do que chamavam de pirataria. Tiveram que mudar a estratégia e perderam muito espaço. Na indústria da informação está ocorrendo o mesmo. Boa parte dos grandes grupos desse setor está ruindo porque decidiu enfrentar as mudanças e não buscar se adaptar a elas. Na política, os partidos são as organizações intermediárias. São as gravadoras da indústria da música. E as pessoas que estão nas ruas não querem ser representadas por eles. Querem se representar. É uma crise da democracia representativa, para a qual ainda não se tem respostas nem soluções. E para ser franco, poucas pistas. De qualquer forma, a resposta tradicional a isso é a de que esses movimentos negam a política. Essa é uma daquelas respostas simples que não dialogam com o problema. Entre outras coisas porque nunca se discutiu tanto questões da política como nesses anos de redes em redes.

E essas redes nascem nas ruas e se articulam na internet. Nascem na internet e se manifestam nas ruas. Elas não são produzidas em escala industrial e nem em linhas de produção. E nelas há forças centrais, mas não há um centro. E as forças centrais podem inclusive ser contraditórias. É preciso pensar em movimentos e não num único movimento. Movimentos que em alguns momentos podem se juntar a partir de uma sensação de que

algo precisa mudar. E de alguma forma é isso que parece estar acontecendo no Brasil dos últimos dias. Nas novas dinâmicas de rede o que está ocorrendo é que essas organizações tradicionais preferiram o velho ao novo. Negar a rede parece ser uma forma de se defender do novo. É um equívoco brutal.

Fonte: <<http://www.revistaforum.com.br/blogdorovai/2013/06/19/o-movimento-passe-livre-e-a-politica-na-era-informacional/>>. Acesso em: 2014.

Percebemos partindo do recorte da reportagem selecionada que a rede social possibilita movimentos de comunicação ubíqua, através de narrativas, imagens e impressões. A vida em sociedade atualmente ocorre, também, através dos espaços digitais, integrando a vida fora da internet, que passa a ser retratada em tempo real, onde os acontecimentos ganham força pela coexistência na participação dos usuários.

A esse respeito Manuel Castells revelou em uma entrevista concedida ao *Fronteiras do Conhecimento*³⁵ que:

Atualmente, esses movimentos têm se intensificado pelo mundo afora porque os cidadãos não se sentem representados pelas instituições democráticas. A cidade é dos cidadãos e o que muda, atualmente, é que os cidadãos têm um instrumento próprio de informação, de auto-organização e auto mobilização que, antigamente, não existia. Antes, se estavam descontentes, a única coisa que podiam fazer era ir diretamente para uma manifestação de massa organizada por partidos e sindicatos, que logo negociavam em nome das pessoas. Mas, agora, a capacidade de auto-organização é espontânea. Isso é novo e isso são as redes sociais. E o virtual sempre acaba no espaço público. Essa é a novidade. Sem depender das organizações, a sociedade tem a capacidade de se organizar, debater e intervir no espaço público (CASTELLS, 2003).

Partindo das novas possibilidades de participar das ações na sociedade através das redes sociais, elas tornam-se também relevantes para se pensar em atividades voltadas ao ensino. Santaella (2013a) apresenta, ao falar dos aspectos da aprendizagem nos espaços digitais virtuais, os estudos de Irwin *et al.* (2012), que em suas pesquisas revelaram o Facebook:

[...] como meio auxiliar no Ensino Superior. Antes de tudo, notam que aprendizagem amalgamada está se tornando cada vez mais prevaiente nas universidades. Ela inclui recursos da Web como *e-mail*, gravação em som e vídeo de aulas e palestras, blogs, fóruns de discussão e sistemas dedicados de administração de aprendizado que têm sido utilizados em universidades em várias partes do mundo. (SANTAELLA, 2013a, p.320)

³⁵ Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/canalfronteiras/entrevistas/?16,68>>.

Ainda revela que o Facebook disponibiliza

[...] conectividade social e espaços para um perfil pessoal com os quais os alunos de hoje já estão familiarizados. Por isso, o surgimento de redes sociais vem colocando em questão os limites do ensino amalgamado. Tudo indica que essas redes apresentam o potencial para o desenvolvimento de processos colaborativos (SANTAELLA, 2013a, p. 320-321).

Pensando em uma proposta de ensino híbrido em espaços, com dinâmicas amalgamadas,³⁶ é preciso conhecer a estrutura do Facebook, tendo em vista relacionar o mesmo com o Moodle.

Figura 14 – Tela inicial Facebook



Fonte: Facebook.

Na figura podemos ver o convite para participar do Facebook, salientando o caráter da comunicação e facilidade em participar. Atualmente muitos são os usuários deste EDV, o qual pode ser utilizado somente para estar informado, caracterizando-o nesse sentido como uma mídia social digital,³⁷ ou como uma rede social, onde se participa ativamente dos movimentos que nele ocorrem.

O Facebook apresenta, assim como no AVA - Moodle, diversas ferramentas para legitimar a participação de quem nele está inserido, como podemos ver nas figuras a seguir:

³⁶ Mesclada; misturada. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/amalgamado/>>.

³⁷ Que está atrelada ao aspecto de subsidiar o acesso a diversas informações através dos espaços digitais virtuais.

Figura 15 – Ferramentas para participação no Facebook



Fonte: Facebook.

As ferramentas de Publicar, Foto/Vídeo, Perguntar e Arquivo possibilitam uma participação bastante diversificada onde o sujeito pode utilizar de todos esses recursos para se comunicar e se informar com outros usuários da rede.

Aliado a essas ferramentas, que possibilitam a chamada postagem no mural,³⁸ apresenta-se outro meio de comunicação, que consiste no envio de mensagens instantâneas, através de janelas de conversação, que podem ser utilizadas por duas ou mais pessoas.

Figura 16 – Espaço de mensagem no Facebook



Fonte: Facebook.

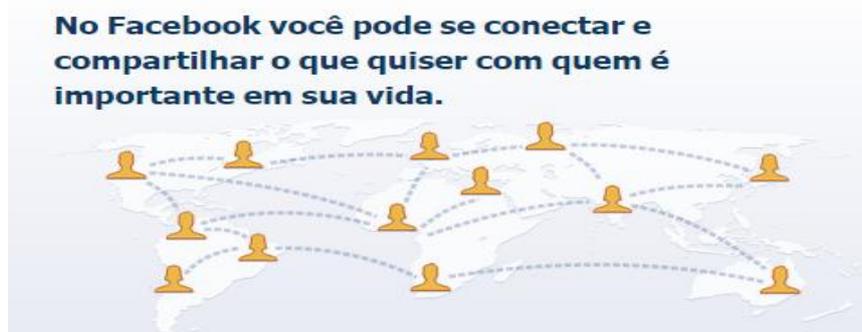
Através desse recurso a comunicação pode ser utilizada de forma síncrona e assíncrona, porém os movimentos síncronos ganham maior expressão nesse recurso, deixando os aspectos assíncronos para as publicações no mural.

³⁸ Ação que possibilita registrar expressões através dos recursos disponíveis.

Através do EDV de Rede Social Facebook é possível utilizar ferramentas de conversa, postagem de materiais e compartilhamento de informações, bem como expressar opiniões e comentários, selecionar amigos, criar grupos por áreas de interesse, pesquisar e participar ativamente de movimentos que ocorrem em nossa sociedade.

O layout que ilustra as ações do Facebook nos remetem a pensar na interação e na formação de rede, vejamos a figura disposta na página inicial, dando destaque a frase.

Figura 17 – Mensagem aos usuários do Facebook



Fonte: Facebook.

A imagem ilustra a constituição da rede social a partir dos atores e suas conexões, bem como as múltiplas possibilidades de relacionar-se.

Quando o Facebook torna-se uma rede social apresenta diversas possibilidades para efetivar ações de relacionamento, onde se destaca a criação de grupos formados a partir de interesses e/ou assuntos que os sujeitos compartilham.

A criação de grupos no Facebook proporciona uma espécie de comunidade onde normalmente é composto por participantes que compartilham de ideais ou razões parecidas. Segundo Mattar (2012) “grupos são espaços online onde as pessoas podem interagir e compartilhar.”

Ainda contribui dizendo que:

É possível criar grupos abertos, privados e fechados, o que ajuda a preservar a privacidade de seus membros e dos temas discutidos. Quando um membro posta algo no grupo, como um link para um artigo, uma questão ou uma atividade, os outros membros receberão uma mensagem ou texto do Facebook com essa atualização (MATTAR, 2012, p. 93).

Esse movimento de criação de grupos organiza as atividades e discussões dos usuários, buscando criar um espaço que colabore nas ações de comunicação e fortalecimento das redes sociais, sem a necessidade de estar presente fisicamente.

[...] a importância das comunidades virtuais está no espaço criado pela comunicação, um espaço em que relações interpessoais de confiança, afinidade e reciprocidade são mantidas de forma voluntária e não simplesmente porque se está situado em um mesmo local físico (SANTAELLA, 2010, p. 265).

Sendo assim integrar os movimentos que constituem as redes sociais com a possibilidade dos estudos dos AVAs é um aspecto relevante a ser considerado para os estudos de cursos ofertados em EAD.

4.4 Moodle e Facebook: pontos em convergência e as possibilidades para educação

Abordar os espaços do Moodle e do Facebook partindo da ideia de convergência³⁹ revela possibilidades para pensar na coexistência⁴⁰ do viver e do conviver através de diferentes espaços, sejam eles digitais virtuais ou físicos.

Nesse sentido, a proposta do Hibridismo Tecnológico Digital (HTD) que agrega diferentes espaços, não limitando as ações a um único, busca ampliar as possibilidades na educação. O AVA dentro de suas possibilidades destaca-se por ser um espaço que facilita hospedar recursos de conteúdo e realização de tarefas, porém é um ambiente formal de aprendizagem, já a rede social (espaço de interação) faz parte da vida social dos sujeitos, onde estão conectados em sua maioria a quase todo instante, acessam e interagem nele por motivos diversos, não somente educativos.

Nos estudos de Backes (2013b) nos é apresentado de forma clara como se caracteriza a proposta do hibridismo tecnológico digital, pois a autora relaciona os espaços digitais virtuais, onde acentua a perspectiva da convivência nos mesmos, partindo da compreensão de que “[...] os seres humanos também podem construir o

³⁹ Santaella (2010) apresenta o conceito de convergência como “significa inclinar-se na direção de um ao outro, ou na direção de um mesmo ponto de encontro, tendendo a encontrar-se em um ponto ou foco”. Sendo assim entende como um movimento que integra diferentes espaços.

⁴⁰ A coexistência contempla a participação dos sujeitos em diferentes espaços, onde o mesmo vive e convive em tempos iguais. Backes (2013a, p. 342) revela nesse sentido que “o viver e o conviver consiste na compreensão da coexistência entre os seres humanos e os diferentes meios, sendo estes, complementares.”

viver com o outro em espaços digitais virtuais, desta forma configuram os espaços digitais virtuais de convivência” (BACKES, 2013b, p. 5).

Moodle e Facebook podem coexistir nas metodologias da EAD, abrindo possibilidades para ampliar a comunicação e interação, que como vimos anteriormente são elementos essenciais nessa modalidade de ensino. Ao trabalhar com a ideia do HTD é importante perceber que:

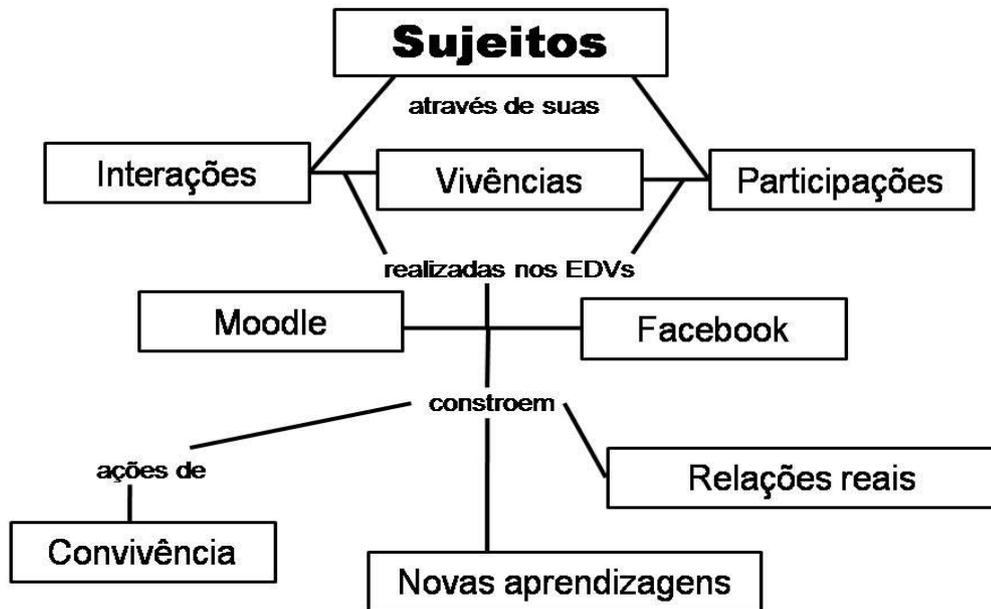
No contexto do hibridismo tecnológico digital, a construção do conhecimento ocorre no fluxo de interações dos processos formativos em que há cooperação e acoplamento estrutural dos estudantes e professor. O fluxo de interação consiste na ação dos participantes em representar sua percepção nos espaços digitais virtuais, conhecer a percepção do outro e, por meio da interação, desencadear perturbações (BACKES, 2013a, p. 339).

Sendo assim, no momento em que nos conectamos aos diferentes EDVs e participamos efetivamente dos movimentos que são construídos neles, estamos em convivência com o meio, através de nossos compartilhamentos, escritas e expressões, criando um repositório rico de memórias e narrativas que serão fundamentais em nossas aprendizagens. Ao nos expressarmos e afetarmos com as expressões dos outros e a partir das vivências, buscamos novos entendimentos, novas perspectivas e saberes, resultando em novas compreensões.

A proposta de trabalhar com dois EDVs pretende demonstrar na prática a importância da coexistência desses espaços para qualificar os momentos de aprendizagem na proposta da educação a distância, uma vez dada a importância de cada espaço, pois um apresenta caráter voltado às atividades educativas e o outro ao social, fatores intimamente ligados na vida dos sujeitos. Esse movimento retoma a ideia do habitar espaços em convergência que, como Jenkins (2009, p. 43) coloca, “não é algo que vai acontecer um dia, quando tivermos banda larga suficiente ou quando descobrirmos a configuração correta dos aparelhos. Prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura da convergência.”

Perceber o HTD, ligado aos aspectos da convergência e da coexistência, constitui um movimento organizado conforme a figura que segue.

Figura 18– Esquema de Hibridismo Tecnológico Digital



Fonte: Autoria própria, 2015.

Assim, a proposta do hibridismo tecnológico digital é entendida como concepção que possibilita a presença dos estudantes em diferentes EDVs. Sendo assim este estudo dedica-se a apresentar análises dos processos de participação e interação de estudantes que habitam os espaços do Moodle e do Facebook de forma convergente em suas atividades de estudos.

4.4.1 A escolha dos EDVs para ações na EAD: análise das falas dos sujeitos do CLPD

Afim de apresentar quais motivos levaram os sujeitos dessa pesquisa a explorarem novos espaços para ações educativas, externas ao AVA, bem como demonstrar o que os levaram a escolha do espaço Facebook, apliquei um questionário através do grupo criado pelos estudantes no Facebook, objetivando analisar suas respostas a partir de seis categorias:

1. Motivos de escolha do Facebook;
2. Motivos que levaram os estudantes a habitarem esse espaço;
3. Como a participação no Facebook auxilia na aprendizagem;

4. Quais compreensões frente ao uso do AVA e do Facebook de forma integrada nas ações educacionais;
5. Recursos mais utilizados para interação em ambos os espaços;
6. Periodicidade de participação nos espaços.

Para atender tais categorias o questionário foi construído a partir de perguntas de caráter objetivo e dissertativo, sendo elas:

Quais motivos levaram você à escolha do Facebook para criação de um canal de comunicação?		
Quais motivos levaram você a participar das conversas no grupo?		
As interações no grupo auxiliam em sua aprendizagem? De que forma?		
Você acredita que o Facebook e o AVA são ferramentas que devem ser utilizadas em conjunto para as práticas pedagógicas de cursos em EAD? Por quê?		
Qual a ferramenta que você mais utiliza para interagir no Facebook?		
<input type="text" value="Publicações no mural"/>	<input type="text" value="Mensagem instantânea"/>	
Qual a ferramenta que você mais utiliza para interagir no AVA?		
<input type="text" value="Chat"/>	<input type="text" value="Fórum"/>	<input type="text" value="Mensagem instantânea"/>
Com qual frequência você acessa o grupo do curso no Facebook?		
<input type="text" value="Diariamente"/>	<input type="text" value="Semanalmente"/>	<input type="text" value="Quinzenalmente"/>
Com qual frequência você acessa o AVA?		
<input type="text" value="Diariamente"/>	<input type="text" value="Semanalmente"/>	<input type="text" value="Quinzenalmente"/>

O mesmo foi acompanhado do seguinte texto:

Prezado participante,

O questionário a seguir tem por objetivo efetivar as atividades da pesquisa.

Para participar é preciso responder às perguntas propostas dentro do período de 16/2/2015 a 22/2/2015.

Grato pela colaboração e sigo à disposição.

O questionário respondido por nove estudantes do CLPD revelou indicadores para as análises frente ao tema proposto pela concepção do HTD. As respostas a seguir apresentadas foram transcritas de acordo com o colhido, sem alterações.

Respostas do questionário estudante Pat:

1. Bom, como eu via sempre vários colegas online no Face, achei que seria uma boa ideia e mais fácil de nos comunicarmos através de um grupo criado nele, um espaço onde pudéssemos interagir uns com os outros e com os tutores presenciais, de forma mais descontraída e sem nos preocuparmos com regras da faculdade. Pois, muitas vezes no ava (ambiente virtual da faculdade) ficávamos cuidando o que escrever, e isso acabava tolhendo o nosso pensar. No grupo do facebook podíamos falar sobre qualquer assunto, fazer críticas, trocar conhecimento, indicar leituras e materiais pertinentes aos nossos estudos, desabafar, etc. E por esses motivos criei o grupo.
2. Como criei o grupo, me encarreguei de monitorá-lo e por isso, ficava online 24h monitorando as conversas, esclarecendo dúvidas ou dando recados quando os professores me pediam. Também é claro, adorava interagir e conhecer mais cada um dos meus colegas. Outro ponto, foi que no ambiente virtual da faculdade (ava) as vezes demorava a interação e respostas. Coisa que no grupo era imediato o contato. E também ali o grande grupo via as mensagens, enquanto que no ava, não havia meio de envio de mensagens instantâneas, normalmente só em chat agendados com pouca frequência em horários que as vezes não era possível participar. Mas como falei, devido ao acesso heterogêneo, demorava a ocorrer essa interação com o grande grupo. No facebook era na hora, como quase todos tinham o aplicativo nos tablets ou celulares, raramente algum dos alunos não lia ou via as mensagens e postagens para o grupo em geral. E respondiam ou curtiam o conteúdo ou mensagem imediatamente.
3. Sim, muito. Pois, pudemos trocar materiais, indicar livros e leituras, vídeos, sites, tudo que achávamos pertinente ao nosso crescimento nos conteúdos dados na faculdade. Outro ponto muito legal foi que pudemos trocar experiências.
Além da troca de materiais, ainda trocávamos relatos e tirávamos dúvidas uns com os outros, e com os tutores presenciais.
Muitos colegas relatavam alguns episódios dos estágios ou fatos que ocorreram com eles nas escolas em geral, e isso auxiliava-nos a

compreender como era o dia a dia real nas escolas, a aprendermos e trocarmos experiências. Ou quando tínhamos dúvidas, os tutores explicando no grupo do facebook, já sanavam as dúvidas do grande grupo, pois todos liam e iam adquirindo conhecimento juntos. Além da praticidade e velocidade, já que no grupo do facebook era tudo imediato.

4. Com certeza acredito, pois nos auxiliaram muito. São ótimas ferramentas para interação do grande grupo e auxiliam muito no aprendizado e aquisição de conhecimento. Porque você pode ter acesso 24h ao conteúdo postado, você pode interagir e esclarecer dúvidas na hora que elas aparecem (facebook) e no ava todos os conteúdos e materiais postados pelos tutores estavam a nossa disposição sempre que precisávamos, essa facilidade foi importante, pois devido as vidas agitadas e corridas de todos, nem sempre acessávamos em horário comercial. O acesso ao facebook podia ser realizado a qualquer momento pois o aplicativo era baixado no celular ou tablet facilitando o acesso remoto. Com o ava, era mais difícil isso ocorrer, pois houve sempre muitos bugs e nem sempre a página abria ou carregava corretamente acessando via celular ou tablet. Além disso, o grupo no facebook ajudou para que nos conhecêssemos melhor e pudéssemos interagir mais uns com os outros e com os tutores.

5.	6.	7.	8.
Mensagem instantânea	Mensagem instantânea	Diariamente	Semanalmente

Respostas do questionário estudante Rob:

1. O facebook por ser um canal de comunicação muito usado diariamente pela maioria dos estudantes faz com que facilite essa comunicação entre as pessoas. Como tenho ele no meu celular achei melhor esse.
2. Os motivos que me levaram a participar das conversas em grupo foram às dúvidas e amizades que formamos no curso.
3. Sim, com certeza, as interações em grupo auxiliaram muito na minha aprendizagem e foi através dessa conversas que tive esclarecimento sobre trabalhos e outras opiniões da qual, me fizeram ver outra realidade.

4. Sim, acredito que os dois devem caminhar juntos. Pois, como já tinha citado na primeira pergunta o facebook é um canal muito utilizado por todos nós.

5.	6.	7.	8.
Mensagem instantânea	Mensagem instantânea	Diariamente	Semanalmente

Respostas do questionário estudante Cla:

1. Escolhemos o face, pois ele é um meio mais prático de manter o contato com os colegas, já que a mesma rede agrega amigos, família, trabalho e estudos.
2. No início não participava muito, mas fui vendo que aos poucos era um lugar que me ajuda quando surgiam dúvidas e também aprendia muito conversando com os colegas, agregando as explicações as dúvidas dos outros para me auxiliar.
3. Acredito que sim. As conversas auxiliaram muito na aprendizagem, já que havia muita troca de informações e brincadeiras.
4. Sim devem ser usadas em conjunto, o AVA de forma mais formal no tato com os professores e coordenadores e o face de maneira mais informal sem pressão, mas com a mesma utilidade para esclarecimentos e debates em grupo.

5.	6.	7.	8.
Mensagem instantânea	Fórum	Diariamente	Semanalmente

Respostas do questionário estudante Cri:

1. Por ser uma rede social muito utilizada atualmente e de fácil acesso o facebook tornou-se o elo de comunicação rápida entre os colegas e professores.
2. Sanar dúvidas em tempo real, onde todos interagem de forma rápida e também pela troca de ideias e informações.

3. Sim auxiliaram positivamente pois havia troca de ideias e esclarecimento entre os colegas e professores que não eram do curso com intuito de ajudarem-se mutuamente.
4. Sim, com certeza, por se tratarem de lugares de comunicação atuais e de fácil acesso para todos que ajudam nas conversas entre alunos e professores que estão na EAD.

5.	6.	7.	8.
Mensagem instantânea	Fórum	Diariamente	Diariamente

Respostas do questionário estudante Pau:

1. Quando escolhemos o Facebook foi porque todos usavam ele. Como eu também usava foi meio que automático.
2. Participar do grupo ajuda nas atividades e também a conhecer melhor nossa turma, agente fica mais próximo.
3. Muito porque tirávamos dúvidas não só com os colegas e tutores presenciais, mas com outras pessoa. Quando fizemos Libras conseguimos dicas de vídeos e de uma professora que trabalhava como isso que era minha colega.
4. Com toda certeza. Pois no Ava agente tem materiais para estudar e como fazer as atividades de forma bem organizada e no face agente conversa e se ajuda de maneira rápida porque é mais fácil de acessar. Eu acho muito bom os dois.

5.	6.	7.	8.
Mensagem instantânea	Fórum	Diariamente	Semanalmente

Respostas do questionário estudante Van:

1. O face é muito bom, eu já utilizava muito antes de começar a estudar nele. Quando o pessoal quis fazer um grupo no face eu achei ótimo pois eu poderia participar bastante.

2. No curso sempre tivemos muita explicação, a maioria na aula presencial, mas foi ficando mais difícil as atividades e não dava tempo de tirar as dúvidas só nas aula então além de gostar do face eu participo porque ele me ajuda com as informações e sugestões de todos os colegas.
3. Me ajudou muito pois nas conversar com todos tirávamos dúvidas e aprendíamos coisas novas que nem era pedido nas atividade do AVA. Gosto muito quando alguém sugere vídeos e textos para ler, até as imagens nos ajudam como os esquemas que os profs postavam.
4. Sim sempre. O face é um lugar que agente se diverti, conversa e brinca e ele ajuda nas atividades do AVA. O AVA é a escola e o face é o pátio então eles devem estar sempre juntos.

5.	6.	7.	8.
Mensagem instantânea	Fórum	Diariamente	Diariamente

Respostas do questionário estudante Mar:

1. Eu escolhi o facebook porque a maioria já tinha, eu não tinha mas foi bem fácil de criar. Eu achava que era mais uma coisa pra me preocupar mas depois ele me ajudou muito.
2. Como o pessoal todo queria fazer um grupo para se ajudar eu também fui, pois fiquei com medo de perder algo importante, como eu sempre estudei só no computador gostei da ideia de poder trocar ideias pelo celular.
3. Com certeza. O grupo se ajuda muito, agente troca informações, se ajuda a entender as tarefas, conversa sobre o que o outro tá achando, a nossa colega sempre posta os dias dos envios e isso é muito bom.
4. Sim porque o AVA é mais difícil de entrar demora no celular e os professores as vezes demoram um pouco para responder. As vezes eu sei que eu que erro pois vou tirar duvida em cima da hora para enviar e no AVA não tem ninguém lá no face sempre alguém me ajuda ou lendo o que já escreveram eu tiro minha duvida. Eu acho os dois importantes.

5.	6.	7.	8.
Mensagem instantânea	Mensagem instantânea	Diariamente	Semanalmente

Respostas do questionário estudante Hum:

1. Eu escolhi o facebook porque eu já conversava com meus amigos e minha família e era bem fácil.
2. Porque os colegas me convidaram e tinha a Pat que ajudava a organizar o grupo.
3. Muito pois eu aprendi um monte de coisa. Tinha umas palavras mais difíceis que eu não gostava de perguntar para os tutores daí no Face os colegas explicarão e eu entendi. Gostava muito dos vídeos com as explicações ajudava na leitura dos textos do AVA.
4. Os dois devem ser usados juntos sim, pois o que um não tem o outro tem.

5.	6.	7.	8.
Mensagem instantânea	Fórum	Diariamente	Diariamente

Respostas do questionário estudante Ali:

1. O face foi escolhido por todos porque agente já usava. Eu particularmente já estudava com alguns colegas nele através de nossas conversas.
2. Como já gostava de conversar com o pessoal no face eu participei para aprender mais pois mais colegas participavam das conversas e compartilhavam coisas bem legais, nem sempre de estudos mas era bom para dar uma folga.
3. Me auxiliou muito porque as vezes eu ficava com uma pulginha atrás da orelha e não sabia daí eu ia lá e tirava minha duvida e ainda ajuda os colegas.
4. O face e o Ava são maravilhosos, pois no face agente pode brincar e estudar e no Ava agente pode estudar e ter um curso de graduação sem sair de casa.

5.	6.	7.	8.
Mensagem instantânea	Fórum	Diariamente	Diariamente

Através do questionário podemos identificar fatores que auxiliam na compreensão dos motivos que levaram a escolha do EDV Facebook para efetivar ações de estudos e comunicação, sendo elas:

- a) Um espaço que maioria dos estudantes já tinha acesso;
- b) Ser acessível facilmente a partir de diferentes aparelhos, principalmente o celular;
- c) Ser um espaço de livre acesso que possibilita diversão e aprendizado;
- d) A possibilidade de compartilhar materiais diversos que servem de apoio aos estudos;
- e) Ser um espaço de comunicação instantânea.

No viés do que levou os alunos a participarem, os maiores indicadores encontrados foram:

- a) Rapidez nas respostas, trazendo a perspectiva de uma comunicação praticamente ubíqua;
- b) Processos de interação aproximando as pessoas e criando laços de amizade;
- c) Conhecimento do grupo e de seus entornos;
- d) Esclarecimento de dúvidas entre colegas, professores e pessoas externas aos sujeitos vinculados no curso;
- e) Auxílio de um estudante que se colocou na posição de monitor do grupo.

Quando perguntados se esse movimento auxilia/auxiliou em suas aprendizagens destacamos nas respostas dos estudantes o índice de 100% de respostas afirmativas, salientando que através dos diálogos, interações e sugestões de materiais e informações as ações no Facebook foram de grande importância para as atividades no curso e na aprendizagem.

A proposta de pensar a utilização dos EDV Facebook e Moodle também nos revelam um indicador total de respostas, destacando a importância do AVA e do Facebook em conjunto. Trazemos para reforçar essa ideia alguns recortes das respostas dos estudantes:

[...] no Ava agente tem materiais para estudar e como fazer as atividades de forma bem organizada e no face agente conversa e se ajuda de maneira rápida porque é mais fácil de acessar.

- O AVA é a escola e o face é o pátio então eles devem estar sempre juntos. Os dois devem ser usados juntos sim, pois o que um não tem o outro tem.
- Sim devem ser usadas em conjunto, o AVA de forma mais formal no tato com os professores e coordenadores e o face de maneira mais informal sem pressão.
- O face e o Ava são maravilhosos, pois no face agente pode brincar e estudar e no Ava agente pode estudar e ter um curso de graduação sem sair de casa.

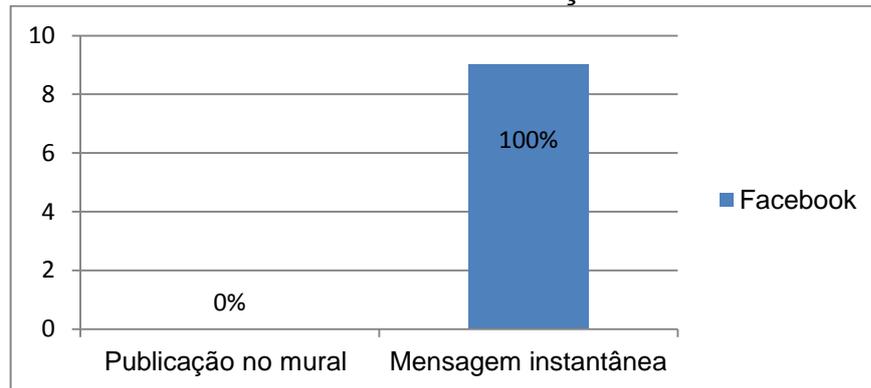
É importante salientar que os estudantes participantes da pesquisa apresentam de forma bastante significativa, em suas respostas, a necessidade de investir em espaços que pudessem coexistir, significando seus movimentos e ampliando as possibilidades de aprendizagem. Ao conceber como positiva a participação no Moodle em congruência com o Facebook, percebe-se que muitos caminhos podem ser explorados na educação em nossos atuais contextos sociais, que vai ao encontro do que nos diz Santaella (2013b):

O contexto é vasto. Ele pode e deve ser explorado sob uma multiplicidade de aspectos. O que precisamos reter em nossas mentes é que vivemos em um tempo que não há mais tempo a nostalgia. A velocidade tomou conta do mundo e se há uma área da ação humana que não permite que fiquemos à janela vendo a banda passar, essa área é a educação (SANTAELLA, 2013b, p. 46).

Ao analisar a fala da estudante **Pat**, quando revela assumir o papel de monitora no Facebook, organizando as atividades e alertando para as ações no Moodle, percebemos o quão longe podemos chegar ao pensar em ações educativas no viés do HTD. A partir do movimento da estudante reforçamos que nos EDVs é possível apresentar um caminho autônomo para o estudante construir a estrada de sua formação, onde todos podem contribuir e gerenciar as ações que participam.

Seguindo para as análises das categorias cinco e seis, revelo os indicadores quantitativos das respostas objetivas, acompanhados da análise qualitativa.

Frente ao uso dos recursos mais utilizados no Facebook revelo os seguintes dados:

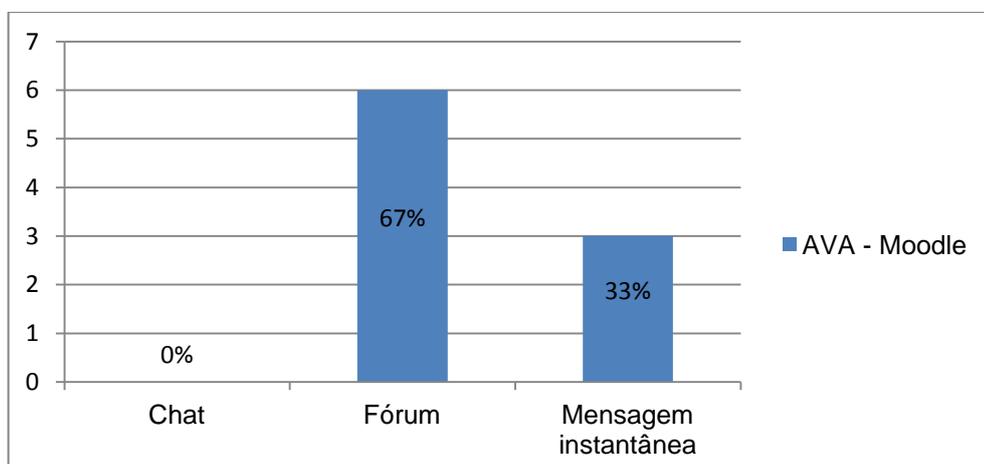
Gráfico 1 – Ferramenta de interação no Facebook

Fonte: Autoria própria, 2015.

O recurso mais utilizado para as interações no Facebook são as mensagens instantâneas, as quais possuem um caráter de comunicação síncrona, conforme demonstrado no Gráfico 1, 100% dos estudantes revelaram este dado.

Percebe-se nesse sentido, no conjunto das análises, que o recurso de mensagem instantânea permite uma comunicação em tempo real, como uma conversa face a face. Esse dado revela a busca pela ubiquidade, onde Santaella (2013a) atribui essa possibilidade ao surgimento dos aparelhos móveis que “nos oferecem a possibilidade de presença perpétua” independentemente do local físico que estejamos localizados.

Já no Moodle, a maioria dos estudantes elegeram o fórum como ferramenta mais utilizada para interação entre os participantes, sendo esta de caráter assíncrono, conforme podemos conferir no gráfico a seguir:

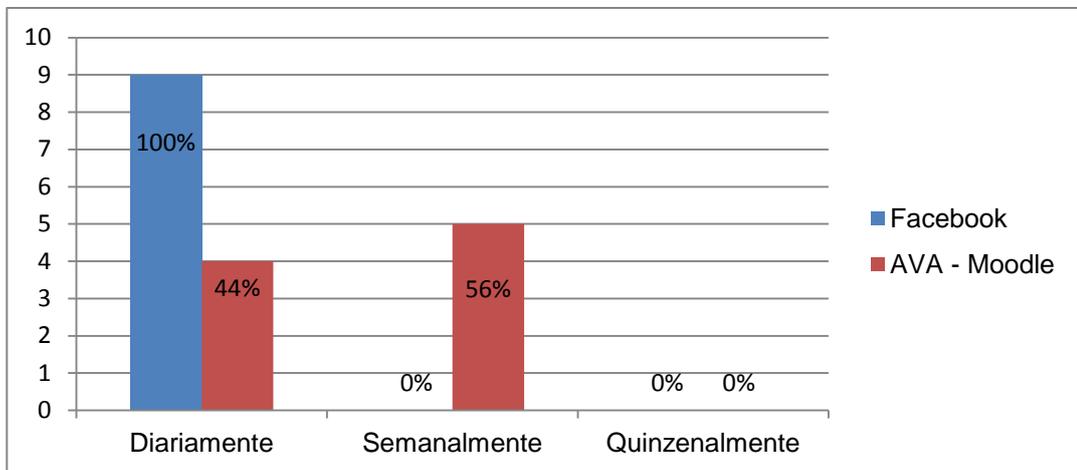
Gráfico 2 – Ferramenta de interação no AVA - Moodle

Fonte: Autoria própria, 2015.

Percebendo que o acesso no Moodle é menos fluído na rotina diária dos estudantes, sendo habitado como um espaço para os estudos, os estudantes destacam o processo de interação a partir de participação que possam efetivar sem depender da presença do outro. Os mesmos registram suas narrativas e impressões em um tempo e o retomam em outro.

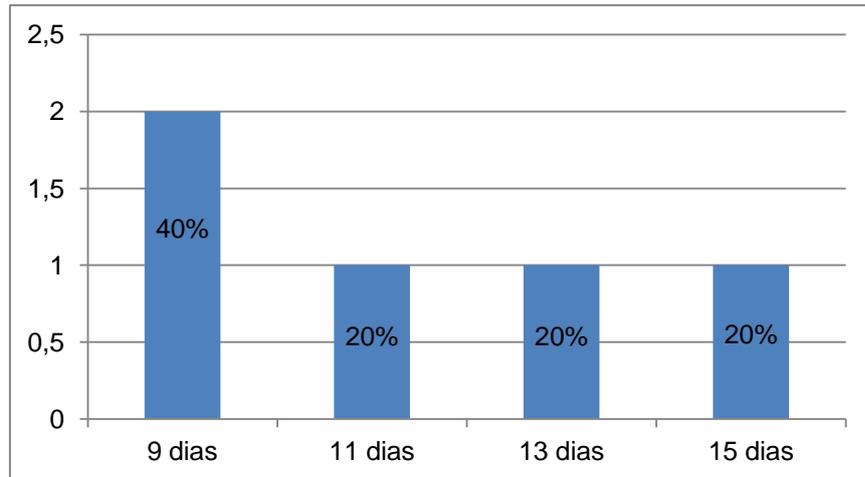
Quanto aos acessos no Facebook e AVA – Moodle, identificamos que no Facebook 100% dos estudantes acessam diariamente, e no Moodle a maioria dos estudantes acessa semanalmente. Vejamos essas expressões no gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Acesso no Facebook e AVA - Moodle



Fonte: Autoria própria, 2015.

A construção do gráfico para expressão desse resultado foi feita de forma integrada para analisar se ambos são utilizados em congruência e não em substituição. Ao perceber o maior acesso no Facebook, resgatei os dados no Moodle, onde foi constatado que os estudantes que responderam fazer acesso semanalmente no AVA, antes de participarem do grupo no Facebook, ficavam em torno de dez a quinze dias sem acessar o Moodle. Vejamos no gráfico a seguir essa expressão.

Gráfico 4 – Acesso no Moodle

Fonte: Autoria própria, 2015.

Podemos considerar que o movimento de utilização dos dois EDVs oportunizou um acesso mais frequente ao Moodle, ressaltando a proposta do hibridismo tecnológico digital.

Revelados através da análise do questionário, aspectos que caminham para a perspectiva apresentada neste estudo, podemos dizer que na experiência com os sujeitos do CLPD é possível identificar contribuições no uso de diferentes espaços para as atividades educacionais na EAD.

Sendo assim é importante seguirmos apresentando aspectos que deixam clara a formação de redes sociais e de comunicação, a partir das narrativas e processos de interação efetivados pelos sujeitos nos dois espaços analisados.

5 NARRATIVAS NOS ESPAÇOS DIGITAIS VIRTUAIS: ANÁLISE DAS INTERAÇÕES E DAS REDES

Conversa
Sentimento
Registro **Impressão**
Aproximação **Narrativa**
Expressão
Relato **Diálogo**

Percebendo um novo conceito para espaço onde revela uma compreensão mais ampla do habitar, que se efetiva por diferentes ações exercidas pelos sujeitos inseridos em múltiplos ambientes de convivência, buscou-se perceber qual a relevância deste movimento para os estudos da EAD através de análises das narrativas dos estudantes expressas em espaços digitais virtuais.

Nesse sentido é importante destacar a questão-problema que norteou essa pesquisa: **como as narrativas expressas pelos estudantes nos espaços digitais virtuais podem constituir redes sociais através das interações, implicando nas ações pedagógicas da EAD?**

Ao resgatar a questão-problema salientamos a importância das ações de análise, uma vez que as narrativas possibilitam uma visibilidade para o que se entende como viver e conviver nos EDVs. Sendo assim buscamos pontuar, através de alguns recortes das narrativas expressas pelos alunos, demonstrar que:

[...] atualmente sabemos que esse viver e conviver podem ocorrer tanto em contexto presenciais físicos, quanto em contextos digitais virtuais, na convergência entre “mundos físicos analógicos” e “mundos digitais virtuais”. Em ambos, é fundamental que professores e alunos configurem juntos esse espaço de convivência educacional, por meio de trocas num ambiente perpassado pelo respeito mútuo, solidariedade interna, colaboração e cooperação. (SCHLEMMER e LOPES, 2012).

Partindo disso ressaltamos o caminho metodológico que subsidiou a organização deste estudo, bem como as análises expressas.

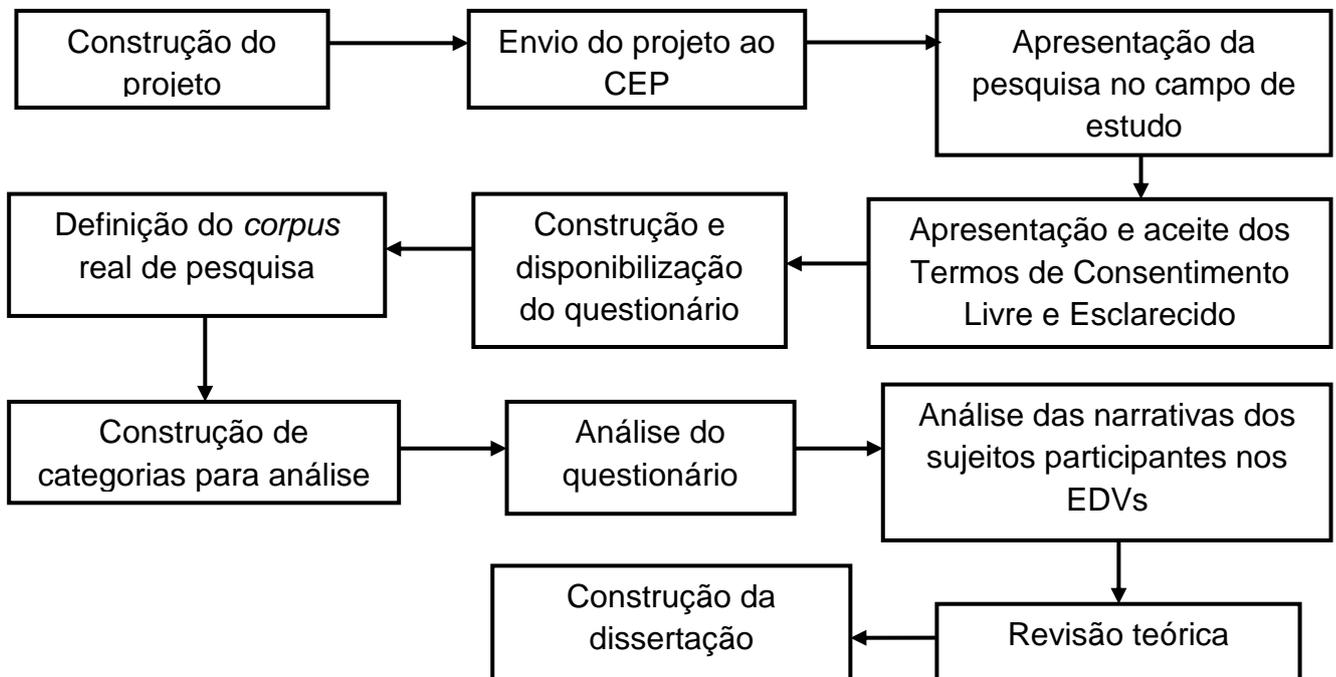
5.1 Caminho metodológico

Pesquisar contempla uma série de atividades que busca contribuir para ações no meio social, acadêmico e científico, apontando novas experiências e

conhecimentos para a área na qual está vinculada. Para Gil (2002, p. 17) a pesquisa é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” Uma vez definido o problema a ser pesquisado, é importante garantir uma organização que possibilite a execução da pesquisa.

Relacionar a importância da organização dos aspectos que compõem a pesquisa, bem como os instrumentos que serão utilizados para subsidiar o trabalho, são movimentos necessários a serem estabelecidos, a fim de proporcionar uma visão clara dos caminhos que serão trilhados. Podemos dizer que ao estruturar os passos da pesquisa construímos um mapa das ações, que tem a função “[...] de ser guia. Guia para chegarmos a alguma informação ou mesmo a algum conhecimento. Espécie de atalho ou caminho”(BIEMBENGUT, 2008, p. 11). Partindo do mapeamento é possível vislumbrar como serão conduzidas as ações em busca de responder a questão-problema. A presente pesquisa foi organizada em passos, sendo eles:

Figura 19 – Estrutura dos passos da pesquisa



Fonte: Autoria própria, 2015.

Os passos desenhados anteriormente foram baseados pela metodologia de **estudo de caso**, uma vez que “[...] a pesquisa estudo de caso envolve o estudo de

um caso dentro de um ambiente ou contexto contemporâneo da vida real” (CRESWELL, 2014, p. 86), portanto este estudo busca revelar, a partir de um caso, contribuições para as ações de ensino que tem suas atividades concretizadas através da modalidade de EAD.

Buscando delinear a escolha por essa metodologia de pesquisa, Yin (2005, p. 2) revela que “[...] um estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em seu contexto no mundo real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto puderem não estar claramente evidentes.”

Creswell (2014, p. 86) salienta ainda que:

A pesquisa de estudo de caso é uma abordagem qualitativa na qual o investigador explora um sistema delimitado contemporâneo da vida real (um caso) ou múltiplos sistemas delimitados (casos) ao longo do tempo, por meio da coleta de dados detalhada em profundidade envolvendo múltiplas fontes de informação.

Sendo assim a pesquisa trata de um caso que estuda as interações dos estudantes do CLPD em espaços digitais virtuais, o qual como a metodologia prevê não tem por objetivo criar certezas ou definições a partir do mesmo, mas sim revelar possíveis contribuições para as áreas que este estudo se vincula.

Através do caráter qualitativo, com expressões no viés quantitativo, foram efetivadas as análises partindo de instrumentos estruturados e dados empíricos, buscando atender as expectativas frente à temática abordada. Por tratar-se de um estudo de caso os aspectos de análise qualitativa são acentuados, utilizando os dados quantitativos para subsidiar um complemento, as reflexões, uma vez que, segundo Triviños (1987), a análise qualitativa pode ter apoio quantitativo.

A escolha por voltar os olhares com maior foco para as análises qualitativas surgem das considerações apresentadas por Denzin e Lincoln (2010, p. 17), revelando que:

[...] a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações, os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos (DENZIN e LINCOLN, 2010, p. 17).

As possibilidades apresentadas pela análise qualitativa deram suporte para estruturar instrumentos para pesquisa que enriqueceram as possíveis contribuições deste estudo.

5.2 Narrativas dos sujeitos nos espaços digitais virtuais

Como mencionando anteriormente esse estudo busca identificar como as narrativas⁴¹ expressas pelos estudantes nos espaços digitais virtuais podem constituir redes sociais e de comunicação a partir de suas interações, implicando nas ações pedagógicas da EAD. Para apresentar tal contribuição selecionamos recortes de interações realizadas pelos estudantes no Facebook e no Moodle buscando caracterizar as seguintes categorias para análise:

Estilo da narrativa: elementos que caracterizam como os participantes em ambos EDVs narram: tipo de expressão, como os envolvidos estabelecem as relações com o outro e como produzem suas escritas.

Essa categoria também revela o que os estudantes narram, buscando relação da vida pessoal com a acadêmica na produção das narrativas e os temas abordados.

Contribuições pedagógicas: busca elementos que evidenciem contribuições para as ações pedagógicas, seja através das interações, da formação de redes sociais ou no compartilhamento de materiais.

Relação de cooperação: através das narrativas busca-se encontrar interações que proporcionem relações de cooperação nas atividades do curso e/ou na vida social.

Partindo das três categorias foram selecionadas algumas das narrativas dos nove sujeitos envolvidos para delinear os aspectos revelados em cada uma delas.

Conceituado o entendimento de narrativa, relacionamos com a atividade de conversar em espaços geograficamente localizados, uma vez que em EDVs essa atividade é realizada através da produção de narrativas.

⁴¹ Entende-se neste estudo o conceito de narrativa como as expressões dos sujeitos encontradas através de seus relatos e emoções produzidos para estabelecer ações de comunicação e interação nos EDVs. Campos e Furtado (2008, p. 1091), citam o autor Paul Ricouer ao situar a origem da narrativa. Ricouer revela sua origem “[...] na Poética de Aristóteles e nas aporias do ser e não-ser do tempo de Santo Agostinho. Para esse autor, a narrativa seria uma operação mediadora entre a **experiência viva e o discurso.**”

A conversa é uma atividade humana na qual as pessoas interagem entre si e é considerada a primeira forma de linguagem que o homem é submetido em sua vida. Por meio dela, os homens podem se relacionar uns com os outros e, ao ocorrer entre dois ou mais interlocutores, torna-se essencial para a construção das redes sociais (CONSONI, 2013, p. 113).

Nesse sentido Consoni (2013, p. 113) contribui dizendo que:

Há sistemas que são mais propícios à conversação online como os aplicativos para bate-papo online (chat) que permitem a interação síncrona. No entanto, existem espaços para a conversação que são assíncronos e também potencializam interações e conversações [...].

Entendendo o ato de narrar como atividade constante para expressar, emocionar, relatar e assim comunicar e interagir destacamos a seguir, em subtítulos, narrativas que atendem as três categorias criadas para análise neste estudo.

5.2.1 Estilo da narrativa

A categoria denominada Estilo de narrativa buscou identificar como os estudantes narram suas participações nos EDVs. Inicialmente iremos revelar as expressões encontradas no Facebook, onde ao analisar as narrativas dos sujeitos percebe-se uma construção bastante pessoal, sem muitos cuidados com o que se escreve, utilizando diversas expressões carregadas de sentimentos e identidade. Vejamos o recorte transcrito:

Pat: Oi povo está aberto nosso grupo. Aqui podemos conversar nessa caixa de mensagem ou no nosso grupo. Inseri todos nós e nossos tutores presenciais. Eu vou ficar sempre aqui trazendo as notícias. Não deixem de acessar as atividade do AVA. Abraço.
Pau: Uhuu muito bom
Hum: Que legal ainda to me acostumando mas vamos lá.
Cri: Que legal vamos esperar todos!
Pat: É igual usar os nossos faces Hum
Pau: Rapidinho tu pega prática
Hum: valeu meninas
Cri: pessoal todos foram inseridos?
Pat: sim Cri todos agora cada um vai participando.
Ali: muito bom povo bj
Cri: que bom Pat.

O primeiro recorte foi retirado das primeiras narrativas expressas através do recurso de mensagem instantânea. Podemos perceber que os estudantes

participantes nesse momento de interação demonstram empolgação ao habitarem um novo espaço para atividades de comunicação. Destaco que um deles ainda revela estar buscando compreender da melhor forma a utilização desse tipo de comunicação, que logo é incentivado pelos demais a prosseguir, apresentando um espírito de coletividade nas relações que estabelecem essa primeira rede através da interação. Assim saliento o pensamento de Moran (2011, p. 61), que nos diz “na sociedade da informação, todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar; reaprendendo a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social.”

Expressões que nos remetem a semelhança de um diálogo (*povo, uhuu, pega prática*) trazem um caráter vivo para a participação, tornando a narrativa uma produção em tempo vivido de forma significativa.

Seguindo para as análises que possibilitam aprofundar o estilo de narrativa dos estudantes o recorte a seguir reforça alguns traços característicos nessa busca:

<p><i>Cla: galera to loca ou é até hj para postar o trabalho.</i> <i>Pat: sim Cla até as 23:55</i> <i>Cla: me ferrei não fiz nada</i> <i>Pat: faz o que conseguir posta pelo menos uma parte e depois reposta</i> <i>Cla: Vou fazer isso</i> <i>Van: também não poste nada ainda heheh</i> <i>Cla: pelo menos não ferro sozinha bj gurias</i> <i>Pat: faz isso Van</i> <i>Hum: que meninas sem compromisso eu já poste tudo heheheh</i> <i>Pat: eu também Hum</i> <i>Van: vcs são mara heheh</i></p>
--

A partir da produção das narrativas no recorte acima percebe-se a utilização do ambiente de forma bastante familiar, onde através das interações de ajuda, podemos ver brincadeiras e sentimentos. Através desta interação podemos ver que são trocadas informações de maneira descontraída, que também integram o grupo. Expressões como (*me ferrei, to loca, vcs são mara*) e a brincadeira feita por um dos estudantes chamando as colegas que não realizaram a tarefa no AVA de *sem compromisso*, demonstram a vivência entre os sujeitos de forma normal, sem ensaios ou preparações para registrar suas narrativas que revelam significado no movimento de participação dos estudantes.

A esse respeito Cunha (1997) ilustra em suas pesquisas que:

Inicialmente tínhamos a perspectiva de que as narrativas constituíam a mais fidedigna descrição dos fatos e era esta fidedignidade que estaria “garantindo” consistência à pesquisa. Logo nos apercebemos que as apreensões que constituem as narrativas dos sujeitos são a sua representação da realidade e, como tal, estão pudes de significados e reinterpretações.

Ao buscar elementos que permitissem identificar o estilo de narrativa criada pelos estudantes no Facebook percebe-se que os mesmos utilizam esse espaço como espaço de uma conversa informal, utilizam abreviaturas, expressões populares. Se perguntarmos **como narram**, podemos dizer que de forma pessoal e participativa, convidando os inseridos a participar do diálogo. Mesmo em pequenas produções é possível perceber tais fatores, os quais caracterizam um estilo de narrativa pessoal e informal.

Partindo da transcrição das narrativas, percebe-se a pouca preocupação com o cuidado da escrita, apresentando erros ortográficos e dialetos que não seguem a escrita padrão, o que por vezes pode dificultar o entendimento da produção.

Destacamos que esse indicador precisa de um maior olhar, uma vez que é preciso qualificar o processo de produção escrita, seja em trabalhos acadêmicos ou na comunicação através dos EDVs.

Vitória (2006, p. 211) nos diz que:

[...] ainda se encontra alunos que têm o que dizer, mas não sabem como fazê-lo. Encontramos, também, limitações de tempo para o exercício da escritura e, ainda, falta de motivação por parte de sujeitos que não reconhecem na escrita uma oportunidade de se colocarem no mundo, além de uma forma de entender a realidade que os cerca.

No que a autora apresenta, é possível perceber que o processo de escrita deve contemplar a realidade e o entendimento sobre aquilo que se produz, ainda mais quando falamos em narrativas, porém não abre mão de considerar o cuidado com a escrita, salientando que “[...] de pouco adianta termos o que dizer se não soubermos como fazê-lo, ou ainda, saber como dizer, quando não há nada para expressar.” (VITÓRIA, 2006, p. 213).

Assim destacamos que o processo de produção escrita das narrativas, deve contemplar uma relação dialógica entre o que se narra e como se narra, buscando utilizar os espaços de comunicação e interação para um exercício que possa contribuir na aprendizagem e qualificar a escrita, tendo em vista “[...] que escrever nessa situação que transita entre a formalidade e a contribuição pessoal exige uma

maior autonomia por parte do sujeito escritor/produtor, já que não há protocolos nem modelos a serem seguidos.” (VITÓRIA, 2006, p. 211).

Ainda destacamos a partir das narrativas expressas no Facebook, as relações com as atividades realizadas nos espaços geograficamente localizados, percebendo um viver em coexistência.

Rob: Sim mas na minha escola precisa da carta da prefeitura e eles só liberao e eu for la daí ainda não consegui ir por isso não comecei.
Van: a minha foi bem fácil fui direto na escola
Pau: a minha também Van
Pau: que coisa Rob mas fica tranqüila que vai dar tudo certo tu vai ver
Rob: sim so vou demorar um pouco mais pra começa o estagio
Pau: meninas vou sair um pouquinho o fogão me espera mas to de olho no celular acompanhando
Van: ta bom vai sim vou ficar por aqui navegando
Rob: eu to fazendo janta mas ta quase
Van: o que tem de bom?
Rob: Massa com galinha
Van: eu querooooo

Podemos ver, ao interagirem, que os espaços que habitam são híbridos, uma vez que ao dizer que ia realizar uma atividade que necessitava de sua presença em um local físico a estudante coloca que continuará de *olho na conversa*, através de seu celular e logo depois vemos as outras duas estudantes, ao interagirem, revelarem que uma delas estava interagindo e cozinhando.

A disponibilidade de participar desses momentos de interação a partir de aparelhos móveis caracteriza, além da presença híbrida, relações de participação ubíqua, onde é possível:

Estar aqui e lá, desempenhar múltiplas tarefas ao mesmo tempo, distribuir nossa atenção entre diferentes mídias e rotinas de comunicação é uma experiência cotidiana para um número crescente de pessoas. Com isso a presença face a face é complementada pela copresença real ou imaginária e pela copresença virtual (SANTAELLA, 2010, p. 78).

Outro fator interessante é perceber que em um pequeno espaço de tempo (cronológico) as narrativas mudam o tema que proporciona a interação, iniciam falando de atividades do estágio e rapidamente trocam o assunto para o que está sendo feito nos espaços físicos, uma vez que:

Nesses diferentes domínios, constituímos redes, integramos comunidades digitais que nos conectam a outras pessoas. Assim, temos amigos, trabalhos, relacionamentos, compramos, vendemos, estudamos,

pesquisamos, jogamos num novo contexto, não mais somente analógico, mas também digital (SCHLEMMER e LOPES, 2012).

Percebe-se também que no Facebook os estudantes além de utilizarem expressões menos formais, deixam de cuidar a ortografia, muitas vezes escrevendo como se fala ou incorretamente.

Ao analisarmos as narrativas no Moodle percebem-se indicadores diferenciados onde existe um pouco mais de cuidado com a escrita, deixando de utilizar expressões da rotina, porém sem perder a proximidade na interação. Cabe destacar que as análises no Moodle foram feitas com recorte da ferramenta Fórum, por esta ser a mais utilizada pelos estudantes, a qual se diferencia da analisada no Facebook, uma vez que uma proporciona a comunicação síncrona (mensagem instantânea) e a outra assíncrona (fórum).

Pat:

Bah com certeza colegas, foi muito boa a aula desta quarta. Apesar de ser cansativo pelo nosso nervosismo e ansiedade, e por ter-se estendido, foi muito bom, rimos muito e interagimos muito. Com certeza todos saímos com vários sinais na memória. Libras foi um eixo muito difícil, mas tenho certeza que todos nós aprendemos um pouquinho, alguns mais outros menos, mas TODOS aprendemos algo de libras. ;)

Hum:

Nossa última aula foi super diferente, pois tivemos que mostrar um pouco o que aprendemos em libras. Alguns sinais têm alguma diferença de região pra região, mas foi divertido fazer o vídeo e depois ver os vídeos dos colegas que foram muito criativos. Boas férias a todos.

Ali:

Conforme o colega comentou, a ultima aula foi muitooooo boa, a web em Libras nos deu a oportunidade de interagir tanto com a professora e com os colegas, aprendemos mais e o envolvimento da turma é muito importante e isso aconteceu.

Percebemos nas narrativas selecionadas que no espaço do fórum os estudantes registram suas impressões e pouco interagem, tendo um caráter mais de participação no espaço. Se voltarmos a análise do questionário podemos atribuir esse movimento devido as ações de comunicação no Moodle ocorrerem para situações mais formais, voltadas às atividades dispostas nele.

Voltando a identificar **o que narram**, percebe-se um misto de narrativas com informações referentes às atividades do curso e da vida pessoal. No Facebook esses movimentos são realizados com mais frequência, e no Moodle as narrativas dedicam-se a explorar assuntos dedicados aos estudos.

Sendo assim podemos dizer que o estilo de narrativa desse grupo baseia-se na informalidade como se expressam, carregadas de sentimentos e particularidades, onde relatam suas vidas, atividades de estudos e trabalho. Ainda destaco que no Facebook apresentam um caráter voltado a interação através do uso de ferramentas síncronas e no Moodle de participação através de ferramentas assíncronas.

5.2.2 Contribuições pedagógicas

A categoria, que revela as contribuições pedagógicas através das narrativas dos estudantes, buscou elementos que apresentem esse movimento, o qual se caracterizou conforme os recortes transcritos:

Van: Galera to adorando nossas conversas adorei esse vídeo axo que vai nos ajudar. Vou postar no grupo Bj
Ali: muito legal já tinha visto.
Van: Legal né eu assisti na formação da escola
Ali: sim gostei
Pau: Van não consigo ver o vídeo me manda o link?
Ali: Ta lá no grupo amiga
Pau: Não achei
Van: Oi
Ali: vou copiar pra ti o link
Van: não consegui ver Pau? É do youtube
Ali: <https://www.youtube.com/watch?v=VC16GV0ltjY>
Pau: Não.
Pau: Brigada Ali.
Van: conseguiu Pau?
Pau: Agora sim to vendo.
Van: Legal né gurias, gostei quando ela mostra os sinais bem básico
Ali: uns eu já sabia, e os outros achei bem fácil.
Pau: Adorei.

A partir da interação acima vemos o compartilhamento de um vídeo referente ao conteúdo proposto nas atividades do Moodle. As estudantes compartilham suas impressões sobre o material disponibilizado, demonstrando interesse pelo mesmo, que não faz parte do que está disposto para os estudos, assim expandindo as possibilidades de entendimento frente ao assunto.

Podemos ver a atividade de compartilhar materiais como movimento contínuo através das interações no Facebook:

Van: Pessoal sabem a tarefa da motricidade o que acharam?

Mar: Bem legal eu gostei pois antes eu ouvia falar e nem sabia o que era.
 Van: Pior. Olhem esse vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=rZ4eDKif7hs>
 Mar: Gostei de saber dos tipos de movimento.
 Cla: Gente que loucura me descobri acho que ninguém trabalhou minha motricidade fina. Heheheh
 Van: hehehe
 Mar: legal o vídeo, da pra fazer essas atividades no estágio.
 Cla: Vou olhar.
 Pat: Pessoal vcs viram as sugestões de atividades motoras, bem legal ta no fórum
 Van: não vi, olha o vídeo Pat
 Pat: Vou ver sim coloca no Fórum também nas sugestões de materiais.
 Pat: vejam essa reportagem da nova escola - <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/chao-giz-422888.shtml>
 Rob: Galera cada mensagem que entra faz um barulhinho no meu cel, vamos pedir para por esse barulho no Ava quando entrar tarefa.
 Cla: Boa Rob.

Através dos materiais disponibilizados os estudantes criam novos entendimentos, expandindo as relações de seus estudos em uma determinada disciplina (eixo) para outros.

Essa ação também ocorre no Moodle através da produção de narrativas de participação no espaço do fórum.

Oi Pessoas!!!
 Em anexo alguns planos como sugestão para reflexão e uma tabela com verbos para criar objetivos.

Rob:

PLANEJAR É PRECISO

Rosa Maria Antunes de Barros

O planejamento sempre foi um instrumento importante para o ser humano, em qualquer setor da vida em sociedade: no governo, na empresa, no comércio, em casa, na igreja ou na escola. Planejar torna possível definir o que queremos a curto, médio e longo prazo; prever situações e obter recursos; organizar as atividades; dividir tarefas para facilitar o trabalho; avaliar.

Nem sempre nos damos conta de como o planejamento está presente em nosso dia-a-dia. Até mesmo uma ida ao mercado requer planejamento, para evitar compras desnecessárias e excessos no orçamento.

Mas isso não afasta os improvisos, que fazem parte da vida e também são esperados, em um planejamento – às vezes, são eles que dão 'aquele tom', isto é, mais realce e qualidade àquilo que estamos pretendendo.

Mas, e na escola, como é o planejamento?

Para muitos, é o cumprimento de uma exigência burocrática de diretores e supervisores de ensino. Muitos professores reclamam pelo tempo que 'perdem' elaborando um plano de trabalho e muitas vezes nem chegam a consultá-lo ao longo do ano. Um documento preparado com esse espírito com certeza não tem função no cotidiano, pois não atende a uma necessidade prática. E o que acaba acontecendo, então? De tudo um pouco.

- Alguns professores dão aulas de improviso: Na hora eu resolvo o que vou trabalhar com os alunos.

- Outros transformam o livro didático em plano de trabalho e dizem: É mais prático, não

tenho tempo para ficar inventando novidades.

- *Outros, ainda, copiam todos os anos o mesmo plano: Afinal, para que mudar? Ninguém vai ler mesmo!*

- *E há aqueles que fazem pequenas modificações nos planos anteriores, nem sempre muito significativas.*

Texto a ser publicado em "Cadernos da TV Escola", Brasília MEC/SEF 1999.

Adoreiiiiiiiiiiiiiiii pessoal.

Mar:

Oi Rob!!

Também gostei muito, lógico que as vezes a situação nos permite improvisar, mas improvisar sempre concordo é falta de responsabilidade.

Essas ações qualificam os entendimentos e proporcionam problematizações frente ao que é planejado pelos professores responsáveis pela organização dos materiais no Moodle.

Portanto a categoria revela que, tanto no Moodle como no Facebook, as ações de compartilhar materiais, seja através da interação ou da participação, ampliam as possibilidades de estudos dos envolvidos nestes espaços, não limitando suas pesquisas e explorações a somente o que é previsto pelo docente, onde os materiais pesquisados e disponibilizados são acompanhados de narrativas que possibilitam organizar e sistematizar caminhos para novas aprendizagens.

Sendo assim resgatamos o que Cunha (1997) revela:

[...] a produção de narrativas serve, ao mesmo tempo, como procedimento de pesquisa e como alternativa de formação. Ela permite o desvendar de elementos quase misteriosos por parte do próprio sujeito da narração que, muitas vezes, nunca havia sido estimulado a expressar organizadamente seus pensamentos.

5.2.3 Relação de cooperação

As relações de cooperação, última categoria elencada para as análises das narrativas, pode ser identificada ao longo das demais categorias, onde é possível perceber tais relações através das interações e participações em ambos os EDVs analisados, uma vez que entendemos essa categoria como extremamente importante com base no que Maturana (1999, p. 29) diz:

[...] o educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço da convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca.

Vejam os recortes de narrativas a partir das interações no Facebook:

Pat: Pessoal, movimento novo no Eixo de Estágio em Gestão. Olhem no AVA
Hum: Não consegui acessar o texto do Vitor Paro que a prof. Disse que no AVA vocês já conseguiram?
Rob: Boa tarde grupo vcs já postaram o relatório do estágio?
Pat: Oi Rob eu já mas é até semana que vem.
Pat: Hum ta no fórum de avisos e notícias.
Hum: vou ver valeu Pat.
Cri: Rob eu também não postei tive que mudar meu cronograma o teu ficou igual o da postagem do planejamento?
Rob: Aham vou postar hj já terminei o estágio. Acho que ficou bom. Heeheheh
Cri: claro colega tenho certeza q ficou ótimo. Só to com duvida no meu cronograma, será que aconteceu com mais alguém?
Pat: Cri fala com o prof que é teu orientador.
Rob: Bj meninas vou dar banho na filha.
Cri: to mandando mensagem no AVA agora
Pat: Bj Rob.
Pat: Isso
Cri: Bj
Hum: Achei o texto pessoal, obrigado
Pat: que bom agora vai ler e depois diz que achou.
Hum: Ok
Cri: Depois que ele me responder eu compartilho com todos
Pat: Ótimo

Nesse recorte percebemos claramente as ações de cooperação através das informações de uma atividade. De forma bastante descontraída a estudante pede ajuda às demais colegas para realizar a sua atividade, e interage com os colegas em busca de resolver seu problema com base nas experiências dos mesmos. Não conseguindo resolver com o auxílio dos colegas ela utiliza o Moodle para expandir suas possibilidades de resposta procurando o professor orientador.

Podemos perceber também que nessa interação dois assuntos são discutidos, onde diferentes redes se formam entre os estudantes.

No Moodle o movimento ocorre por envio de mensagens ou chat, onde os alunos narram suas dúvidas e interagem com estudantes e professores. Vejamos as narrativas através do envio de mensagem – salientamos que essa análise foi feita a partir do recebimento da mensagem de um estudante através do Moodle, uma vez que éramos o orientador do eixo referente à atividade que o estudante necessitava auxílio:

Cri:
Prof. Tudo bem? Fiz todo meu relatório bonitinho só estou com uma dúvida.

*Em Pinhal foi feriado em um dos dias do meu estágio e eu tive que pular a atividade prevista e fazer ela no dia que eu recuperei esse dia.
Como eu faço deixo tudo igual ou tenho que fazer tudo de novo?
Abraço
Cri*

*Prof. Edu:
Oi querida tudo certo e com você?
Tranquilo isso é normal, tu conseguiu realizar a mesma atividade no dia que recuperou o feriado?
Caso só tenha mudado o dia e não a atividade, tu pode colocar uma observação na descrição do planejamento desse dia dizendo o que ocorreu e quando a atividade foi feita.
Nos comentários segue tua observação normalmente.
Certo?
Abraço*

*Obrigada prof.
Abraço Cri*

Através do recurso de mensagem, a estudante e o professor interagem, demonstrando uma das ferramentas disponíveis no Moodle para as relações de apoio.

Ainda no AVA temos o chat, conforme apresentado anteriormente, este é muito semelhante ao recurso de mensagem do Facebook, porém mesmo sendo uma ferramenta síncrona, acontece em horários definidos. Vejamos:

*Prof. Edu: Olá Van, tudo bem?
Van: Oi prof tudo
Van: prof ainda não postei a tarefa pois meu note novo é com linux e daí não tem word
Prof. Edu: usa o editor de texto dele que é a mesma coisa, se não me engano é o br.office
Van: sim prof esse tem mas da pra ser
Prof. Edu: Sim querida!
Van: que bom então vou tentar*

Com isso podemos dizer que essa categoria revela que Moodle e Facebook são espaços que possibilitam relações de auxílio aos envolvidos, uma vez que novamente essa ação se caracteriza pela rapidez da informação disponível nas interações do Facebook e no Moodle, pelos diferentes espaços que possibilitam acompanhar efetivamente os estudantes em sua caminhada.

A fim de sistematizar as três categorias analisadas neste estudo vejamos a tabela a seguir:

Tabela 4 – Síntese das categorias de análise

CATEGORIA	SÍNTESE DA ANÁLISE
Estilo de narrativa	Informalidade nas expressões carregadas de sentimentos e particularidades; Coexistência nos espaços; Narrativas relacionadas à vida, ao trabalho e aos estudos;
Contribuições pedagógicas	Trocas através de problematizações, leituras e interações; Compartilhando materiais externos aos dispostos no Moodle entre os estudantes.
Relação de cooperação	Apoio entre todos os participantes com informações divulgadas nos EDVs habitados; Interação através de recursos do Facebook; Interação com docentes através de recursos do Moodle.

Fonte: Autoria própria, 2015.

5.3 Redes e narrativas: interação em EDVs

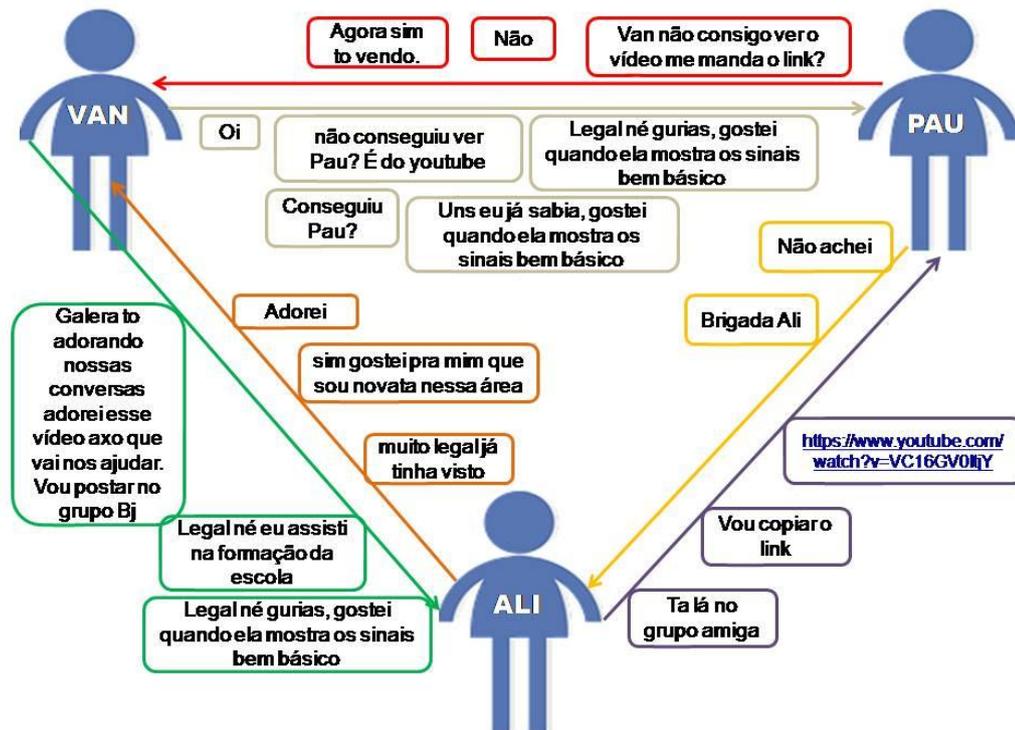
Revelando as análises do presente estudo, bem como as concepções que o norteiam, torna-se relevante demonstrar como as redes são constituídas através da produção de narrativas dos sujeitos participantes da pesquisa.

A rede percebida como fator que contribui para as ações da EAD está vinculada ao conceito de rede social, onde as interações que podem narrar aspectos pedagógicos ou da vida pessoal trazem efeitos positivos para as relações dos sujeitos e consequentemente de seus estudos.

Conforme conceituado anteriormente, segundo Recuero (2010) as redes sociais se constituem de atores e suas conexões, e tais redes possibilitam pensar no Facebook como uma rede social que coexiste com o Moodle nas ações dos sujeitos, dando visibilidade ao hibridismo tecnológico digital, Backes (2013b).

Sendo assim a figura a seguir ilustra como se percebe a formação das redes através da produção de narrativas.

Figura 20 – Formação das redes



Fonte: Autoria própria, 2015.

Vemos na figura as interações que se estabelecem entre três **atores**. Através das narrativas expressas trocam informações e dialogam frente a postagem que iniciou esse processo. A partir desse movimento podemos enxergar a constituição da rede, revelando as conexões que estabelecem ao narrarem suas participações.

É importante destacar que, ao estudar a formação das redes voltadas ao social, muitos temas podem envolver as narrativas, sejam eles referentes à vida pessoal ou aos estudos. Na formação de redes sociais esse movimento torna possível seu surgimento, sendo que:

A ideia de relação social é independente do seu conteúdo. O conteúdo de uma ou várias interações auxilia a definir o tipo de relação social [...] Do mesmo modo, a interação também possui conteúdo [...] O conteúdo constitui-se naquilo que é trocado através das trocas de mensagem e auxilia a definir a relação (RECUERO, 2010, p. 37).

Ao trazer para este estudo o conceito de relação como elemento que constitui a rede, é possível identificar que os estudantes efetivam relações que dizem respeito as suas rotinas de vida e também aos estudos, dialogam e produzem suas narrativas como uma conversação face a face. As aproximações dos estudantes

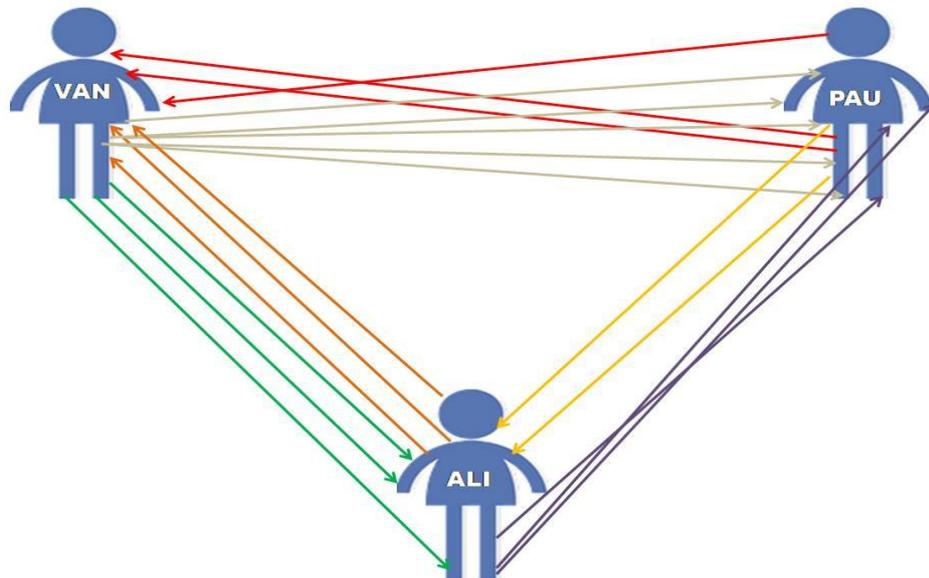
através dos EDVs constituem o fortalecimento dessas relações, através de múltiplos temas que formam o conteúdo de suas interações, tornando os espaços habitados não somente voltados ao existir com outros sujeitos, mas sim ao conviver com eles.

A esse respeito, Recuero (2010, p. 37) ainda contribui revelando que “as relações podem ser mediadas pelo computador, da mesma forma que a interação. Neste caso, a relação poderá ser diferente da relação que aconteceria em um quadro de interação face a face devido às limitações contextuais da mediação.”

Novamente salientamos que a ideia deste estudo não propõe comparativos, mas sim novas possibilidades, que voltam os olhares para a coexistência nos espaços.

Buscando demonstrar a formação das redes na figura a seguir substituímos cada narrativa expressa por flechas, demonstrando a teia que se forma através das **conexões**.

Figura 21 – Conexões dos atores



Fonte: Autoria própria, 2015.

Percebemos pela ilustração que os sujeitos interagem através de suas participações, tendo vários pontos de origem e seguimento. Analisar tanto o Moodle como o Facebook, voltados a encontrar aspectos relevantes para a comunicação e formação de redes através das interações, nos leva a defini-los como EDVs que proporcionam um ambiente comunicacional, tendo em vista que “todos os tipos de

ambiente comunicacionais que surgiram e continuam a surgir nas redes constituem-se em formas culturais e socializadoras” (SANTAELLA, 2010, p. 265).

Nesse viés resgatamos a formação de um grupo na rede social Facebook, que permite aos estudantes expandirem seus universos de estarem presentes e participantes em atividades de um grupo que busca uma formação ofertada em EAD.

A criação do grupo no Facebook segue a ideia de comunidade virtual, entendendo assim que:

As comunidades virtuais passaram a designar as novas espécies de associações fluidas e flexíveis de pessoas, ligadas através de fios invisíveis das redes que se cruzam pelos quatro cantos do globo, permitindo que os usuários se organizem espontaneamente “para discutir, para viver papéis, para exhibir-se, para contar piadas, para procurar companhia ou apenas para olhar [...]” (SANTAELLA, 2010, p. 265-266).

Através da informalidade e da participação ativa efetivada, as relações estabelecidas entre os sujeitos na participação de fóruns e realização de tarefas no AVA e nas interações síncronas do Facebook percebe-se a construção de processos comunicativos que, conforme Santaella (2010) revela, intensificam o poder da subjetividade na formação das redes que se estabelecem.

Portanto, através da percepção das conexões, das possibilidades apresentadas e das análises podemos destacar o processo de formação das redes através de narrativas em EDVs da seguinte forma:

- a) No Facebook as redes são formadas pelos processos intensos de interação, onde existe a coexistência da presença em espaços físicos geograficamente localizados e na rede social.
- b) No Moodle estas redes são formadas através das trocas que são construídas através das narrações expressas nos fóruns, que compreendem um tempo cronológico mais longo, por ser estabelecida em recursos de comunicação assíncronos.

Apresentar separadamente os indicadores que levam a algumas considerações que esse estudo propõe não descaracteriza a ideia de que são espaços utilizados de forma híbrida, uma vez que cada um deles apresenta especificidades que legitimam suas necessidades nas ações dos estudantes.

6 CONSIDERAÇÕES E PROSPECÇÕES: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESPAÇOS NA EAD



Durante este estudo foram apresentadas questões que abordam o surgimento e evolução da EAD, bem como as possibilidades do ciberespaço e as análises de processos que revelam a formação de redes sociais a partir de narrativas através de interações no Facebook.

Como este estudo revela, nossa sociedade vem mudando frente às novas possibilidades apresentadas pelo ciberespaço e assim pelo novo pensar os meios de deflagrar a educação. No que tange a EAD vemos como grande avanço a construção dos AVAs que possibilitam relações entre os estudantes e docentes de forma que o ensino ocorra considerando a importância da comunicação e do acompanhamento.

A partir de recortes de interações de estudantes de um curso ofertado na modalidade de EAD percebeu-se que é possível expandir as possibilidades de qualificar os processos educativos, que não exigem a presencialidade física, e assim utilizar de forma favorável o que as TDs nos oferecem, permitindo ampliar nossos conhecimentos e relações através de redes sociais e espaços virtuais de aprendizagem.

Desconstruir a ideia de que precisamos estar em locais determinados para conhecer pessoas, registrar nossas emoções, sentimentos e viver novas experiências, permite avançar tanto no campo educacional como no social, percebendo que em um futuro que se pode fazer presente “o estudante viverá como explorador, como pesquisador, como caçador à espreita nesse imenso terreno que será o universo de informações, e veremos surgir, revalorizadas, novas relações humanas.” (McLUHAN, 1990).

As tecnologias digitais devem ser enaltecidas como a salvação das relações sociais e da educação, também não devem ser demonizadas como nos diz Santaella (2013a, p. 22), pelos seus malefícios, tendo em mente o grande potencial construtivo que elas revelam. Nesse sentido podemos dizer que tais benéficos e malefícios ocorrem também na vida física, onde nos deparamos com caminhos tortuosos e nem sempre favorecedores. O que cabe ressaltar de todo esse processo é que as TDs inauguram novas possibilidades que avançam e qualificam nossas possibilidades.

Se pensarmos no viés da colaboração desta pesquisa para os estudos da EAD, podemos ver o quanto à proposta de trabalho através do HTD possibilita que os estudantes, mesmo não presentes em uma sala de aula, se aproximem quanto grupo, desenvolvam mais autonomia, espírito de coletividade e pesquisem além do que lhes é proposto, tornando os momentos de formação significativos a partir da possibilidade de integrar suas vidas aos momentos de aprendizagem.

Afim de ampliar a visibilidade de contribuição desta pesquisa na área de estudo a qual se vincula, realizamos a busca no banco de dados de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) onde poucas produções nessa área foram encontradas. O índice mais expressivo na busca foi ao consultar pela chamada: Interação em Espaços Digitais nos quais a produção corresponde a vinte sete trabalhos, sendo somente oito com temáticas voltadas a educação.

Percebemos nas buscas pelas chamadas: redes sociais, redes e narrativas em espaços digitais virtuais, educação a distância e espaços, e ciberespaço na educação, um número pouco expressivo de produções voltados a contribuições na educação, os quais exploram e estão voltados, em sua maioria, para práticas educacionais do ensino presencial.

Ao realizar a pesquisa no banco de teses um dos fatores que chamou minha atenção foi a maior produção voltada aos estudos das redes sociais em áreas da saúde e psicologia.

Assim percebo a necessidade de ampliar as possibilidades dos estudos dos EDVs, conseqüentemente os que possibilitam redes sociais, para as ações na EAD, uma vez que explorar somente os Ambientes Virtuais de Aprendizagem não possibilitam continuar avançando frente aos limites e entraves dessa modalidade.

Atualmente vivemos em contextos onde o que realmente importa é estar presente, seja essa presença física ou virtual, pois as ações de participar, interagir,

criar redes sociais e tantos outros aspectos que podem surgir, fortalecem o conhecer e o aprender para vida e formação. Os EDVs surgem como uma nova possibilidade para esse movimento onde o conviver nos ensina através da exploração e do partilhar como o meio e com os sujeitos que estão a nossa volta.

Assim precisamos pensar em um presente voltado a visão futurista revelada por McLuhan (1990) ao dizer que através das redes os processos de comunicação irão proporcionar “diálogo antes de monólogo”.

Ainda diz que:

Um dia passaremos toda nossa vida na escola; um dia passaremos toda nossa vida em contato com o mundo, sem nada que os separe. Neste dia, educar-se será sinônimo de aprender a querer progredir, a melhorar; nesse dia educar não será sinônimo de formar e manter homens a meio caminho de suas possibilidades de desabrochamento, mas , ao contrário, abrir-se à essência e à plenitude da própria existência (McLUHAN, 1990 *apud* GADOTTI, 1993,p. 296).

Refletir frente às múltiplas possibilidades que os assuntos abordados nesse estudo revelam podem ser então um passo em direção **a educação que permite viver a plenitude da própria experiência?**

Muito ainda é necessário ser pesquisado, o que deixa uma prospecção para as futuras ações do pesquisador, como cidadão, estudante, docente e pesquisador.

Ao concluirmos esse estudo percebo, a cada nova leitura feita do mesmo, novos pontos a serem explorados, novos porquês. Vemos a riqueza ainda pouco explorada nessa área de estudo ao perceber que nossa vida atualmente ocorre de forma híbrida, pois “se pode estar aqui participando lá”, podemos conhecer o novo através dos EDVs, que permitem não somente o acesso a informação e sim a experiência e interação.

Os estudos na área da educação devem abraçar essa avalanche de novas possibilidades para os seus fazeres, percebendo um novo conceito para o existir e o estar presente, pois ela é o grande cenário que envolve e forma os sujeitos e a sociedade. Não podemos mais ter a visão da vida em fragmentos, de espaços distantes e separados. Chegou a hora de criar novas possibilidade e explorar o que não foi explorado e re-explorar o que já foi.

Vivemos em novo momento, podemos estar conectados e presentes...

Vivemos espaços que revelam menores distâncias para o saber e conviver...

Vivemos, aprendemos e formamos através do meio que estamos, seja ele físico ou virtual...

Vivemos em uma nova realidade, em novos espaços e tempos...

Parar é impossível, pois cada final revela um novo começo...

REFERÊNCIAS

BACKES, L. Espaço de Convivência Digital Virtual (ECODI): O acoplamento estrutural no processo de interação. **ETD. Educação Temática Digital**, v. 15, p. 337-355, 2013a. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/3966>>. Acesso em: 2014.

_____. Hibridismo Tecnológico Digital: configuração dos espaços digitais virtuais de convivência. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ELEARNING, III, 2013b, Lisboa. **Anais...**Lisboa: Editor Universidade Aberta, 2013. v. 1. p. 1-18. Disponível em: <<http://lead.uab.pt/OCS/index.php/CLB/club/paper/view/31>>. Acesso em: 2014.

BACKES, L.; SCHLEMMER, E. Práticas pedagógicas na perspectiva do hibridismo tecnológico digital. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 243-266, abr. 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2013000100012&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 2014.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

BIEMBENGUT, M. S. **Mapeamento na Pesquisa Educacional**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2008.

CAMPOS, R. T. O.; FURTADO, J. P. Narrativas: utilização napesquisa qualitativa em saúde. **Rev. Saúde Pública**, 42(6), p. 1090-1096, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42n6/7066.pdf>>.

CAPES. Disponível em: <<http://uab.capes.gov.br/>>. Acesso em: 2014.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CONSONI, G. B. Conversação on-line nos comentários de blogs: a organização e controle das conversas nas interações dialógicas no blog Melhores Mundos. In: PRIMO, A. F. T. (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CORRÊA, J. (Org.). **Educação a distância: orientações metodológicas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3.ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CUNHA, M. I. da. Conta-me agora: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 23 n. 1-2, jan./dec. 1997.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 42.reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GREVILLE, R. **A gestão dos sistemas de ensino a distância**. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Unesco, 2003.

GUARESCHI, P. A.; BIZ, O. **Mídia, educação e cidadania**: tudo o que você deve saber sobre mídia. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

JENKIS, H. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8.ed. 2.reimp. São Paulo: Papirus, 2013.

LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010a.

_____. **Cibercultura**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2010b.

LIMA, M. B. de; DE GRANDE, P. B. Diferentes formas de ser mulher na hipermídia. In: ROJO, R. (Org.). **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

MATTAR, J. **Tutoria e interação em Educação a Distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 19.ed. São Paulo: Papirus, 2011.

PABLOS, J. de. A visão disciplinar no espaço das tecnologias da informação e comunicação. In: SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores**: unidade teoria e prática? 10.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PRIMO, A. F. T. A emergência das comunidades virtuais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 20., 1997, Santos. **Anais...** Santos: [s/n], 1997. Disponível em:<http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf>.

_____. Interação Mútua e Interação Reativa: uma proposta de estudo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 21., 1998, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro.

_____. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. **404Not Found**, n. 45, 2005. Disponível em:<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_45.htm>

_____. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da Teoria Ator-Rede. **Contemporânea** (UFBA. Online), v. 10, p. 618-641, 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/6800/4681>>. Acesso em: 2014.

_____. **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. **Tecnologias paratransformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **A comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013a.

_____. Intersubjetividade nas redes digitais. In: PRIMO, A. **Interações em rede**. 1.ed. Porto Alegre: Sulina, 2013b, p. 33-47.

SANTOS, J. C. F. dos. **Aprendizagem significativa**: modalidades de aprendizagem e o papel do professor. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica geografia a uma geografia crítica. 6.ed. 2.reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SCHLEMMER, E. **AVA**: um ambiente de convivência interacionista construtivista sistêmico para comunidades virtuais na cultura da aprendizagem. Tese (Doutorado em Informática na Educação), UFRGS, Porto Alegre, 2002.

SCHLEMMER, E.; BACKES, L.; SOARES, H. C. M.; BANDEIRA, B. F. **Espaço de convivência digital virtual na formação de professores**: um estudo sobre as representações na interação.v. 1.São José dos Campos: Virtual Educa Brasil, 2007.

SCHLEMMER, E.; LOPES, D. de Q. Redes Sociais Digitais, Socialidade e MDV3D: Uma perspectiva da tecnologia - conceito ECODI para a Educação Online. **Colabor@**,v. 7, n. 28, 2012.

SILVA, R. N. da. Parcerias no Curso de Pedagogia a Distância: Para além do discurso. In: KIELING, J. F. (Org.). **A subjetividade do lugar dos professores na formação**: o curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da UFPel. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2010.

TELECURSO. Disponível em: <<http://telecurso.org.br/>>. Acesso em: 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNILASSALE. Disponível em: <<http://unilasalle.edu.br/canoas/ppg/educacao/>>. Acesso em: 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia a distância**. Pelotas: UFPEL, 2012.

VITÓRIA, Maria Inês Corte. Trabalho de conclusão para além da tarefa obrigatória, o reflexo de uma trajetória acadêmica. In: FARIA, E. T. (Org.). **Educação presencial e virtual**: espaços complementares essenciais na escola e na empresa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr(a) _____ está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: Redes e narrativas: uma análise das interações em espaços digitais virtuais que tem como objetivo: perceber como se constitui o processo de interação entre os estudantes por meio da mídia social digital, e como tais ações implicam em seus desempenhos frente às atividades de um curso ofertado na modalidade de EAD, partindo da proposta do hibridismo tecnológico digital. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de questionário e disponibilizar a captura de narrativas expressas na mídia digital social: Facebook do Grupo de Estudantes do CLPD da UFPEL – UABBP para análise.

Sr(a) _____ não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionados à sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área da Educação.

Sr(a) _____ receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o trabalho e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos.

Pesquisador responsável: Eduardo Rangel Ingrassia

Orientadora: Rosa Maria Filippozzi Martini

Endereço: Avenida Victor Barreto, 2.288, prédio 7, município de Canoas, RS.

Telefone: (51) 3476 8490 – (51) 82730773

E-mail: cead.cneduardo@gmail.com

Canoas, ____ de _____ de 20__.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: _____(assinatura)

Pesquisador: _____(assinatura)

Orientadora da Pesquisa: _____(assinatura)